

**Renato Machado dos Santos**

**A PETECA, O CAMPO DO LAZER E A DINÂMICA URBANA DE  
BELO HORIZONTE (1980 – 1994)**

**Belo Horizonte**  
**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG**  
**2011**

Renato Machado dos Santos

**A PETECA, O CAMPO DO LAZER E A DINÂMICA URBANA DE  
BELO HORIZONTE (1980-1994)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Linha de pesquisa: Lazer, História e Diversidade Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade de Melo.

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG  
2011

S237p Santos, Renato Machado dos  
2011 A peteca, o Campo do Lazer e a dinâmica urbana de Belo Horizonte (1980 – 1994. [manuscrito] / Renato Machado dos Santos– 2011.  
164 f., enc.:il.

Orientador: Victor Andrade Melo

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Bibliografia: f. 136-144

1. Lazer - Teses. 2. Peteca (Jogo) - Teses. 3. História oral - Teses I. Melo, Victor Andrade. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8(815.1)

**Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.**



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
**Mestrado em Lazer**  
Área Interdisciplinar

---

Dissertação intitulada **A peteca, o campo do lazer e a dinâmica urbana de Belo Horizonte (1980-1994)** de autoria do mestrando **Renato Machado dos Santos** defendida e aprovada em 21 de fevereiro de 2011, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (Orientador)  
Escola de Educação Física e Desportos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFMG

Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais

*A todos que compreenderam e compartilharam esta jornada e, principalmente, à Mônica, ao Gustavo e à Renata, pelo amor incondicional que nos une.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Victor, meu orientador, pela acolhida, pelo constante e grande incentivo desde o início dessa jornada.

Ao pessoal do CEMEF, pelo privilégio do convívio, pela possibilidade de troca de experiências e pelo muito que me ensinaram durante esses últimos anos em que me acolheram.

À Eustáquia e à Aleluia, pessoas iluminadas que todos deveriam conhecer na vida, pelo impulso em direção a sonhos possíveis.

À turma do Departamento de Educação Física do Colégio Santo Agostinho, pela paciência diante das insistências como também das ausências e silêncios. Em especial à Miryam, amiga e parceira de aulas no ensino fundamental.

Aos colegas da EspAsso, pelo compromisso e profissionalismo com que seguimos em frente no trabalho esportivo.

Às bibliotecárias da FAE e da FAFICH, pelo atendimento simpático e orientações durante as consultas do acervo bibliográfico.

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, pela presteza do atendimento, pelas idas e vindas em busca de fontes sobre o “Campo”.

Aos entrevistados, cada qual com seu exemplo de vida.

À FAE, que me emprestou as beiradas gramadas do seu campo de futebol para corridas de descanso e renovação de energias para seguir em frente na escrita.

À Mônica, que me apóia e me situa, pela paciência, compreensão, explosão e carinho. Aos ainda pequenos de olhos brilhantes Gustavo e Renata, que renovam minha felicidade dia após dia. Vocês são a minha vida.

Aos meus pais e irmãos, pelas palavras de incentivo, pela preocupação e pelo apoio constante às minhas decisões.

Obrigado Senhor por este dia, pela vida e pela fé. Sua Luz é a que me ilumina e me conduz.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como foco central o estudo de uma expressão de lazer da população de Belo Horizonte ainda pouco explorada no meio acadêmico. Nesse contexto, o objetivo é analisar a prática da peteca na cidade, nas décadas de 1980 e 1990, partindo de um local privilegiado: o Campo do Lazer. A proposta definiu-se no sentido de contribuir para a recuperação e a reflexão sobre a memória da peteca e do Campo do Lazer por meio da pesquisa histórica, com base em depoimentos, para o registro e a elaboração de um documento. Para a construção do referencial de análise, realizou-se o levantamento bibliográfico e documental. Foram estudados artigos, dissertações e teses relacionados ao lazer e à constituição do esporte moderno. A análise crítica teve como base autores que versam sobre o espaço urbano em diálogo com autores dedicados aos estudos do lazer. Em razão da escassez de registros que marcam o Campo do Lazer e da trajetória da peteca nesse período, foi necessário um esforço de caráter exploratório em busca de fontes e rigor na seleção e interpretação de jornais, revistas, imagens e outras fontes encontradas. Diante da obscuridade resultante da ausência de documentos, recorreu-se à metodologia da História Oral. Dessa forma, é interesse determinante nesta pesquisa, com base em informações advindas de fontes documentais, constituir novas fontes por meio de fontes orais. Isso elevou a importância da memória oral dos sujeitos que, de alguma forma, participaram da sua história. Os fatos passados, anteriores à constituição do Campo do Lazer, serviram tanto para o entendimento da sua ocupação pelos praticantes de peteca como para a compreensão do papel dele na formação de grupos de prática naquelas décadas, irradiando influências pela cidade.

**Palavras-chave:** Lazer. Peteca. Campo do Lazer. História Oral.

## ABSTRACT

This research has as its main focus the study of a pleasing activity of the dwellers of Belo Horizonte that is still unusual in the academic field. On this subject, we have as a goal the analysis of *Peteca* (a game played on a court in which bare hands are used to volley a feather shuttlecock over a net) in the city between 1980's and 1990's, starting from what is considered one of the best places to practice, *Campo do Lazer* (Leisure Place). The goal was defined into the basis of helping the retrieval and reflection about the memory of *Peteca* and *Campo do Lazer* throughout historical research, based on testimonies, allowing the entry and the elaboration of a document. In order to frame an analysis referential, a bibliographical and documental survey was made. Articles, thesis and essays related to leisure and modern sport formation were analyzed. The critical review was based on authors who cover urban places in dialogue with others who focus their study on leisure. Taking into consideration the deficit of records related to *Campo do Lazer* and the path of the practice of *Peteca* during the mentioned period of time, it was needed an exploratory like effort to search for sources and accuracy for sorting out and reading newspapers, magazines, images and others. Facing an obscurity of facts due to the absence of documentation, the Oral History methodology was attempted. Therefore it is causal concern of this research, on account of information resulting from documental sources, to make new publications through oral reference. This fact raised the importance of participant's oral memory who took part of their history somehow. Past facts occurred before *Campo do Lazer* was built help us understand not only how it was put into service by the *Peteca* players, but also to realize its role for getting people together to play this sport in those mentioned decades, spreading influences of it throughout the city.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Planta geral de Belo Horizonte.....	32
FIGURA 2 –	Mapa de localização do Estádio Antônio Carlos em 1942..	34
FIGURA 3 –	Foto do Bairro Santo Agostinho em 1962.....	41
FIGURA 4 –	Campo do Atlético visto da esquina da Av. Olegário Maciel.....	43
FIGURA 5 –	Foto do ex-campo do Atlético durante uma assembléia de trabalhadores da construção civil.....	46
FIGURA 6 –	Foto do desfile da corte momesca no carnaval de 1974 ....	47
FIGURA 7 –	Apresentação do Rei Momo no carnaval de 1974.....	48
FIGURA 8 –	Vista do Campo do Lazer a partir da arquibancada.....	51
FIGURA 9 –	Divulgação da III Copa Itaú de Peteca.....	59
FIGURA 10–	Foto em quadra de peteca da Associação Recreativa Telemar.....	62
FIGURA 11–	Foto noturna do bar Boa Forma em Belo Horizonte.....	65
FIGURA 12–	Desfile de abertura do 1º Campeonato Brasileiro de Peteca.....	68
FIGURA 13–	Inauguração do ginásio de peteca em 1978.....	78
FIGURA 14–	Foto da Copa Itaú de 1988.....	94
FIGURA 15–	Foto da parte superior do <i>Shopping Diamond Mall</i> .....	105
FIGURA 16–	Tabela de jogos da Copa Itaú de Peteca de 1988.....	112
FIGURA 17–	Foto das petecas e suas datas aproximadas.....	125
FIGURA 18–	Foto da casa de Mário Gomes.....	128

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FEMPE –	Federação Mineira de Peteca
SUDECAP –	Superintendência de Desenvolvimento da Capital
PBH –	Prefeitura de Belo Horizonte
HO –	História Oral
SMES –	Secretaria Municipal de Esportes
MINAS –	Minas Tênis Clube
PIC –	Pampulha late Clube
IATE –	late Tênis Clube
IAPI –	Instituto de Aposentadoria dos Industriários
IDH –	Índice de desenvolvimento humano
CBV –	Confederação Brasileira de Volleyball
CBP –	Confederação Brasileira de Peteca
JK –	Juscelino Kubitschek

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 A CIDADE COMO LUGAR DE ENCONTRO</b>	
1.1 AS TRANSFORMAÇÕES DA CIDADE DE MINAS E SUA VOCAÇÃO CULTURAL.....	27
1.2 A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DO LAZER.....	44
1.3 O ENCONTRO DA PETECA COM O CAMPO DO LAZER.....	52
<b>2 A PRÁTICA DA PETECA COMO LAZER</b>	
2.1 A AMIZADE NA PETECA: O QUE É SER PETEQUEIRO? .....	79
2.2 A PETECA NO CAMPO DO LAZER .....	86
2.3 NAS ARQUIBANCADAS COM MAGNANI: LÁ ERA A NOSSA CASA. ....	90
2.4 O ESPAÇO TRANSFORMADO: A PETECA, O CAMPO DO LAZER E A CIDADE.....	101
<b>3 O CAMPO DO LAZER E A DINÂMICA DA PETECA ESPORTE</b>	
3.1 O SIGNIFICADO DA COPA ITAÚ DE PETECA.....	109
3.2 O MERCADO DO ESPORTE: TRABALHO, COMPRA E VENDA DE PETECAS.....	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>145</b>
ANEXO 1 – LINHA DO TEMPO DO CAMPO DO LAZER E DA PETECA..	146
<i>Linha do tempo do espaço de Lourdes.....</i>	<i>146</i>
<i>Linha do tempo peteca.....</i>	<i>147</i>
<i>Linha do tempo peteca – Rio de Janeiro (1920-1940).....</i>	<i>147</i>
<i>Linha do tempo peteca – Belo Horizonte (1940-1980).....</i>	<i>147</i>

<i>Linha do tempo peteca – Belo Horizonte (1980-1990)</i> .....	148
<i>Linha do tempo peteca – Belo Horizonte (1990-2000)</i> .....	148
ANEXO 2 – Entrevista com Adalberto Conceição Santos.....	150
ANEXO 3 – Resolução CND15/85, que reconhece a peteca como modalidade esportiva.....	162
ANEXO 4 – Tabela de inscritos da Copa Bamerindus – 1985.....	163
ANEXO 5 – Ofício da Prefeitura de Rio Brilhante-MS solicitando informações sobre o jogo de peteca.....	164

## INTRODUÇÃO

A prática da peteca faz parte dos momentos de lazer dos belo-horizontinos. É possível identificar sua presença em quadras de casas, prédios de apartamentos, parques e clubes da Cidade de Minas. Como esporte, faz parte da minha vida mesmo antes de pensar em continuar meus estudos acadêmicos, sobretudo como tema de investigação.

Minha aproximação com a modalidade aconteceu nos primeiros períodos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Isso aconteceu, aproximadamente, em 1983, quando tinha 18 anos e ia ao Cruzeiro Esporte Clube<sup>1</sup>, próximo à minha casa, para nadar e praticar outros esportes nos finais de semana. Como eu chegava cedo à piscina, havia as raias liberadas para intermináveis travessias de 25 metros. Findo o exercício matinal, incentivado por meu pai, desde os anos anteriores em que nadávamos juntos, enxugava-me e buscava o sol para me aquecer, enquanto esperava por meus amigos do voleibol.

O vôlei reunia um grupo considerável de jogadores de fim de semana, de diversas idades, alguns até mesmo ex-jogadores da modalidade no clube. Como a chegada dos colegas da turma acontecia da metade da manhã em diante, comecei a praticar peteca na quadra ao lado da piscina, uma das três que o clube possuía, convidado pelos senhores que a ocupavam, também em dias de semana.

Como ex-atleta de vôlei, foi rápida a adaptação ao jogo, pois os deslocamentos em quadra eram similares, apesar de mais frequentes e imprevisíveis, além de mais velozes. A juventude me ajudava, enquanto a técnica auxiliava o jogo dos mais velhos. Velocidade e força não eram páreo para as “colocadas”, “pingadas” próximas à rede e “esticadas” no fundo da pequena quadra que, de repente, ficava grande quando a peteca caía do meu lado da rede. Eu corria enquanto os senhores me faziam dançar, literalmente, com um sorriso

---

<sup>1</sup> A sede urbana do clube localiza-se na Avenida Augusto de Lima, no Bairro Barro Preto, entre as Ruas Araguari e Ouro Preto, zona central de Belo Horizonte.

no rosto. Na verdade, eu era “carregado nas costas” por meus parceiros experientes, que me ensinavam, ao mesmo tempo, o jogo de duplas.

Com o tempo de prática, adquiri a técnica do esporte e enxugava logo o corpo ao sair da piscina para me dirigir à quadra de peteca. É claro que eu saía lucrando ao ocupar totalmente minhas manhãs esportivas. A peteca servia para preencher o tempo enquanto o vôlei não começava. Depois de duas ou três partidas, era hora de migrar para o jogo dos três toques.

Uma vez na quadra de vôlei, começávamos com jogo de duplas e, quando havia muitas “de fora”, jogávamos em equipes de seis componentes, enquanto novas, “de fora”, se formavam à beira da quadra. Passei a convidar colegas para jogar peteca enquanto esperava minha vez de jogar.

Com o passar do tempo, a peteca passou a ocupar mais espaço na preferência do grupo. Novas quadras foram construídas no clube, e os sócios que praticavam peteca na sede campestre, localizada próximo à Lagoa da Pampulha, passaram a frequentar a sede do Barro Preto, principalmente aos sábados. Daí a pouco, apareceram os torneios pela cidade e passei a disputá-los junto com outros amigos, vestindo o uniforme do clube. A identificação com o esporte foi inevitável e passei a viver novos momentos de competição, revivendo outros marcantes da minha adolescência em competições locais, regionais e nacionais.

O sábado era reservado para jogar na Sede Urbana, na quadra do meio, enquanto no domingo o jogo era na primeira quadra da pizzaria da Sede Campestre. Era aconselhável jogar bem para vencer, evitando cair na “de fora” e ficar esperando a vez, mesmo que as quadras vizinhas ficassem vazias. Uma vez do lado de fora da quadra, a conversa corria solta, desde gozações aos que estavam em quadra até assuntos políticos e manchetes de jornais.

A tarde de sábado também era boa para ir ao Campo do Lazer, a seis quarteirões do clube, jogar peteca com “o pessoal de lá”. Da mesma forma, as quadras eram concorridas e havia peteca para todos os níveis. Lá era o ponto de encontro, um espaço de reconhecimento, de contato visual, de aprendizagem, de notícias do que acontecia na peteca de Belo Horizonte. Lá era possível encontrar aqueles que frequentavam o lugar durante toda a semana. Eram “os donos do

*pedaço*” e podiam ser distinguidos pela forma que tratavam o lugar, pelo modo que se deslocavam e se relacionavam com os funcionários da Secretaria de Esportes de Belo Horizonte.

Outra aproximação com a peteca foi o fato de notar todo o movimento em torno da modalidade; constantemente era discutido o futuro do esporte, uma vez que se vivia um momento favorável para a prática. Nessa década de 1980, o mercado se abria e o marketing esportivo despontava como um negócio promissor, tendo a mídia ocupado importância fundamental nesse processo.

O sucesso do voleibol, as imagens de ídolos formados e sendo imitados, as cenas na televisão reforçadas pelas falas dos comentaristas, as vitórias significativas e as modificações de regras, tornando-o mais dinâmico e atrativo à assistência, o fez liderar preferências e influenciou outras modalidades. Havia discussões sobre como fazer da peteca um jogo mais difundido fora dos domínios mineiros e reconhecido como uma verdadeira modalidade esportiva.

Eu ouvia, à beira da quadra, considerações de pessoas interessadas na regulamentação do esporte com o ouvido de professor de Educação Física e tecia meus comentários de praticante com base nos conhecimentos adquiridos na graduação. Ao mesmo tempo, perguntava-me a quem interessaria o estudo e o desenvolvimento de um esporte brasileiro criado em terras mineiras? Qual a responsabilidade e o interesse do Estado em fazer da peteca uma expressão esportiva em outros domínios? Sendo uma valorizada prática de lazer em clubes aos finais de semana, quais eram os interesses envolvidos na sua difusão?

Não tinha respostas para tais indagações e muito menos via alguma “luz no fim do túnel” ao tentar projetar resultados das iniciativas realizadas por uma minoria de praticantes adeptos à sua forma competitiva.

Naqueles anos, de alguma forma, aquilo me incomodava. Como professor da área e absorvido pela prática da modalidade, sentia-me responsável pela representação da peteca. Explicando melhor e assumindo uma posição de militante, eu via as quadras de peteca fervilhando de gente nos quatro cantos da cidade. Na escola, meu local de trabalho, era como se ela estivesse à margem como atividade, modalidade esportiva ou expressão cultural. E mais, quando

existia na escola, era tratada como um apêndice, uma forma de não incômodo entre professores e alunos. Conversando sobre o tema com colegas de profissão também praticantes, estes não revelavam o mesmo interesse ou preocupação e não vislumbravam perspectivas de desenvolvimento da prática corporal contextualizada cultural e historicamente que desde então tenho defendido. Dessa forma, fiquei sem interlocução na área e sem saber qual caminho seguir.

Entretanto, uma vez egresso da academia, em 1986 tomei a decisão, não posso afirmar segura, mas aberta, de buscar informações sobre a peteca, mesmo tendo uma formação teórica deficiente na universidade; talvez seja melhor falar em formação inexistente, uma vez que não havia possibilidade desse tipo de discussão em disciplinas do curso.

Em 1990, terminado o meu primeiro curso de especialização, comecei a enxergar possibilidades de estudo da modalidade no campo da fisiologia e do treinamento esportivo, enquanto prosseguia com minha carreira de professor de escola pública e particular e de técnico de voleibol. A vontade de investimento em pesquisa foi guardada em forma de sonho pela grande carga de trabalho comum numa idade própria para afirmação no competitivo mercado profissional, considerando a situação econômica do País e meus interesses pessoais naquela época.

Quando tive a oportunidade de viajar para um curso de férias na Alemanha, em 1991, apresentei o jogo de peteca aos colegas de diversos países, por meio de fitas de vídeo gravadas e das regras traduzidas para o alemão, além de promover a experimentação prática pelos presentes. Mesmo com uma vaga lembrança, alguém falou em *Indiaca*<sup>2</sup> em algum momento. O nome foi memorizado sem significado para mim naquele momento. Mais tarde, eu viria a conhecer o esporte difundido na Europa adaptado da experiência brasileira da década de 1930. Infelizmente, as fitas de vídeo (VHS), que poderiam servir de fontes, estão desaparecidas após algumas mudanças de residência.

---

<sup>2</sup> O nome indica a fusão do termo da língua alemã *indianer*, traduzido por indígena em português, com a palavra peteca.

Continuando meu interesse, em 1992, mesmo sem saber em que eu realmente gostaria de investir como pesquisa ou mesmo “descobrir”, gravei cenas do ambiente e de jogos realizados no Parque das Mangabeiras, como também entrevista com um dos organizadores da Copa Itaú de Peteca, enxergando a modalidade como uma expressão de lazer do belo-horizontino. Essa fita foi digitalizada e oferece condições de análise do seu conteúdo.

Nos anos seguintes, passei a ser considerado um jogador de expressão na cidade e, com isso, tive acesso às rodas de conversa em torno das quadras de peteca de casas, clubes e entidades de classe ao participar de torneios como convidado. O que me chamava a atenção era a fala, principalmente, de jogadores mais velhos, quanto ao futuro da peteca sem o Campo do Lazer – um lugar que congregou jogadores de diversos bairros da cidade. Dizia-se que a peteca jamais seria a mesma.

Minha inquietude aumentava diante das diferentes explicações para a demolição do espaço de lazer do bairro de Lourdes, que eram fundamentadas em suposições. Era como se a peteca tivesse sido despejada, desalojada sem direito a indenização. Como professor de uma escola particular localizada próximo ao Campo do Lazer, tinha o costume de utilizá-lo como espaço de aula extramuros. Outras escolas faziam o mesmo percurso, e era uma farra o encontro da meninada, numa época em que arranhão em joelho de aluno era sinal de que havia brincadeira.

Ao terminar uma segunda especialização – 2002 –, desta vez em Administração Escolar, meus interesses se voltaram para aspectos de supervisão e gestão de organizações e pessoas. Ao mesmo tempo, a experiência adquirida em quadra ajudava-me a compreender as evoluções técnicas do jogo, as possibilidades táticas de uma partida e o esporte competitivo de modo geral. Comecei a observar a organização dos campeonatos, as formas de gerir o esporte pelas federações e as relações de mercado envolvidas, bem como a comparar o destaque dado às modalidades esportivas na mídia.

Numa terceira pós-graduação, investi no estudo de possibilidades do ensino da peteca em escolas escrevendo um artigo referente ao tema como conclusão do

curso. Como a especialização era em Metodologia de Ensino, dialoguei com autores da cultura corporal do movimento propondo algumas orientações metodológicas para o ensino em diferentes etapas da Educação Básica, levando em consideração as origens da peteca, sua relação com a cultura popular e sua prática como jogo e como esporte na escola<sup>3</sup>.

Em 2006, passei a atuar como colaborador da Federação Mineira de Peteca, em virtude do interesse pela modalidade e por ter uma calcificação no calcâneo, que me limitava em competições. Afinal, estava definitivamente envolvido com o esporte. Esse interesse me impulsionou a colher informações sobre práticas de peteca de outras culturas e passei a coletar diferentes tipos de peteca, que viriam a ser apresentadas e utilizadas em cursos.

Numa pesquisa inicial, de acordo com as fontes encontradas (REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, 1937; LOYOLA, s/d; DAIUTO, 1961; CASCUDO, 1984; RODRIGUES, 1997), o jogo era praticado pelos índios de forma livre, utilizando implementos feitos com materiais encontrados na natureza. Como forma de recreação, era jogado em círculos. *Pe'teka*, em Tupi, significa “bater com a palma da mão”. Não havia número limitado de jogadores nem espaço com dimensões definidas. Além disso, não se adotava uma técnica padronizada, tratando-se de uma manifestação lúdica de movimento humano, uma maneira de se relacionar com o mundo.

Como objeto, a peteca possui, ainda hoje, outras denominações e formas de jogar conforme os diferentes povos indígenas (CASCUDO, 1984). A peteca faz parte do vocabulário dos Bororos como *paopaó*; entre os Parintintins é conhecida como *jitayhy'gi*; os Kaingangs a chamam de *ñaña* ou *ñagna*; os Guaranis jogam e a denominam de *mangá* e o nome dado pelos Xavantes é *tobda'é*. Todas elas possuem detalhes próprios em suas características de confecção que lhes conferem a identidade de cada tribo ou povo. Nem todas possuem penas, bastando um enchimento e o seu envoltório de palha de milho. As formas de jogo

---

<sup>3</sup> Este artigo teve como título “Batendo com a palma da mão: o ensino da peteca na escola”, tendo como coautor Marco Aurélio Bizarria Werneck.

são também distintas, conformando aspectos de ataque e defesa de acordo com cada cultura indígena.

Como brinquedo popular, a peteca era reconhecida em vários Estados brasileiros e caracterizada por um corpo constituído de uma base com duplo disco de pano, couro ou palha com um enchimento de estopa ou lã, com penas presas para sua estabilidade. Sua origem é destacada no interior do Brasil e a prática coincide com o período de colheita do milho, com as festas de São João, Santo Antônio e São Pedro (MEIRELLES, 2007, p. 80). Como brincadeira, a principal meta era não deixar a peteca cair ou rebatê-la o mais alto possível.

Essa brincadeira serviu de base para o início do processo de transformação e “esportivização” da peteca, diante da prática por nadadores durante a Olimpíada de Antuérpia em 1920. A peteca foi utilizada pelos atletas brasileiros, cariocas em sua totalidade, nos momentos de lazer entre competições. O fato despertou a curiosidade dos ocupantes estrangeiros da “Villa dos Atletas”, que perguntaram sobre as regras, ainda inexistentes à época. O Dr. José Maria Castello Branco, chefe da delegação brasileira, ao regressar ao Brasil, elaborou as primeiras regras, cumprindo o compromisso de enviá-las aos colegas europeus.

Ainda em 2006, fui convidado pelas professoras Eustáquia Salvadora de Sousa e Aleluia Heringer Teixeira, coordenadoras do Programa de Capacitação do Projeto Minas Olímpica, para ministrar oficinas de peteca para professores da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Tratava-se de uma iniciativa inédita do governo estadual: oportunidade de atualização para docentes da educação básica, vindos de diversos municípios do Estado e organizados em turmas de aproximadamente 40 pessoas.<sup>4</sup>

Naquele momento, vi-me em situação concreta de planejar um curso essencialmente prático, com a duração de quatro horas, de um esporte cuja população mineira está acostumada, ainda que pouco valorizado na escola. Algumas perguntas surgiram: Como motivar um professor de uma escola pública a

---

<sup>4</sup> O projeto teve como proposta restaurar a qualidade e a tradição das escolas estaduais. Foram atendidos 440 docentes das 223 “Escolas Referência”, em três módulos de 40 horas de curso, os quais se encarregaram de repassar o conteúdo de cada oficina aos colegas de outras unidades de regiões próximas, considerando as diretrizes para o Conteúdo Básico Comum (CBC), tendo como eixos temáticos: esporte, ginástica, jogos e brincadeiras, danças e movimentos expressivos.

trabalhar com a peteca, considerando a realidade da falta de estrutura física e material comuns às escolas da educação básica brasileira? Como planejar e realizar uma oficina em que todos pudessem ter experiências práticas aplicáveis a diferentes realidades sem o caráter de uma receita de bolo? Como garantir a aplicabilidade dessas vivências através de atividades elaboradas, a partir de uma sistematização ainda inexistente?

O ponto de partida foi reconhecer a prática da peteca em clubes, ruas, praças, parques e o contraste de ser ainda pouco empregada e pouco explorada em aulas de educação física como um jogo ou uma brincadeira<sup>5</sup>. Era necessário justificar a inclusão da peteca de modo que ela fosse valorizada em aulas de educação física com base em suas origens, levando em consideração suas possibilidades de prática, sua relação com a cultura local e regional, tendo como norteadores os princípios da ludicidade, da inclusão e da participação<sup>6</sup>.

A descrição dessa caminhada objetiva esclarecer como fui me apropriando de conhecimentos específicos sobre peteca como esporte e o seu tratamento na escola. Pesavento (2008, p.109) faz menção, especialmente no caso de historiadores, a uma reserva de conhecimentos com base no domínio de conceitos teóricos chamada convencionalmente de *referencial de contingência*, referencial que eu não possuía. Entretanto, as reflexões sobre as experiências profissionais e como praticante de peteca ofereceram-me suporte para uma série de questionamentos e inquietações que resultaram na necessidade de estudar esse esporte com novos olhares: os dos estudos sobre o lazer, distintos daqueles em relação ao seu desenvolvimento em escolas ou como esporte de rendimento ao qual eu sempre estive ligado e acostumado a trabalhar.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar a prática da peteca como expressão de lazer da população de Belo Horizonte, nas décadas de 1980 e 1990, com base em um local privilegiado de prática: o Campo do Lazer.

---

<sup>5</sup> Adoto a posição de que jogo e brincadeira possuem sentidos similares em que brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura, conforme Brougère (2004, p. 97).

<sup>6</sup> Após algumas experiências, cheguei à recriação da peteca utilizando materiais encontrados no meio urbano, inspirado pela forma primeira da peteca construída de materiais encontrados na natureza e/ou no meio rural. Tal criação se mostrou muito interessante e eficaz por ser durável, eficiente, motivante e de baixo custo, acoplando-se satisfatoriamente à proposta da oficina.

Ao construir o objeto da pesquisa, procurei inseri-lo num contexto mais amplo, com a intenção de estudar os tipos de práticas existentes de peteca, aprofundar o conhecimento de cada uma delas e confrontar suas diferenças e representações simbólicas evidenciadas pelo Campo do Lazer.

Os fatos passados anteriormente à constituição do Campo do Lazer serviram tanto para o entendimento da sua ocupação pelos praticantes de peteca como para a compreensão do seu papel na formação de grupos de prática naquelas décadas, irradiando influências pela cidade.

Ao estudar a prática da peteca no Campo do Lazer, destaco as marcas de historicidade, imagens, palavras, textos, sons, práticas, ou seja, fontes e registros que revelam o que aconteceu um dia e que “organizados e interpretados darão legitimidade ao discurso historiográfico” (PESAVENTO, 2008, p. 97). Para a construção do referencial de análise, realizei um levantamento bibliográfico e documental. Foram estudados artigos, dissertações e teses referentes ao lazer e à constituição do esporte moderno. Além disso, a análise crítica teve como base autores que versam sobre o espaço urbano em diálogo com autores dedicados aos estudos do lazer.

Sendo o Campo do Lazer um espaço que deixou de existir, tornou-se necessário buscar o maior número de informações para fundamentar a narrativa, evidenciando que diferentes histórias, de diferentes atores ou personagens se conectam e se entrecruzam para formar uma trama coletiva. Partilho que a história é viva (THOMPSON, 1992, p. 33) e, como toda história, repleta de inícios. Constitui-se de vivências de realidades pessoais, de rupturas e interrupções; ela não termina, continua (HERNÁNDEZ, 1998).

Mais do que linearmente descrever o passado recente do Campo, a idéia foi avançar na direção de possíveis explicações para a vida daquele *pedaço ou mancha* no lazer do belo-horizontino.

Na condição de praticante da modalidade tive a possibilidade de vivenciar a prática em clubes e no Campo do Lazer. Na condição de pesquisador, a pesquisa

adquiriu, portanto, o inevitável caráter de aproximação pessoal com o tema. Reconheço esse entendimento com base em Minayo (1993, p. 215), uma vez que

nas ciências sociais existe uma identidade entre o sujeito e objeto. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévy-Strauss (1975): *'Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte de sua observação'*.

Demo (2004, p. 293) alerta para a possibilidade de surgimento de trabalhos especulativos e pouco rigorosos em razão da proximidade entre o pesquisador e o objeto da pesquisa. Foi necessário um esforço de caráter exploratório em busca de fontes e rigor na seleção e interpretação de jornais, revistas, imagens e outras fontes encontradas. Também uma dose de persistência e criatividade inerentes à pesquisa, no meu caso, tendo em conta a falta de registros que marcam o Campo do Lazer e a trajetória da peteca nesse período.

Recorri à metodologia da História Oral (HO). Sua utilidade revela-se em zonas nas quais predomina a obscuridade, provavelmente, resultante do desinteresse das fontes oficiais pela experiência popular e pela ausência de documentos (ALBERTI, 2005, p.15).

É interesse determinante nesta pesquisa, com base em informações advindas de fontes documentais, constituir novas fontes por meio de fontes orais<sup>7</sup>. O material reunido das diversas fontes indicou que pouca coisa há de escrito sobre o Campo do Lazer, o que elevou a importância da memória oral dos sujeitos que, de alguma forma, participaram de sua história. A HO, nesse caso, pode contribuir para uma aproximação mais acurada do real, traduzindo-se em avanço qualitativo e quantitativo do conhecimento, por meio do vivido, conforme concebido por aquele que viveu (ALBERTI, 2005). Dessa forma, permite-se uma interpretação do papel social desempenhado pelo Campo do Lazer, como se

---

<sup>7</sup> A fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe parece necessário possuir. (VOLDMAN, 1996, p. 36)

possibilita a construção de diferentes visões de acordo com o vivenciado por cada sujeito, incluindo conflitos, conquistas, perdas, lutas e avanços.

Destaco aqui a relação de imbricação entre as fontes documentais e as entrevistas no sentido de que ambas se relacionam de forma direta. A primeira oferece indícios ou elementos para a constituição e organização de entrevistas através de sua análise. Por sua vez, as informações obtidas através da segunda, oferecem possibilidades de tratamento e retorno pela análise das falas de acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, de experiências pessoais, de impressões particulares e abrem espaço ao aparecimento de novas fontes documentais.

A metodologia da HO fundamentou-se, portanto, no uso das fontes orais – depoimentos –, procurando-se criar um vínculo de confiança, cordialidade e respeito entre aquele que recorda e aquele que escuta, com ouvidos atentos, respeitando os silêncios e a velocidade das falas baseadas na memória de cada um.

Durante o período desta pesquisa, procurei afastar-me o quanto possível da prática do esporte, da atuação como colaborador e mantive um convívio restrito no meio para adotar uma posição de investigador. Entretanto, urge relatar que minha proximidade com o objeto facilitou sobremaneira o contato inicial e o acesso aos colaboradores. Da mesma forma, a resistência e a intimidação à presença de um gravador e uma câmera de vídeo, ou seja, da tecnologia, foram vencidas talvez por essa proximidade, traduzidas em confiança e conforto ao entrevistado. Conforme salienta Magnani (1984, p. 29), é ilusão imaginar que – para efeitos de pesquisa – é preciso estabelecer uma identificação, comportando-se “como se fosse um deles”: o analista não “é um deles” e deve manter (cultivar, produzir) essa diferença se é que pretende produzir algum conhecimento.

O grupo de entrevistados foi composto por indivíduos que frequentaram o Campo do Lazer nas décadas de 1980 e 1990, organizados em categorias, tendo como motivo a prática da peteca ou motivos profissionais. São adultos de idades e nível de instrução variados, em condições de responder às perguntas do entrevistador de maneira clara:

1. praticantes;
2. dirigente esportivo;
3. promotor de eventos;
4. funcionários da prefeitura / Campo do Lazer;
5. comerciante esportivo.

A seleção de entrevistados foi feita em razão da importância dos personagens. Mediante contato prévio, foram consultados sobre a disposição em conceder os depoimentos, com consequente anuência. Foram selecionados seis praticantes. Um dos selecionados, após vários contatos, não demonstrou interesse em participar. Outro praticante, de 84 anos de idade, não se sentiu em condições de colaborar, em virtude do falecimento de sua esposa. Em razão do curto tempo para a realização das entrevistas/pesquisa, foi substituído por outro praticante de 74 anos de idade.

A pesquisa contou, ainda, com os depoimentos de um dirigente da Federação Mineira de Peteca, um responsável pela empresa realizadora de eventos esportivos da época, uma funcionária da Secretaria Municipal de Esportes da PBH, um praticante de peteca e funcionário da Secretaria Municipal de Esportes da PBH e um produtor e comerciante de peteca. Todos os colaboradores se identificaram, preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como a carta de cessão de documentos.

Foram utilizadas, também, as entrevistas de dois colaboradores de uma pesquisa em andamento, em que atuo como colaborador: a *Coleção História Oral: Vou te contar uma história: memória dos Esportes e Ruas de Recreio de Belo Horizonte (1940-1980)*.<sup>8</sup>

O local para a coleta dos depoimentos foi de livre escolha dos colaboradores, bastando que fosse tranquilo e com baixo ruído. Foi utilizado um gravador e uma câmera digitais de vídeo e fotografia. O caderno de campo foi utilizado para registro de expressões corporais, descrições e anotações sobre o

---

<sup>8</sup> Este projeto é desenvolvido pelo Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer – CEMEF/UFMG e tem como objetivo ampliar e qualificar as ações de recuperação da memória relativa aos esportes e às ruas de recreio em Belo Horizonte e Minas Gerais nas décadas de 1940 a 1980.

ambiente das entrevistas, registro de emoções, anotações diversas sobre o eventual material cedido pelos colaboradores e marcação de pontos chave para o encaminhamento das entrevistas.

Os roteiros de entrevista – neste caso, tratou-se de História Oral temática – foram elaborados com base nas sugestões do CPDOC/FGV. O roteiro geral foi elaborado mediante a utilização das fontes consultadas, com o objetivo de garantir unidade às entrevistas e contou com um núcleo de perguntas comuns aos entrevistados. O roteiro individual baseou-se no conhecimento prévio do tipo de envolvimento do entrevistado com o objeto de pesquisa.

Na prática das entrevistas, interessaram-me as respostas considerando aspectos relevantes para a coletividade, valorizando as experiências singulares daqueles que contribuíram. De acordo com Alberti (2005, p. 19), por meio das entrevistas

trata-se de ampliar o conhecimento sobre os acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.

As entrevistas foram transcritas e conferidas segundo a metodologia da HO. Para cada entrevista foi utilizada uma ficha técnica que permitiu o registro de todos os dados constantes na entrevista, possibilitou a rápida consulta de dados técnicos e facilitou o arquivamento para futuras consultas e pesquisas. As entrevistas estarão disponíveis no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG).

Os depoimentos foram analisados e agrupados por temas para posterior cruzamento com fontes textuais (escritas e visuais) e interpretação do conjunto para a escrita da dissertação.

Em relação à escrita da pesquisa, situo-me como historiador-narrador o que implica trabalhar com versões conforme atesta Pesavento (2008, p. 51): “O historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que

esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões”. [...] O mais certo é afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não de certezas absolutas.

O trabalho se divide em três capítulos. No capítulo 1, intitulado *A cidade como lugar de encontro*, realizo uma breve discussão histórica sobre as alterações e transformações do espaço urbano de Belo Horizonte. As reflexões sobre o tema foram balizadas pelas considerações de Henri Lefèbvre (LEFÈBVRE, 1969, 2008), Roberto DaMatta (DAMATTA, 1983) e José C. Magnani (MAGNANI, 1984, 1996, 2000a, 2000b), evidenciando a vocação cultural da cidade, as possibilidades e contradições próprias de uma cidade que, de fato, se constitui, cresce e se transforma em metrópole no século XX. Ainda nesse capítulo aparecem as primeiras reflexões baseadas nos depoimentos orais, o que foi feito de forma ampliada nos capítulos seguintes.

No capítulo 2, estabeleço um diálogo com Magnani, partindo dos significados de “público” e “privado”, tendo *A prática da peteca como lazer no Campo do Lazer* como base para o entendimento do espaço urbano transformado em espaço de lazer. A discussão foi desenvolvida em torno dos depoimentos colhidos, destacando-se experiências, impressões individuais e locais, ampliados pela formação de círculos de amizade, de sentidos de pertencimento a grupos, de diferentes ritos, manias e códigos de prática.

No capítulo 3, centro-me no *Campo do Lazer e a Dinâmica da Peteca Esporte*. Destacam-se a importância de um evento de participação popular para a modalidade, as consequências advindas da sua interrupção e da supressão do Espaço de Lourdes. Apresento, ainda, os interesses dos praticantes e a tentativa dos dirigentes de conquistar um espaço central para a modalidade. Finalizando o capítulo, apresento as relações de trabalho com a modalidade e as relações de mercado entre produção e do consumo do esporte pela sociedade.

## Capítulo 1 A CIDADE COMO LUGAR DE ENCONTRO

### 1.1 AS TRANSFORMAÇÕES DA CIDADE DE MINAS E A SUA VOCAÇÃO CULTURAL

*Todos os dias é um vai e vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega prá ficar  
Tem gente que vai  
Prá nunca mais...*

(Milton Nascimento / Fernando Brant. *Encontros e despedidas*)

Neste capítulo, trato das transformações gerais da “cidade planejada”, desde a sua criação, considerando aspectos não exclusivos de uma capital, mas singulares de um local demarcado para ser o centro das atenções e decisões do Estado. O que proponho é dar à cultura um lugar de destaque na análise considerando as questões sociais e econômicas como intervenientes na configuração da cidade.

Dessa forma, nesta breve incursão histórica, evidencio uma vocação cultural amadurecida, à medida que Belo Horizonte se expande e estende os seus domínios internos e externos com o passar dos anos. O objetivo é fazer um percurso de afunilamento para pensar o Campo do Lazer, seu significado para o bairro de Lourdes e para o “mapa” do lazer na cidade.

O Campo do Lazer não existe mais. Em seu lugar existe hoje um *shopping center*, localizado num espaço urbano entendido como de grande valor comercial. Dessa forma, afirmo que é possível compreender e explicar problemas presentes na dinâmica urbana baseando-se na relação entre o presente e o passado, entre continuidades, rupturas e mudanças, dialogando com diferentes temporalidades. Isso implica o trabalho de lidar com tempo cronológico para apresentação de eventos sem, no entanto, considerá-los de forma linear, admitindo múltiplas naturezas, causas e contradições. A cronologia, nesse caso, embora essencial, só

adquire valor quando relacionada com uma cadeia de relações que lhe imprime sentido (SIMAN, 2005, p. 112-113).

A ideia de se falar em cadeia sugere duas outras palavras: origem e evolução. Quando citadas ou implícitas no texto, serão expressas como valor num *continuum*, ao mesmo tempo em que as datas e tempos descritos serão entendidos como um processo. Por isso mesmo, são valorizados como marcos dinâmicos, impressos em documentos ou na memória humana, que extrapolam uma singular análise. Na verdade, por meio da análise de eventos, de lugares e de tecnologias, de cidades, “são os homens que a história quer capturar” (BLOCH, 2001, p. 54).

Mais do que uma concentração imobiliária, a cidade é construída com base na ocupação humana – urbana. A cidade se manifesta como produto, como lucro e riqueza traduzidos em progresso. Também como produção de cultura, pois ela fala por meio de imagens e memórias, de patrimônios sendo eles físicos ou não, de diferentes modos de vida dos que nela atuam, traduzindo maneiras de explicar o mundo, estabelecendo identidades.

Sua constituição se dá, portanto, pelo uso de seus equipamentos que adquirem significados mediante as relações produzidas pelos sujeitos que nela vivem. Melhor seria dizer que a cidade é um lugar de encontros. É no cotidiano que as relações humanas se estreitam, que os diferentes grupos se organizam e que aflora a diversidade cultural.

Para este trabalho, referencio-me no conceito de cultura de Geertz (1989, p. 4) e, sobretudo, no de Pesavento (2008, p. 15), que a entende como um conjunto de significados partilhados e construídos pelo homem para explicar o mundo. Em igual forma, considero os estudos de Machado (2002, p. 11), sendo a cultura entendida como um extenso e contínuo processo de seleção e filtragem de conhecimentos e experiências, não somente de um só indivíduo, sobretudo, de um grupo social e de grupos que apresentam distinções e características próprias<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Numa perspectiva multicultural, a autora defende que a noção de cultura tem sido progressivamente substituída pela ideia de culturas, que abarca a cultura de elite e de outros grupos sociais considerando e respeitando diferentes etnias, nacionalidades, sexualidades, regionalismos e gerações. (MACHADO, 2002, p. 31)

Não só de encontros vive a cidade. Simbolicamente, a passagem por uma estação ferroviária pode evidenciar, também, o afastamento, a separação e as diferentes possibilidades de viver o urbano. Na letra da música, a estação cumpre o papel de “porta” de entrada e saída nesse cotidiano, local de receber e de se despedir de pessoas, gente de todos os cantos que passam por ela de maneira natural e corriqueira. É justamente nessa dinâmica, nesse movimento, que a pessoa atua e afeta a vida do lugar, como também se modifica pelas experiências vividas no tempo e no lugar. Na voz célebre de Elis Regina, é possível fazer uma leitura de que, na plataforma a cidade é a vida.

Belo Horizonte tem sua origem na necessidade de modernização, característica do final do século XIX, e foi projetada para ser o centro político e administrativo do Estado. A gênese da cidade se deu pela ocupação de um espaço vazio, sem memória, mas que carregava, de fato, os modos e costumes do interior, mesmo que supostamente enquadrados nas dimensões e tendências europeias de cidade moderna.

A inauguração da “Cidade de Minas”, em 1897, foi feita com a cidade ainda inacabada. No capítulo “A cidade real”, em livro com título significativo – *Belo Horizonte: o fértil solo humano* –, lançado na ocasião da comemoração do seu centenário, Siqueira (1997, p. 83) afirma:

A capital planejada, saída da prancheta minuciosa dos engenheiros e arquitetos do final do século passado, Belo Horizonte foi desenhada para ser a alternativa urbana ao atraso do Estado. Ao longo deste século de história, a cidade mergulhou numa busca permanente de atributos da modernidade. E muitas vezes viveu em contradição com a essência de sua própria sociedade.

Inicialmente formulada para acolher até 200 mil habitantes, seu espaço físico contava com três áreas: uma área central ou urbana, a área suburbana em seu entorno e a área rural, constituída por chácaras, sítios e fazendas, mais distante do centro planejado. Como cidade administrativa, Belo Horizonte não reservara espaço à ocupação pelas classes operárias e mais pobres (MACHADO, 2008, p. 9).

A área central da cidade planejada foi emoldurada pela Avenida do Contorno. Essa avenida, originalmente, chamada de “17 de Dezembro” conserva o seu traçado original até os dias de hoje. Entretanto, é curioso notar que seus 18 quilômetros, aproximadamente, constituía uma pequena extensão para uma avenida que logo deixou de ser considerada como limite da cidade em termos espaciais, mas que funcionava como uma “fortaleza” ao encerrar o espaço urbano separando-o do suburbano, a cidade da não-cidade (JULIÃO, 1996, p. 60).

Já em 1912, as antigas colônias agrícolas que circundavam a cidade foram incorporadas à zona suburbana e passaram a ser controladas pela Prefeitura, responsável pela urbanização futura desses espaços. Dessa forma, surgiram duas categorias de bairros na cidade: os bairros internos à Avenida do Contorno, com seus quarteirões regulares, normalmente com a extensão de 100 metros de lado, dotados de avenidas e ruas largas com certo padrão de organização de nomes, com diversas praças destacadas em cruzamentos. Já os bairros às margens da Contorno apresentavam um desenho menos organizado, com ruas irregulares e mais estreitas. Era comum, nesses bairros, o relevo natural definir o traçado de ruas e o formato dos quarteirões. Como afirma Julião (1996, p. 61), em muito, a cidade se diferenciava da antiga capital, sem vocação para a vida pública, segmentando espaços, aumentando distâncias e tornando-a pouco humanizada:

Decretava-se, assim, uma tendência a compartimentação da cidade, erguendo-se barreiras invisíveis entre as classes sociais e homogeneizando os espaços. Procurava-se eliminar a mistura de pessoas, atividades e coisas, enfim, a convergência de fluxos que nutrem a sociabilidade urbana.

Os bairros vizinhos à Praça da Liberdade – Barro Preto, Lourdes e Santo Agostinho – eram pouco povoados e, basicamente, ocupados por uma população operária nas primeiras décadas do século XX. Nesse período, as casas pobres eram chamadas de “cafuas”. O Barro Preto se transformou em uma zona industrial e os moradores que viviam ali foram deslocados para bairros mais distantes do centro. Os bairros de Lourdes e Santo Agostinho tiveram outro destino. Os

córregos da Barroca e do Leitão foram canalizados, dando origem a ruas e avenidas (MACHADO, 2008, p. 20).

A partir do final da década de 1920, as simples e antigas moradias deram lugar a elegantes casarões. No bairro Santo Agostinho, uma área foi destinada à Universidade de Minas Gerais, mas a ideia não foi adiante; cerca de trinta anos mais tarde, muitos lotes foram vendidos, intensificando-se o crescimento populacional da região.

No plano cultural, já em 1921, as tentativas de construção da identidade da jovem capital surtiam resultados, com uma primeira geração de intelectuais que se reuniam em voltas das mesas dos cafés e livrarias com hábitos de falar ou escrever assuntos desde a vida pessoal às questões da cidade e do mundo. A mudança de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro ou para São Paulo fez com que levassem os costumes e a “mineiridade” a outros Estados do território<sup>10</sup>.

Para as classes mais abastadas, a cidade reservava o direito ao lazer. Os jogos de azar, exemplo, eram considerados símbolo de *status* para os eleitos, ao mesmo tempo que, para os excluídos, viravam caso de polícia. Observando o direito à cidade e ao lazer, as distinções e conflitos eram flagrantes na ocupação dos espaços urbanos com base em um modelo de cidade pretendida para a época (RODRIGUES, 2006, p. 96-97)<sup>11</sup>.

Em 1929 deu-se a inauguração solene do Estádio Presidente Antônio Carlos, com o amistoso interestadual de futebol entre o Clube Atlético Mineiro e o Corinthians; esse espaço passou a ser denominado popularmente de “Campo do Atlético”.

---

<sup>10</sup> Dentre outros, estavam Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, o futuro governador Milton Campos, Alberto Campos e também Pedro Nava, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Belmiro Braga (SIQUEIRA, 1997). Neste capítulo, evidencio que a produção cultural da cidade sempre foi elogiosa no campo das letras, em música, nas artes cênicas, nas danças e nos esportes.

<sup>11</sup> Para o entendimento do lazer na cidade até a década de 1920, consultar a importante contribuição da tese de doutorado de Marilita Rodrigues, *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*.

No período seguinte, anos 1930, o bairro de Lourdes tinha como referência a Basílica de Lourdes, lugar de encontro da população católica, e o Minas Tênis Clube (Minas):

Depois da missa das 10, os jovens se dirigiam em massa à ‘missa dançante’ do Minas Tênis Clube. Claro que a hora dançante das manhãs de domingo, não tinha, oficialmente, este nome, mas ficou consagrado pelo uso. Muitos namoros que lá começaram terminaram em casamento. Acabava às 13 horas, hora de ir para casa desfrutar do tradicional ajantarado em família. Uma orquestra, com *crooner* e tudo animava o bailarico. (MACHADO, 2008, p.14)



FIGURA 1 – Planta geral de Belo Horizonte com destaque para a Avenida do Contorno em verde.  
Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE.

Já o bairro vizinho teve como origem o estabelecimento da Igreja de Santo Agostinho, cujo nome oficial é “Paróquia Nossa Senhora da Consolação e Correia”, e a fundação do Colégio Santo Agostinho, iniciativa de uma congregação de padres espanhóis em 1936.

Também o Estádio Presidente Antônio Carlos, situado na divisa entre os bairros Santo Agostinho e Lourdes, era uma referência do bairro. Para lá se dirigiam, nos finais de semana, os desportistas da época para assistirem às partidas de futebol no estádio iluminado desde 1933 (ESTADIO... p. 30). Esse estádio teve vários usos e significados para o lazer da cidade de Belo Horizonte.

Como em qualquer cidade, os limites dos bairros, ora mais extensos, ora reduzidos em suas dimensões espaciais, possuem margens, contornos e alcances físicos, muitas vezes, bem demarcados. Seus limites representativos, porém, não podem ser tão claramente definidos e expressam um alcance maior do que até uma praça, um cruzamento de ruas ou uma construção qualquer, plantada num ou noutro espaço geográfico da cidade. Na realidade, a ocupação e os serviços do bairro é que o delimitam, evidenciando suas áreas de influência interna e externa. As relações sociais estabelecidas de pontos de encontro, de uma casa ou de um edifício, de um comércio ou de um banco, da ocupação de um espaço público, uma praça ou um parque na vida urbana ordinária, configuram, expandem ou reduzem o seu tamanho. Da mesma forma, podem construir as sensações de pertencimento a um ou a outro lugar. Na visão de Machado (2008, p. 8),

às vezes fica difícil para o leigo definir os limites exatos de um bairro. O de Lourdes, onde morei a maior parte da minha vida, creio que não era tão extenso como hoje. Começava na Rua da Bahia e ia até a Avenida Olegário Maciel, onde ficava o *Campo do Atlético*, hoje o *Diamond Mall*. Consultando o mapa do atual catálogo de telefones, vejo que ele vai muito além, no comprimento e na largura. (Grifo nosso)

A proximidade desses bairros com o centro da cidade, juntamente com o bairro Funcionários, fez com que fossem elevados ao *status* de nobres e mais caros da capital. Eram ocupados por famílias tradicionais e funcionários públicos vindos do interior para a capital. Habitados pelas famílias tradicionais, aquelas que possuíam “nome”, cresciam com elegantes casarões e recebiam ao longo do

tempo infraestrutura adequada, como serviços de água, luz, esgotos e transportes coletivos.

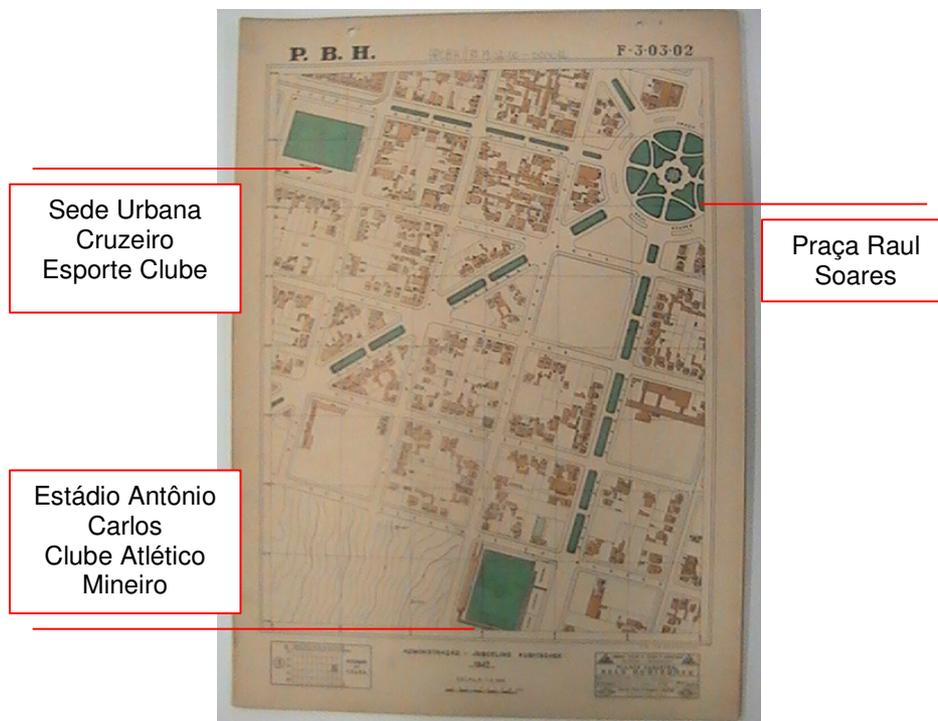


FIGURA 2 – Mapa de localização do Estádio Antônio Carlos no Bairro de Lourdes em 1942.  
Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 1942.

Na década de 1930, a cidade, que já convivia com grandes diferenças sociais desde sua fundação, teve um impulso em seu crescimento com a ampliação de serviços concentrados na área central. Enquanto isso, a periferia e seus moradores seguiam empurrados como que expulsos e carentes de serviços urbanos, ampliando, cada vez mais, a desigualdade. Nos arredores desses bairros surgiram vilas e favelas; o mesmo aconteceu em regiões próximas às áreas centrais, contrastando com os investimentos estatais nelas empregados e com o ritmo de seu crescimento.

Esse crescimento afetou os bairros centrais de maneira a dar início à verticalização da cidade e fez surgir os primeiros arranha-céus<sup>12</sup>. O processo já se havia iniciado em 1935, com a construção do edifício Ibaté, no centro da cidade.

<sup>12</sup> Para maiores informações sobre a verticalização de Belo Horizonte cf. CHACHAM, 1996.

Os bondes foram sendo desativados, cedendo, gradativamente, espaço aos ônibus elétricos e aos automóveis como formas mais modernas de transporte, alterando a paisagem urbana.

Como descrito por Siqueira (1997), com a posse de Juscelino Kubitschek (JK) em 1940, a Avenida Amazonas foi estendida ligando o centro da cidade ao Distrito Industrial em implantação. Essa avenida contava com apenas três curvas em seu trajeto até a região da Gameleira. O Governo do Estado era responsável pelo restante da avenida, que passou a ser uma maravilha urbanística que encheu de orgulho a cidade.

A Avenida Pampulha foi aberta em 1940, como principal via de acesso ao complexo da Lagoa da Pampulha, marco do desenvolvimento da metrópole por iniciativa do prefeito JK. Mais tarde, essa avenida viria a se chamar “Presidente Antônio Carlos”. Ela partia da Lagoinha, passando pelo Conjunto do Instituto de Aposentadoria dos Industriários (IAPI)<sup>13</sup>, chegando até a Lagoa.

A represa foi criada para o abastecimento de água da capital. Para compor a beleza do lago formado, JK encomendou um projeto ao recém-formado arquiteto Oscar Niemeyer, que deveria ser monumental, de valor urbanístico, turístico e social. O projeto contemplou o Cassino, a Igreja de São Francisco de Assis, a Casa do Baile e o late Golf Clube, representando o respeito do mineiro à cultura física, ou seja, à prática de exercícios esportivos. O complexo seria inaugurado em 1943<sup>14</sup>.

Nesse sentido, a inauguração da Pampulha, no plano cultural e social da cidade, representou tanto uma ousadia técnica quanto estética. Não seria demais considerar, também, todo o conjunto da Pampulha como uma ousadia cultural do governo JK.

Na arquitetura inovadora do prédio do late, como a imitar um barco a ser lançado na água, a prática precursora da peteca pelos remadores daria início ao

---

<sup>13</sup> Esse conjunto residencial tem os prédios dispostos em forma de U, ladeando uma área de lazer composta de quadras esportivas, campo de futebol, parque infantil, igreja e escola.

<sup>14</sup> A festa não pode ser completa. A igreja São Francisco de Assis não foi aberta ao público. Dom Cabral alegara que uma casa de Deus não podia fazer parte de um conjunto em que figuravam cassino, boates e jogos, além de Portinari ter pintado um cachorro no altar, fato que, por si só, horrorizara o bispo. (SILVA, 1998, p.120)

seu processo de esportivização em Belo Horizonte. Faziam parte desse grupo de precursores da década de 1940: Enéas Nóbrega de Assis Fonseca, Hélio Salomão, Cícero Vidal, Notel Sampaio, Nilton Amantéa, Manoel França Campos, Merval Rabelo, Danilo Vianna, Calógeras Mangerafini, Miguel Araújo. (PEREIRA JÚNIOR, 1975, p. 2).

Nessa década, surgiu a quadra de peteca com o piso em ladrilho nas dimensões 15 m x 7,5 m (RODRIGUES, 1997, p. 597). As dimensões permanecem até os dias atuais, com algumas adições de linhas internas e adaptações. Segundo a autora, alguns clubes da capital mineira foram responsáveis pelo crescimento do número de praticantes e pela realização de torneios de intercâmbio<sup>15</sup>.

É marcante notar que tanto nos primórdios, no Rio de Janeiro na década de 1920, quanto em Belo Horizonte, na década de 1940, a peteca era praticada por jovens que a tinham como uma opção de lazer a uma primeira prática esportiva organizada, sistematizada e direcionada ao treinamento. Embora o lazer seja especificamente abordado nos capítulos seguintes, é conveniente apresentar o conceito elaborado por Gomes (2004, p. 125), ao qual me refiro como

uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo.

Da mesma forma, era uma prática restrita às elites, considerando as possibilidades e organização do espaço urbano, de forma especial relacionada com os espaços de lazer na cidade. A distância da Pampulha ao centro da cidade, naquele momento, restringia a frequência da maioria da população da cidade.

Talvez essa característica de prática por pessoas ligadas à competição a tenha fortalecido em seu processo de esportivização a partir das décadas de 1940 e 1950, com o rompimento da barragem da Pampulha em 1954 e consequente transferência de praticantes de peteca do Iate para o Minas. A peteca no clube,

---

<sup>15</sup> Destaque inicialmente para o Iate Tênis Clube e, a partir da década de 1950, o Minas Tênis Clube, o Country Clube, a Associação Cristã de Moços e Quinze Veranistas. Na década de 1980, são referenciados 25 clubes como destaque (RODRIGUES, 1997, p. 597-600).

vista inicialmente com certa “mineira desconfiança”, foi conquistando espaço justamente por não entrar em conflito com outras modalidades de competição desenvolvidas pela instituição. De forma característica, era praticada por aqueles ex-atletas que não a encaravam como uma modalidade esportiva de competição tal como os esportes individuais e coletivos em que o clube investia.

Rodrigues (1997, p. 598) descreve a peteca no Minas como uma modalidade de pouca expressão em consequência do apoio do clube aos esportes de competição. O fato de o Minas e o late terem contado com forte apoio estatal e alguns sócio-fundadores comuns, não interferiu na opção do clube de Lourdes pelo esporte competitivo em contraste com o clube da Pampulha, que o tinha como lazer. Pelo depoimento de Enéas Nóbrega, a autora, numa referência às políticas para o esporte no clube, relata: “Eu praticamente fui um dos introdutores da peteca no Minas. Mas o Minas custou muito a aceitar. O Dr. Mendes não gostava muito”. (RODRIGUES, 1997)<sup>16</sup>

Em outra expressão da vocação cultural local, surgiria uma nova leva de escritores e artistas por volta de 1945, tendo a Rua da Bahia como centro de convergência intelectual de Belo Horizonte. Essa segunda geração ficou conhecida como o “Grupo dos Mineiros” e teve o Rio de Janeiro como destino principal. (SIQUEIRA, 1997, p. 128-130)

Por outro lado, em 1946, com raízes fincadas na cidade, os clubes de futebol Atlético e Cruzeiro recebiam as escrituras de doação pelo governo do Estado, tornando-se, de fato, proprietários dos estádios Antônio Carlos e Juscelino Kubitschek. (ESTADO DE MINAS, 2007)

Em 1949, o prefeito eleito, Otacílio Negrão de Lima, apresentou uma proposta de reordenação espacial de Belo Horizonte. A ideia era instalar, dotando de infraestrutura adequada, “cidades-satélites” que teriam funções específicas em torno do núcleo central da cidade. Assim, a região do Barreiro seria a região

---

<sup>16</sup> Depoimento de Enéas Nóbrega de Assis Fonseca. Esse senhor é considerado um dos precursores da peteca em Minas Gerais e difusor da sua prática em outros Estados. Para saber mais sobre a difusão da peteca pelo Minas, cf. a “Coleção História Oral: memórias de esportes e ruas de recreio (1940-1980)”, do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG).

agrícola; Venda Nova, a residencial; o distrito de Contagem, o polo fabril; e o lazer destacado à Pampulha<sup>17</sup>.

Na década seguinte, o belo-horizontino vivia sob o impacto modernista e otimista de JK, que todo o Brasil experimentava. O conjunto JK, projetado por Oscar Niemeyer, era erguido como o mais alto edifício da cidade e contava com um conjunto de lojas e uma grande área de lazer para os seus moradores<sup>18</sup>.

Na década de 1960, além dos clubes de futebol e o Minas, que mantinham suas sedes na área central da cidade, outros foram criados no entorno dessa área ou construídos na região da Pampulha. Belo Horizonte passava a ter um número significativo de clubes como expressão de lazer concentrados naquela região.

De acordo com Siqueira (1997, p.137), a vocação cultural de Belo Horizonte, o gosto pela música iniciada pelos moradores que cantam, os talentos literários expressos pelos escritores revelados e os bares multiplicados sugerem o “existir social” de Minas tendo Belo Horizonte como cidade-síntese do Estado. As tensões entre o novo e o velho, as tradições herdadas e a modernidade, a permanência e a inovação talvez expliquem a riqueza e a originalidade da produção cultural mineira<sup>19</sup>.

Prosseguindo nas décadas de 1960 e 1970, as desigualdades sociais permaneciam enquanto o crescimento urbano avançava, bairros cada vez mais distantes surgiam sem a mesma infraestrutura do centro. As diferentes regiões da cidade tornaram-se menos dependentes do centro, criando seus núcleos de comércio e convivência, como é o caso das regiões do Barreiro, da Savassi e de

---

<sup>17</sup> De acordo com Siqueira (1997, p. 70), um esboço que nunca seria totalmente implantado, a despeito da crença de que a especialização regional permitiria a Belo Horizonte “comportar um milhão de habitantes confortavelmente instalados, bem servidos de utilidades e felizes”. Corrobora com esse pensamento o estudo de Teixeira e Souza (2003), quando afirmam que os investimentos públicos, ao mesmo tempo, conferiram à região a função de espaços elitizados como favoreceram a periferização do seu entorno.

<sup>18</sup> O conjunto JK é formado por dois edifícios separados pela Rua Guajajaras e possui lojas, salas, salões de festas, galerias e espaço de lazer ao ar livre e coberto em seus andares inferiores. Está localizado no início da Avenida Olegário Maciel, após a Praça Raul Soares, no limite do bairro de Lourdes com o centro da cidade.

<sup>19</sup> Um exemplo seria o Clube da Esquina, que marcou a música à moda mineira e que era feita para quem quisesse ouvir. Milton Nascimento e os irmãos Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Tavinho Moura, Toninho Horta, Wagner Tiso, Beto Guedes, Nivaldo Ornellas, Nelson Ângelo, Mauro Senise projetaram seus trabalhos na década de 1960 e ainda hoje apresentam novos trabalhos, influenciam novos talentos e lançam artistas mineiros.

Venda Nova. A especulação imobiliária transformou o aspecto do bairro de Lourdes:

Poucas construções restam dessa época – *aproximadamente década de 1930*. A minha antiga casa está lá, na Bernardo Guimarães, 1587, completamente desfigurada por sucessivas reformas. Outros moradores, os Junqueiras, os Carneiros de Resende, os Castilho, e tanto mais, ou se mudaram ou estão dormindo (MACHADO, 2008, p. 56, grifo do autor).

Com o intenso crescimento da cidade, as elegantes casas dos bairros Lourdes e Santo Agostinho foram substituídas por prédios, especialmente depois da década de 1970. Algumas casas, ainda hoje, podem ser vistas, mas as principais consequências desse crescimento foram a alteração da vida tranquila do bairro com o asfaltamento das ruas, o aumento da circulação de automóveis e a multiplicação das linhas de ônibus que passaram a servir à população:

Com o crescimento da cidade, o Centro se alargou, abrangendo grande parte do bairro de Lourdes que, de estritamente residencial, foi sendo ocupado pelo comércio, por bancos, restaurantes e bares. Minha rua pouco lembra a da minha infância e mesmo a infância de meus filhos, que ali passaram os primeiros anos de vida. Tenho fotos deles, brincando com os primos, no final da década de 1960, sentados no meio da Rua Bernardo Guimarães, entre Bahia e Espírito Santo. Não havia o trânsito que hoje dificulta até a travessia daquele trecho (MACHADO, 2008, p. 10).

As ruas da capital passaram a receber o asfalto sobre o calçamento de pedras, destinado a suportar os novos tempos, o aumento da circulação e da velocidade de ônibus e automóveis:

O moderno veio chegando, o asfalto entrou a cobrir o calçamento de pé-de-moleque, o bondinho saiu de repente da paisagem, e ex-curral d'El Rei foi se tornando cada vez mais apenas uma referência histórica. Com a marcha do progresso, os sobradões de muitas janelas cederam lugar aos edifícios de concreto armado. [...] E, afinal, o que foi só poesia é hoje uma autêntica *Wall Street*, com tráfego intenso, gente andando apressada, gás carbônico de canos de descarga de veículos impregnando a atmosfera. A Rua da Bahia, ainda que vagarosamente, acabou se incorporando ao apressado desenvolvimento da metrópole (SIQUEIRA, 1997, p.85).

Na área central de Belo Horizonte, restaram poucas ruas calçadas. A Rua Bernardo Guimarães, que atravessa toda a área central, possui hoje, em toda sua extensão, um único quarteirão calçado localizado entre as ruas Araguari e Mato Grosso no bairro Santo Agostinho. Esse quarteirão e uma paineira da rua podem representar a resistência aos novos tempos. Na esquina da Bernardo Guimarães com Mato Grosso, sobrevive a bela árvore plantada no meio da rua em meados da década de 1910, que “atrapalha” o trânsito local. Apesar de várias tentativas de retirada da vistosa árvore de 18 metros de altura, foi possível o seu tombamento como patrimônio Cultural de Belo Horizonte mediante a reivindicação e a mobilização dos moradores do bairro<sup>20</sup>.

É pertinente colocar em discussão a questão da preservação do patrimônio e da memória da cidade, o que seria despertado na cidade somente na década de 1990. O Campo do Atlético, inaugurado em 1929, valioso em memória para a cidade, bem como pela sua localização privilegiada, não teve o mesmo destino da árvore. Em seu lugar foi construído um *shopping center*, coincidentemente inaugurado no mesmo ano do tombamento da paineira.

Belo Horizonte, apelidada de “Cidade Jardim”, foi perdendo definitivamente suas áreas ajardinadas para o suposto caminho ao trânsito, inicialmente com as avenidas Santos Dumont, Oiapoque, Amazonas e Olegário Maciel. Em 1968 foi a vez da Avenida Bias Fortes, com a derrubada de mais de 300 árvores de seu canteiro central em apenas uma semana. No início da década de 1970, os fícus da Avenida Bernardo Monteiro foram retirados, a exemplo das famosas alamedas de fícus da Avenida Afonso Pena, derrubadas em 1964, em virtude de uma pretexto invasão de insetos que os pesticidas não conseguiam controlar.

---

<sup>20</sup> O tombamento aconteceu em 9/4/1996, quando a árvore contava com aproximadamente 80 anos, conforme placa indicativa no local.



FIGURA 3 – Foto do pouco habitado Bairro Santo Agostinho em 1962. A seta indica a posição do Estádio Antônio Carlos.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 1962. Coleção José Góes. C13q-070.

Esses anos ficaram configurados como os da explosão urbana, demográfica e territorial, como atesta Teixeira e Souza (2003, p. 22), mediante a participação do Estado e de empresários do setor imobiliário em parcelar e comercializar as áreas da capital e dos municípios do seu entorno, que acabaram por provocar a articulação entre eles<sup>21</sup>.

A trajetória da capital propõe, entretanto, a se pensar. De um lado, a eterna – não se sabe – perseguição à vanguarda e aos valores do novo tem-se prestado a equilibrar o peso da tradição e do conservadorismo com que Minas Gerais vem edificando seu simbolismo. De outro lado, essa busca tem-se feito às custas do próprio passado, destruindo as marcas visíveis da história da cidade (SIQUEIRA, 1997, p. 83).

Na década de 1980, a cidade tomou novos rumos, animada pelos ventos da abertura política brasileira. Ainda segundo a autora, a Belo Horizonte planejada em termos ideais, que sempre conviveu com as desigualdades características das grandes cidades brasileiras, passou a expandir-se além do crescimento

<sup>21</sup> Segundo o autor, num contexto de centralização de poder, a “metropolização se faz conurbação” (TEIXEIRA; SOUZA. 2003, p. 22)

populacional. Ao comentar um poema de Carlos Drummond de Andrade sobre as alterações que desfiguraram a cidade desde sua chegada de Itabira<sup>22</sup>, escreve:

O desalento do poeta ecoa pela década de 80. Nos últimos vinte anos, todo o impacto do crescimento desordenado da cidade – planejada para abrigar 200 mil habitantes e que contava, então, quase 1,8 milhão – pesa a vida social. Depois das sucessivas experiências de planejamento, depois do desvario que foi Brasília, a ideia de se construir uma cidade já não soa mais como novidade. O desafio que se abria na década passada e se mantém às portas do centenário da capital é, sim, a construção de redes de solidariedade que ajudem o homem a sobreviver ao progresso urbano. (SIQUEIRA, 1977, p. 80)

Belo Horizonte vive nesse período, a exemplo do Brasil, a crise que paralisou a economia com profundos impactos negativos na sociedade. O aumento do desemprego, a redução da renda e a crescente informalização do trabalho causaram o empobrecimento da população e a concomitante precarização da infra-estrutura (MONTE-MOR, 2007, p. 9).

Concordam os autores que se as décadas de 1980 e 1990 são consideradas “perdidas” do ponto de vista econômico, os avanços sociais e políticos desse período, bem como as experiências organizativas e associativas que configuram as possibilidades de avanços nas condições de vida, não podem ser negados. Nesse período, verificou-se o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade, de acordo com indicadores de condições de vida, conforme dados da Fundação João Pinheiro, passou de 0,676 em 1970, crescendo para 0,775 em 1980; em 1990 já estava em 0,838<sup>23</sup>.

Concluindo o pensamento do autor, não se deve ignorar a complexa e contraditória trama de que é feita a realidade contemporânea. Sobretudo em relação às grandes cidades, apesar de mantidas as desigualdades e os indicadores negativos, os positivos fizeram aumentar o IDH, como a redução da mortalidade infantil, o aumento da esperança de vida e o aumento dos níveis de escolarização.

---

<sup>22</sup> Cf. ANDRADE, 1977.

<sup>23</sup> Esses dados, apresentados de forma resumida, foram extraídos dos estudos de Monte-Mor (2007, p. 9).

A realidade da segmentação da cidade fez com que os espaços urbanos adquirissem novos significados, o que seria ampliado nos anos seguintes. As visões românticas de uma evolução de Belo Horizonte que convive diariamente com tradições e contradições próprias da dinâmica urbana são descritas no fragmento abaixo:

Pensando bem, quanta coisa mudou para muito melhor nesta nossa BH! ... Não farei como aqueles provincianos para os quais só o que acontece em nossa cidade vai mal.

Sim, o bairro se transformou, mas manteve a sua vocação de servir a classe A. Não cabe a mim julgar se isso é bom ou ruim. Simplesmente constato que é assim. Muitas casas foram substituídas por grandes prédios. Foram-se alguns jardins e quintais. Outras residências se transformaram em butiques de luxo. A moda continua a ser ditada por ali. (MACHADO, 2008, p.68-69)

Entretanto, a metrópole Belo Horizonte admite novas formas de sociabilidade e de interação social entre a vida cultural, econômica e política. Modifica-se segundo as leis de mercado, mas não é um receptáculo passivo, como orienta Velho (1995, p. 228), mas pelos sujeitos que nela atuam como será exposto pela prática de lazer na cidade.



FIGURA 4 – Vista do Campo do Atlético da esquina da Avenida Olegário Maciel.  
Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, [s.d.].

## 1.2 A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DO LAZER

*Quem não jogou peteca no Campo do Lazer, não sabe  
o que é jogar peteca.*  
(Vera Lúcia Beaumord, petequieira)

Para falar do surgimento do Campo do Lazer é necessário abordar os últimos anos da trajetória do Estádio Antônio Carlos, inaugurado em 1929, pertencente ao Clube Atlético Mineiro (CAM), conhecido também por “Estádio de Lourdes” ou “Campo do Atlético”.

Esse espaço começou a perder forças com a inauguração do Estádio Independência, em 1950, no bairro Horto. Na década seguinte, em 1965, às margens da Lagoa da Pampulha, foi inaugurado o moderno Estádio Governador Magalhães Pinto. O “Mineirão”, como ficou conhecido, com amplas arquibancadas e com capacidade maior do que os antecessores, em condições de abrigar a crescente torcida dos times da capital, fez com que a utilidade do pequeno estádio fosse colocada em dúvida diante dos interesses da diretoria atleticana.

As fontes encontradas indicam que o Estádio de Lourdes passou às mãos da Prefeitura, mas apresentam diferentes versões quanto à maneira ou quanto à forma legal como foi feita a transferência.

Segundo o jornal *Estado de Minas* (ÁREA..., [s.d.]), o Estádio de Lourdes foi desapropriado a pedido do CAM em 6 de novembro de 1970. O valor de CR\$ 3,440 milhões foi repassado ao clube e constava no decreto lavrado a sua destinação à construção de escolas ou à construção do Paço Municipal<sup>24</sup>.

O *Diário Oficial* é mais claro. No art. 2º, capítulo V da Lei n. 1.874, afirma-se que o espaço poderia ser usado para parques infantis, praças de esportes destinadas à educação física de alunos de grupos escolares, funcionamento de

---

<sup>24</sup> MINAS GERAIS, 1970. O ato do Prefeito Luiz de Sousa Lima, publicado no *Diário Oficial* de 7 de novembro de 1970, declara o quarteirão de Lourdes como de Utilidade Pública cumprindo as disposições da Lei Municipal n. 1.874, de 2 de outubro de 1970.

órgãos de saúde pública destinados à população escolarizada, tais como gabinetes médicos e dentários, laboratórios, cantinas escolares etc.

Uma terceira fonte indica que

hoje o Estádio Presidente Antônio Carlos, conhecido Estádio de Lourdes, não pertence mais ao Atlético. Muitas vitórias foram obtidas no modesto campo a partir da partida inaugural com o Corinthians. Agora ele pertence à Prefeitura, pois sua venda pela atual diretoria serviu para equilibrar as finanças atleticanas no atual plano de expansão (REVISTA GRANDES CLUBES BRASILEIROS, 1971, p. 74).

O fato é que a construção da nova sede da Prefeitura nunca saiu do papel. Aparentemente, com base no ocorrido e agindo com interesse pelo espaço, a partir de 1978 o Clube passou a reivindicar a reincorporação do estádio ao seu patrimônio.

Essa reivindicação teve importância fundamental em dois momentos: num primeiro momento, serviu de pressão para a constituição do Campo do Lazer, em 1980. Os portões do Estádio de Lourdes ficaram fechados à visitação popular durante a década de 1970 até sua abertura ao público em 1980. O espaço era aberto eventualmente para atividades realizações da Secretaria de Cultura, Informação, Turismo e Esportes da Prefeitura de Belo Horizonte. O segundo momento, em 1993, marcou a retomada do Campo do Lazer pelo Atlético por meio de manobras jurídicas e articulações de negociação<sup>25</sup>.

De acordo com o depoimento de Maria Beatriz Hauck Magalhães Miranda, no estádio eram realizados eventos, principalmente feiras e comemorações, como também reuniões de movimentos sindicais, dentre eles os dos trabalhadores da construção civil. Relatou a entrevistada em seu depoimento referente ao período imediatamente anterior à inauguração do Campo do Lazer, de acordo com o que pôde lembrar:

*Tinha a Feira da Paz. A Feira da Paz era mais artesanato e tudo mais. E alguma feira que tinha nome internacional, das Nações ou das comunidades imigrantes de BH, italiana. Tinha comida, tinha barraca,*

---

<sup>25</sup> MINAS GERAIS, 1970. A anulação da desapropriação pela 3ª câmara cível do TJ aconteceu em 10 de agosto de 1984. Pendências judiciais se arrastaram por 9 anos até a revogação da desapropriação em 1993, ano de retomada definitiva do local pelo clube.

*tinha produto, tapete libanês, tinha de tudo ali dentro. Parece que o Estado cobriu aquilo tudo com asfalto. Parece não, eu acho que a Secretaria colocou asfalto naquilo tudo. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010)*



FIGURA 5 – Foto do ex-campo do Atlético durante uma assembléia de trabalhadores da construção civil decidindo por uma greve em julho de 1979.

Fonte: PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 1994. Foto de Mana Coelho.

A busca de informações sobre os eventos e a ocupação do cada vez mais valorizado imóvel de Lourdes, por meio de documentos de órgãos da administração pública se mostrou infrutífera. Na tentativa de localizar os arquivos relativos às atividades desenvolvidas no Campo do Lazer, obtive a informação de que os arquivos estariam guardados no depósito da Prefeitura de Belo Horizonte, localizado no bairro Saudade. Os arquivos foram procurados no local, mas não foram encontrados. A justificativa para a ausência de registros é que, provavelmente, teriam sido descartados no início de 2010<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> A Prefeitura de Belo Horizonte possui um depósito no Bairro Saudade onde são guardados materiais diversos e equipamentos para realização de eventos municipais.

Os documentos fotográficos revelam a utilização do espaço<sup>27</sup>, entretanto, durante o tempo de duração desta pesquisa, não foram encontrados registros escritos sobre como funcionavam tais eventos. Não há explicações de como um espaço central e de notória significação para a população da cidade ficou durante um extenso tempo sem ocupação regular e sem destinação específica.



FIGURA 6 – Foto do desfile da corte momesca no carnaval de 1974, no ex-campo do Atlético. Ao fundo as roletas de acesso ao Estádio fechadas.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 1974. (APCBH)/ negativo ASCOM, 22166.

<sup>27</sup> É possível encontrar, no Arquivo Público Cidade de Belo Horizonte, um conjunto de fotos de 1974 do desfile de carnaval e do Rei Momo nas dependências do Estádio Antônio Carlos. Na foto aparecem o ônibus da extinta TV Itacolomi e o asfalto em todo o espaço do campo.



FIGURA 7 – Apresentação do Rei Momo no carnaval de 1974 no local, próximo às arquibancadas, onde foram pintadas as quadras de peteca.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE, 1974. (APCBH)/ negativo ASCOM, 22174.

Como aluna de graduação do curso de Educação Física, Maria Beatriz ingressou na Prefeitura em 1977, como funcionária do extinto Conselho Municipal de Esportes (CME). Vinculado à Secretaria Municipal de Cultura Informação, Turismo e Esportes, o Conselho era dirigido pelo Dr. Camilo Karam e tinha como consultores os professores Cláudio Boschi e Willer Ferreira. Ao término do Curso de Educação Física, foi nomeada Chefe do Serviço de Promoções Esportivas e Educacionais do Departamento de Execução Esportiva e relata que

eles eram os cabeças e eu a funcionária. Começamos a implantar em Belo Horizonte, rua de lazer e tudo mais, alguma coisa de esporte comunitário que, em princípio, é a função nossa da Prefeitura, o lazer comunitário. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/05/2010)

De acordo com a entrevistada, já em 1980, a Prefeitura de Belo Horizonte era pressionada a ocupar o espaço de Lourdes, e o Prefeito Maurício Campos tratou de destacar a professora Leonésia para coordenar a ocupação do Campo do Lazer<sup>28</sup>.

A Prefeitura judicialmente conquistou o direito de apossar-se do Campo, espaço 'Estadinho Antônio Carlos', por conta do pagamento de uma dívida de imposto. Aí foi uma coisa louca, porque a Prefeitura tinha trinta dias para tomar posse do terreno, e aquela briga toda de um clube, o grande clube dos mineiros com a Prefeitura. O Prefeito Maurício Campos destacou a professora Leonésia Cardoso Soares Neto, que é uma pessoa da maior importância nesses trinta dias aí, ela e o Willer Ferreira, diretor do departamento. Ele me designou para trabalhar com a Leonésia no Campo do Lazer no seguinte: '*o que nós vamos colocar aqui dentro de jeito que seja de utilização comunitária*'? [...] Eu entrei com a parte de lazer comunitário. Então tinha aqueles *boxes*, então aqui nós vamos colocar Dama... o importante é que tivesse para tudo que é idade; Dama, Xadrez, Futebol de Mesa, Totó, não é? [...] naqueles *boxes*, colocamos atividades de recreação. Tinha artesanato para criança, artesanato para senhoras pintar tecido nos *boxes*, ainda tinha aula de pintura para criança. Então a mãe deixava o menino ali do lado e ia fazer sua aula, outras coisas e tal. [...] Enfim, saiu um trabalho ali junto para *ocupar, a palavra era essa: ocupar o bem, o bem patrimonial*<sup>29</sup>, senão o Atlético retomava. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010).

Nesse momento, é possível dizer que o ex-campo do Atlético constituiu-se como o Campo do Lazer. A posse oficial não se limitou à ocupação dos *boxes*, mas também à preparação do espaço de 13.900 metros quadrados para a ocupação comunitária. O Campo passou a ser aberto regularmente, de terça-feira a domingo, para a utilização pela população de Belo Horizonte. Evidencia-se a pouca estrutura disponibilizada pela Prefeitura nesse período inicial do Campo do Lazer, o que seria melhorado anos mais tarde, com a criação da Secretaria Municipal de Esportes (SMES) e com os convênios estabelecidos com a Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

<sup>28</sup> Maurício de Freitas Teixeira Campos foi prefeito de Belo Horizonte de 3 de abril de 1979 a 14 de maio de 1982.

<sup>29</sup> A entrevistada relata, de maneira enfática, a necessidade de ocupação do imóvel. Os *boxes* eram pequenas áreas cobertas como garagens, situadas nas paredes internas do imóvel.

*Então, ali nós começamos literalmente a pintar o chão. Essa é que era a história do Campo do Lazer. Então começamos a demarcar ali em cima do asfalto porque já era Campo, mas tinha um asfalto geral lá. [...] e sem estrutura de departamento para desenvolvimento disso tudo, porque nos não tínhamos profissionais. Tinha a chefe e não tinha mais profissionais contratados, concursados, do quadro efetivo da Prefeitura que tocassem tantas coisas que cabiam ali dentro para desenvolver. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010).*

Internamente foram necessárias várias intervenções no espaço físico, e somente assim o Campo do Lazer começou a se tornar realidade. Foram pintadas as primeiras quadras esportivas, sendo duas de basquete e duas de voleibol, próximas ao portão com roletas da Avenida Olegário Maciel. As quadras de Futebol de Salão foram demarcadas ao longo das arquibancadas da Rua Gonçalves Dias. Na lateral da Rua Bernardo Guimarães foram instalados os postes de Espirobol, na mesma lateral em que foram mantidos alguns boxes para as oficinas que seriam realizadas pela Secretaria de Esportes. No centro do terreno foi construído um parque infantil com um tanque de areia que continha alguns brinquedos fixos. Como medida de saúde pública, esse tanque, nos anos seguintes, foi transformado em área cimentada para patinação. A área em frente às arquibancadas cobertas, ao longo da Rua Rio Grande do Sul, foi deixada como uma ampla área de circulação. Sob as arquibancadas passaram a funcionar as salas de apoio, banheiros, vestiários e a administração do Campo do Lazer.

Inicialmente, o Campo não contou com quadras específicas de peteca. Entretanto, a modalidade passou a ser praticada na quadra de voleibol enquanto estava vazia ou após o término da prática por seus ocupantes. A demarcação foi feita em uma das quadras, e o jogo era desenvolvido utilizando-se a rede de voleibol.

*Numa medida lá mais ou menos então, acho que o Coutinho já trouxe essa ideia de tamanho. Eu me lembro que houve uma discussão de tamanho de quadra, quanto que ia marcar e não tinha dados. O fato é que as pessoas jogavam... começou uma adesão tão grande e a coisa começou a crescer, crescer a peteca no Campo do Lazer, porque o Coutinho era um cara, um cara que puxa! Ele era o centro gravitacional de muitas coisas nessa cidade. [...] O Coutinho tinha sido técnico de atletismo do Atlético, dava treinamento para os atletas dele e era um cara muito querido, um cara muito sensato e tudo mais, naquela simplicidade dele. E*

*ele dava treinamento de vôlei para o pessoal dele no Atlético e ia jogar peteca. [...] O Coutinho defendeu assim que a peteca tivesse um espaço ali dentro. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010)*

Maria Beatriz entende que a peteca teve seus primeiros passos no Campo do Lazer. Sua fala indicia o começo de um processo de popularização, no sentido da sua prática destacada, da sua expansão e divulgação esportiva pela cidade.

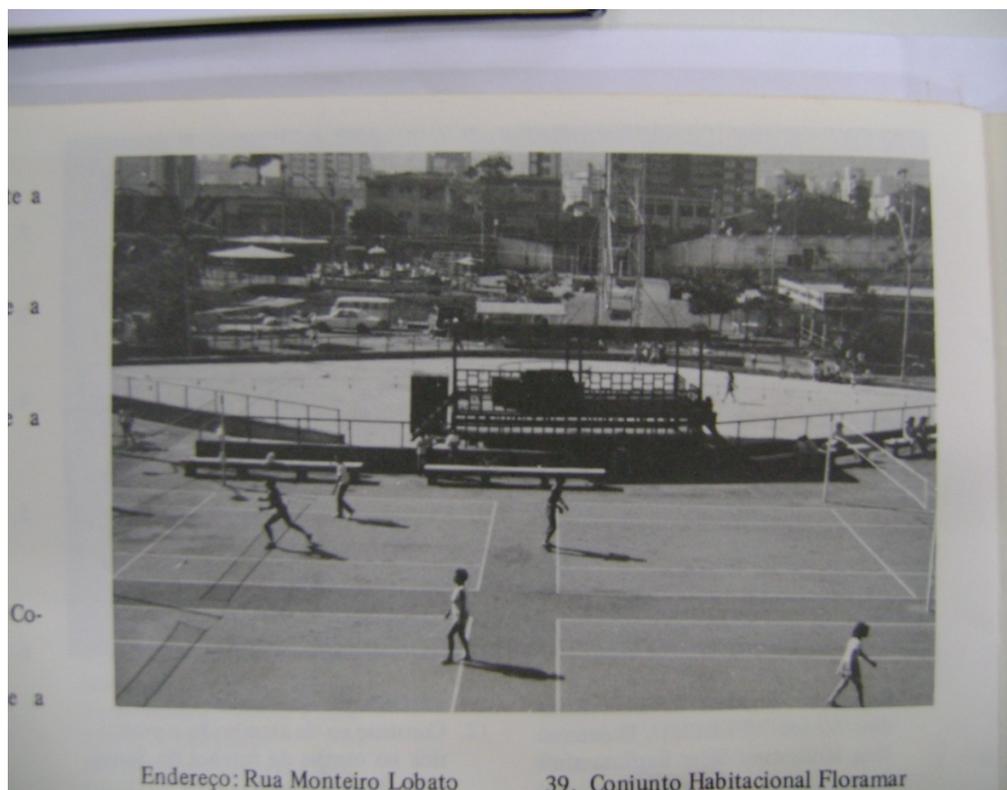


FIGURA 8 – Vista do Campo do Lazer da arquibancada, com as quadras de peteca em primeiro plano, a área de patinação no centro e, ao fundo, uma roda gigante como parte de um parque instalado.  
Fonte: SMES, 1985, p. 23.

### 1.3 O ENCONTRO DA PETECA COM O CAMPO DO LAZER

*[...] petequero é tudo a mesma coisa.  
Quando toma gosto, entendeu, aí vai direto.  
(João Batista da Silva Coutinho, 2010)*

João Batista da Silva Coutinho, como atleta do atletismo, foi competidor da prova de 400 metros com barreira. Em 1980, foi convidado por Jorge Norman, secretário de Cultura, Turismo, Informação e Esportes, para compor o grupo de professores do Campo do Lazer e passou a trabalhar com Maria Beatriz. Em sua entrevista, afirma que começou a praticar peteca aos 34 anos de idade, no Campo do Lazer, tendo como motivos a manutenção da forma física, por ser um esporte agradável e não ter muita contusão. Apesar de conhecer a peteca desde 1972, treinava muito o atletismo, numa prova reconhecidamente desgastante, e não tinha tempo de praticá-la.

Coutinho contribuiu para a instituição da peteca no Campo do Lazer e, por meio das suas ações, fez com que o interesse pela peteca fosse crescendo e atraindo gente de todas as partes da cidade:

*O Coutinho ficava ali, do lado de fora, eu me lembro do Coutinho apoiado ali. Ele chegava cedo, tinha dia, sete horas da manhã estava jogando peteca e ficava ali com a turma até nove, nove e meia. O Coutinho ia trabalhar na sala as dez horas da manhã. O que não estou, absolutamente, dizendo que ele era negligente com horário de trabalho não. É o contrário. Tanto que ele ficava até mais tarde, até oito horas da noite no Campo do Lazer fazendo coisa para dia seguinte. Quando ele ficava, aquele momento que ele estava ali na beirada de quadra, ele estava articulando ideias e isso aqui [gesto de dinheiro] patrocínio, ele estava com gente ali, que ele estava fazendo contatos para que... depois em benefício do trabalho mesmo. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010)*

O Campo do Lazer passou a se apresentar como opção de lazer na região central de Belo Horizonte. Moradores da região, estudantes em horário escolar acompanhados por professores, estudantes fora do horário, no popular “matando

aula”, permanecendo ali até o horário de volta para casa, empregados de empresas próximas em horário de descanso, funcionários públicos, aposentados, donas de casa com crianças de colo, tinham o Campo do Lazer como espaço de visitação durante a semana. O espaço era também utilizado por escolas públicas e particulares da região para aulas de educação física, além das oficinas realizadas que atendiam ao público de diferentes idades.

Nos finais de semana, o público era acrescido por praticantes de vários esportes individuais e coletivos que se encontravam no Campo do Lazer e recheavam seus grupos. O Departamento de Esportes estabeleceu critérios para a retirada do material do esporte preferido, bastando a apresentação de um documento com foto à administração. O documento ficava retido até o retorno do material emprestado. Como o número de quadras era reduzido, regras eram estabelecidas para que o maior número de pessoas pudesse participar, e eram formados os “times de fora” em cada local. O mesmo acontecia com a peteca, tendo Coutinho como incentivador.

*Então dali começou assim, muito adolescente, nós temos que falar disso socialmente e os amigos dele de outros lugares. Tinha muito velho, muita menina, tinha muita gente do Minas<sup>30</sup> que ia jogar no Campo do Lazer. Então a gente tinha uma amplitude de faixa social fantástica.*

*[...] Eu quero caracterizar o seguinte: o pessoal que treinava com o Coutinho no atletismo você vê que a maior parte era da faixa escolar. Vinha esse pessoal que acabava o treino ali e ia jogar peteca com o Coutinho. [...] Então, a gente pegava desde a faixa dos que iam treinar atletismo e o pessoal da região. Tem um conjunto. O Conjunto JK que tem milhares de pessoas lá dentro. Então as pessoas do JK... Aquilo era um prédio, não tinha lazer. Elas jogavam no Campo do Lazer a dois quarteirões de lá. Ali era o centro de lazer dos moradores ali do Conjunto JK. Então, veja você, ir oferecendo atividade para outra faixa etária era questão de tempo. Alguma coisa ali daria certo. E o que deu certo foi a novidade mais esse poder de atração do pessoal de lá de dentro. Com aquela grande quantidade de pessoas ali, na nossa linguagem, cheio da turma de fora não é, time de fora, time dois, dava muito time de fora. Eu me lembro. Nove horas da manhã uma barbaridade de gente jogando peteca. [...] Mas o Coutinho, quando eu te falo que o Campo do Lazer cabia todo mundo de idade e cabia socialmente também, da mesma forma que vinha gente do Minas, vinha pé rapado. É isso que eu estou dizendo. o Minas é um clube de elite. Temos que entender isso, como*

---

<sup>30</sup> Minas Tênis Clube (Minas), tradicional e afamado clube esportivo de Belo Horizonte. Mesmo tendo sido construído em um espaço destinado a ser um parque público, atendia a uma parcela selecionada da cidade. Para saber sobre a história do esporte na cidade pelo Minas cf. RODRIGUES, 1996.

*tinha o pessoal da Beneficência da Prefeitura, como vinha gerente de banco, que estava ali do lado, que saía de terno. Então o que a gente tinha ali eram pessoas tanto influentes na sua área de trabalho quanto pessoas influentes intelectualmente falando. Então rolava ideias... (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES –13/5/2010)*

Se a peteca era novidade no Campo do Lazer, ela já vinha sendo praticada em clubes e residências de Belo Horizonte desde décadas anteriores. De forma peculiar, a prática da peteca no Campo do Lazer foi ganhando importância e fama na cidade pelo volume de pessoas e pela qualidade da prática. Atraía tanto aqueles interessados num jogo que proporcionasse prazer e manutenção da saúde como praticantes de clubes interessados em melhorar o desempenho nas quadras e participar de competições.

É importante, nesse momento, considerar o desenvolvimento de clubes esportivos e recreativos da cidade, fundados, principalmente, a partir da década de 1960 e que atendiam à população da cidade favorecida economicamente. Segundo Rodrigues (2006, p. 28), na década de 1960, surgiram vários clubes na cidade, como o Pampulha late Clube (PIC), em 1960, o Mackenzie Esporte Clube, em 1961 e o Jaraguá Country Clube, em 1962. Além das praças e parques, os clubes se tornaram expressão do lazer belo-horizontino.

Os praticantes de peteca se encontravam em seus clubes e em outros, como o Minas, o Quinze Veranistas, o Campestre Clube, o Cruzeiro Esporte Clube e o Olympico Club. Em decorrência da crescente prática, concluiu-se a necessidade da ampliação do número de quadras de peteca para o atendimento dos frequentadores do Campo. Edson Rodrigues de Oliveira, um dos assíduos nas quadras de peteca do Campo do Lazer, afirma:

*Nestes anos aí, na década de 70, eu morava no Bairro Betânia. Para ser mais exato, se não me engano, parece que foi em 1978 ou 79, nós mudamos para o centro da cidade, na Praça Raul Soares e nessa mudança, eu não me lembro como eu conheci o Campo do Lazer. Alguém me falou do Campo do Lazer, que tinha vários esportes lá, inclusive quadra de peteca. Na verdade não tinha quadras de peteca. Eram as quadras de vôlei que eles fizeram uma marcação assim... que era uma quadra só com a marcação de peteca. Era quadra de vôlei com a marcação de peteca. Aí depois eles fizeram uma, duas, três, quatro, seis quadras de peteca no Campo do Lazer com asfalto. Passaram um*

*asfalto, nivelaram e assim fizeram seis quadras só para a peteca. Mas até então a gente jogava lá... Existiam, se não me engano, duas ou três quadras de vôlei. Tinha um grupo que jogava voleibol todos os dias de semana e aos finais de semana. Um grupo que jogava basquete. Então tinha uma quadra poliesportiva que era para basquete, futebol de salão na época e outra quadra de vôlei que a gente jogava peteca nela. (Edson Rodrigues de Oliveira, jogador de peteca – 9/6/2010).*

Da articulação de Coutinho à beira de quadra, também em busca de recursos, surgiram os torneios de peteca patrocinados, que contemplariam os praticantes do Campo do Lazer. Não se pode afirmar com precisão quando o primeiro torneio de peteca do Campo do Lazer foi realizado. Não foram encontrados registros escritos, mas as informações colhidas nas entrevistas indiciam como referência o ano de 1981:

*Quando entrou dinheiro, patrocínio, aí foi feito melhoramento porque era asfalto grosso, foi feito melhoramento. Eu não sei se você se lembra Renato, tinha um degrau, mais ou menos dessa altura entre o piso das salas de trabalho... Tinha meio metro de altura que dava nas quadras. E a gente tinha até medo do povo cair. Tinha a margem de segurança da marcação, mas a gente tinha medo do povo, correndo atrás da peteca, cair ali. Então foi feito esse nivelamento. Aí entrou dinheiro. Aí a Prefeitura... Olha que legal, como é que pressão funciona. O Bamerindus ou o Itaú, acho que foi o Bamerindus, 'Nós fazemos, nós queremos'. Aí o Coutinho falou, 'então tem que nivelar'. Então é aquela coisa da parceria. O cara entra com o dinheiro para fazer uma Copa. Você sabe quanto custa para fazer uma copa, entre medalhas, com tantas categorias, o preço dessa premiação. Eu não sei se chegou a ter premiação em dinheiro. Eu acho que chegou a ter mais para a frente. Mas aquela novidade... A Prefeitura trocou a parte dela, pôs a Sudecap<sup>31</sup> lá dentro nivelando, demarcando e tudo mais, enlouquecendo o Álvaro que era o nosso diretor. Porque tinha que dar conta e a obra tinha que ser rápida por causa do campeonato e tudo mais. E o Banco. Aí entrou dinheiro de patrocínio e mudou tudo. E aí fizeram o nivelamento dessas quadras e aí eram seis quadras. Mas antes não era. É muito importante a gente mostrar as condições em que a peteca começou. [...] o Álvaro Loureiro é que acompanhou essa obra. Mas eu me lembro que o Álvaro esbravejava porque tinha que ficar pronto, porque tinha dinheiro de fora correndo ali. [...] Eu me lembro uma época que alguém da Secretaria... eu me lembro bem. Uma vez o secretário, Jorge Norman, ele não quis liberar um dinheiro, e era referente à peteca. Eu acho que foi referente a construção das quadras. Alguém achou que era uma bobagem que estava fazendo, que não valia o investimento. E eu me lembro o Álvaro muito bravo. O Álvaro Loureiro, diretor do departamento, ele dizia 'o pessoal não sabe o que está acontecendo aqui dentro' e tal. [...] O*

<sup>31</sup> A Superintendência para o Desenvolvimento da Capital (Sudecap) era o órgão responsável pelas obras de infraestrutura da cidade.

*Álvaro queria convencer as pessoas que a entrada de um patrocinador lá, para patrocinar um evento esportivo, gente, nós estamos falando da década de 80. Final da década de 70 começou o que é hoje, o que depois veio a chamar marketing esportivo. A coisa funcionava no seguinte sentido: não tem orçamento para entrar dinheiro. Então com a entrada, quer dizer existia, não é. Tanto que o Banco tinha a área de Marketing. Mas a entrada de dinheiro ali mudou muita coisa e além da demanda que tinha do espaço, desde carnaval, greve de pedreiro e tudo mais, de tudo que acontecia ali, com o crescimento da Copa de Peteca. Com a entrada de empresas direcionadas à promoção esportiva, com a Panda tendo assumido a coordenação, a confiança, não é, porque o Banco Itaú tinha uma confiança danada na Panda, fantástica, que depois cresceu para Copa Estudantil, como é que chama? Esqueci o nome... que era enorme. Intercolegial, não é? Que virou Panda, mas era Intercolegial Itaú. Então o Itaú, num momento saiu da jogada e a Panda manteve essa Copa. Então veja você, quando entrou dinheiro na promoção esportiva... o que perdeu o nome do patrocinador, continuou depois a exemplo da Intercolegial. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010)*

A criação de seis quadras de peteca repercutiu, atraindo mais pessoas e a incrementar sua prática. Enquanto a peteca se popularizava em Belo Horizonte, o mercado esportivo vivia um momento favorável pelo sucesso de outras modalidades. Além do futebol, outros esportes coletivos ganharam espaço na mídia em suas formas “espetacularizadas”, projetando diversos tipos de consumos e comportamentos. O voleibol começava a colher os frutos de um planejamento consistente “implementado” a partir da década de 1970 pela Confederação Brasileira de Volleyball (CBV) caminhando para a sua profissionalização<sup>32</sup>.

Em 1983, foi criada a SMES, por meio de uma decisão política do prefeito Hélio Garcia<sup>33</sup>. A Secretaria de Cultura, Turismo, Informação e Esportes existente na época foi desmembrada, sendo constituídas a Secretaria de Cultura, a Secretaria de Turismo (Belotur) e a SMES. Essa mudança e a criação das secretarias foram realizadas pelo Dr. Afonso Celso Raso, amigo e consultor do prefeito Hélio Garcia. (MIRANDA, 2010).

<sup>32</sup> Para saber sobre aspectos da espetacularização do voleibol cf. a tese de doutorado de Wanderley Marchi Júnior (2001). A influência do voleibol nas modificações das regras da peteca será analisada no capítulo 3.

<sup>33</sup> Hélio Garcia foi prefeito de Belo Horizonte de 12 de abril de 1983 a 14 de agosto de 1984. Fonte: SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO DA PBH.

*O Piazza, quando ele foi ao Campo do Lazer, nomeado Secretário, ele fez uma reunião com a gente debaixo... nós éramos sete ou oito pessoas<sup>34</sup>; que era o Piazza, o Álvaro Loureiro diretor do departamento, o Coutinho, Luiz Carlos e eu, Gracy e Gracinha, que o Álvaro chamou para conversar. Mas era debaixo da arquibancada mofada que a gente trabalhava. As salas mofadas e o Piazza falou uma coisa muito legal. Falou para o pessoal; ele naquela humildade que todo mundo sabe, reconhece. Ele falou assim: 'Estamos criando uma Secretaria, criaram uma Secretaria, estou nomeado, preciso muito de vocês de cabeça no chão, porque eu entendo um pouco de futebol...' modéstia dele, '... eu entendo um pouco de futebol, mas preciso de vocês com os pés e a cabeça no chão, porque nós vamos tratar aqui de esporte especializado também. Nós vamos tratar de esporte para o povo, nós vamos tratar de recreação. Então eu preciso de vocês para esse espaço de chão que não é do meu conhecimento'. O Piazza foi um cara de bom senso, chamando a gente e ouvia. [...] E aí a gente tinha uma equipe contratada ou paga pelo patrocinador para organizar uma Copa de Peteca daquele tamanho. Além da equipe técnica, você tinha que ter um cara que limpa quadra, você tinha que ter um cara, no tempo do mimeógrafo, para rodar boletim. A Grace as vezes ficava até de madrugada lá com o Coutinho e a Gracinha fazendo tabela que tinha que ser divulgada no dia seguinte. Então você pega tudo isso. Você pega a equipe que estava lá trabalhando lá fim de semana... que a gente trabalhava, quando não era atividade patrocinada, era de graça mesmo, era para trocar por uma folga que gente nunca tinha durante a semana, vamos arranjar um padrinho para organizar...mas quando o Piazza falava aquilo... ele disse o seguinte: 'Vocês é que vão me dizer onde eu vou colocar o nosso pouco dinheiro na área do esporte especializado'. Ele pegava o orçamento e dividia para o futebol de várzea, um pouco para não sei lá o quê e aí vinha a faca no peito da gente. De todas essas atividades do planejamento e mais o apoio que o cara está precisando lá fora, não é, 'esse evento vai ser bom para nós porque é uma modalidade que nós nunca mexemos. Você se dispõe a colaborar?' e aí a gente já tinha uma equipe bonitinha de cerimonial, por exemplo, de premiação. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010.)*

Nos anos iniciais da década de 1980, as dimensões da quadra de peteca já estavam definitivamente estabelecidas para o jogo de duplas. A contagem do jogo era definida em melhor de três sets, cada um com 20 pontos disputados. Nessa época, diversos torneios internos aconteciam nos clubes da cidade ao longo do ano, com pequenas variações nos regulamentos, conforme cada competição e cada agremiação.

A participação do público e o sucesso obtido nos torneios de 1981 e 1982 realizados no Campo do Lazer despertaram o interesse de uma empresa de

---

<sup>34</sup> Wilson Piazza foi secretário Municipal de Esportes, de 29 de junho de 1983 a 10 de setembro de 1988.

Fonte: SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO DA PBH.

organização de eventos, a qual via na peteca um bom potencial de marketing por meio do esporte.

A Panda Promoções e Eventos era constituída pelos irmãos da família Zech Coelho. Carlos Rogério, um deles, contribuiu para a pesquisa relatando como foram realizadas as Copas de Peteca e o alcance que obtiveram através dos anos de realização. A empresa administrava o evento e fazia o trabalho de promoção e divulgação contando com a estrutura física do Campo do Lazer. A realização técnica era feita pelos funcionários da SMES, coordenada por Coutinho.

É interessante notar que a Copa Itaú de Peteca começou a ser realizada em 1983 e, mesmo sendo a sua primeira edição, se intitulava “III Copa Itaú de Peteca”, como indica o recorte de jornal da FIG. 9, cedido por uma entrevistada.

*Bamerindus foi até antes da Panda entrar. O Banco Bamerindus... Eles fizeram algumas copas de peteca na época com a Secretaria de Esportes. Aí o evento parou. Eu sempre ouvia falar daquilo. Aí um dia eu chamei o Coutinho. [...] O Coutinho, inclusive, foi o primeiro coordenador geral que eu chamei: 'Coutinho, você acha que dá para a gente ressuscitar a peteca, fazer um grande evento de peteca lá no Campo do Lazer'? Ele falou: 'É claro que dá'. A gente tinha um bom acesso ao Banco Itaú, formatamos um projeto, chamamos o Estado de Minas para ser parceiro, o Banco Itaú comprou a ideia e por doze ou treze anos seguidos foi patrocinador com muito sucesso. Ele queria exatamente 'emineirar' a marca dele. Dar uma cara mineira na marca que era muito paulista. Com isso acho que foi atingido o objetivo porque nada mais mineiro do que a peteca, não é? (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos –26/6/2010).*

III COPA ITAÚ DE PETECA

# E a peteca ainda não caiu

Os badmintonistas de Belo Horizonte! Vocês seguraram a peteca e garantiram o maior recorde de participantes numa competição esportiva no Brasil: 3.334 atletas se inscreveram nas diversas categorias. Agora, petecas para o ar porque ninguém é de ferro! Aos sábados e domingos, a partir das 8 da manhã até às 18 horas, no Campo do Lazer, na Av. Olegário Maciel, entrada franca para todos os que desejam ver de perto os maiores petecueiros do Brasil. Não abra a mão dessa oportunidade. Vá lá e confira!\*

\*114 duplas e seus reservas. Todos querendo os prêmios de passagens aéreas e estada nos melhores hotéis da Bahia.  
\*\*Peque as tabelas com o Alvaro.





Patrocínio:  
Itaú  
Autobank  
O CAMINHO MAIS FÁCIL PARA VOCE  
EM ANIMAÇÃO E SEGURANÇA

Apoio:  
SECRETARIA MUNICIPAL  
DE ESPORTES E FEMP

Promoção:  
ESTADO DE MINAS  
DIÁRIO DA TARDE  
RÁDIO GUARANI/FM/  
TVALTEROSA

III Copa Itaú  
de Peteca

*Julin - Chuzpa*

ESTADO DE MINAS — Domingo, 9 de outubro de 1983 — 1.º caderno — 34

*Campeã*

FIGURA 9 – Recorte do Jornal *Estado de Minas*, 1.º caderno, 9 out. 1983, p. 34. Divulgação da III Copa Itaú de Peteca.

Fonte: Arquivo do CEMEF cedido por Vera Lúcia Beaumord.

A inovação na peteca era a possibilidade apresentada pela empresa promotora de eventos em aumentar o número de participantes por equipe. Com essa estratégia, cada dupla teria direito a inscrever dois jogadores, mais um jogador como reserva. As equipes, dessa forma, passaram a ter três integrantes, mobilizando número maior de participantes envolvidos com o evento. Cabia à Federação Mineira de Peteca (FEMPE) a aprovação do regulamento específico da competição em conformidade com as regras da modalidade.

Outra novidade foi o fato de patrocínio maciço de uma modalidade reconhecida em Belo Horizonte, que se difundia por Minas Gerais e se tornava conhecida em outros Estados, ser destacadamente veiculado pela mídia. O recorte do Estado de Minas vem evidenciar o impulso que a modalidade tomou a partir de 1983. A matéria de divulgação do jornal remete, ao mesmo tempo, ao grande tempo de peteca em jogo que as regras possibilitavam na época e à expressão popular de não deixá-la cair. Nesse ano, foram 1.114 equipes, com jogos em finais de semana, enquanto a luz do dia oferecesse condições para jogo. A premiação atraía por causa dos troféus e das viagens garantidas às equipes campeãs.

A Copa passaria a crescer a cada edição e colocava o Campo do Lazer como o centro da peteca na cidade. Diante disso, o espaço se tornou-se uma verdadeira *academia da peteca*<sup>35</sup> e a frequência, cada vez maior às suas dependências, impactou o lazer na cidade sob vários aspectos.

Talvez o mais importante deles tenha sido o fato de praticantes de peteca, assíduos em seus clubes, passarem a frequentar o Campo do Lazer e até mesmo a dar-lhe preferência em determinados dias da semana e em alguns horários em fins de semana. As possibilidades que o Campo oferecia, seja pela qualidade da peteca praticada, seja pelo encontro de amigos ou pela localização, atraíram as atenções, transformando-o em um lócus esportivo e social de expressão na

---

<sup>35</sup> Termo utilizado pelo depoente Adalberto Conceição Santos, que foi entrevistado na Associação Recreativa Telemar (ART) em uma manhã de 3ª-feira, antes de um encontro semanal com os amigos para jogar peteca. Começou a jogar em 1973, com os engenheiros da Coteminas, que levaram a peteca para Montes Claros. Diante da riqueza de detalhes fornecidos e da contribuição do entrevistado para a difusão da peteca, a transcrição completa da sua entrevista foi anexada ao final do trabalho.

cidade. Praticantes de idades variadas numa mesma quadra, de diferentes lugares da cidade e nível socioeconômico se encontravam no Campo do Lazer para jogar peteca.

Na visão de Adalberto Conceição Santos, conhecido como “Marrom”, o Campo do Lazer era o ponto de encontro da peteca da cidade. Desde sua transferência para Belo Horizonte, ele tinha o Campo do Lazer como seu local principal de prática. Em sua história de vida, a peteca passou a ter um significado especial, como lazer, como competição e como ampliação de seus contatos sociais. Além da prática, o objeto peteca passou a ser a sua principal fonte de renda<sup>36</sup>.

*Tinha 19 anos quando iniciei. Aí fiquei em Montes Claros jogando lá com o pessoal e em 1980 eu vim para BH. Aqui chegando, sem acesso a clube nenhum, não era sócio de clube nenhum, fui para o Campo do Lazer em 1980. Foi justamente quando o Campo do Lazer iniciou. Eu fui um dos primeiros lá naquele lugar. [...] Eu já tinha um nível técnico bom. Eu achava que era um bom jogador, mas quando eu cheguei aqui eu vi que eu não jogava nada. [...] Aí cheguei e fui ao Campo do Lazer, que apesar de um lugar de portão aberto, tinha excelentes jogadores. Pessoal que era sócio de clubes, mas que tinha o Campo do Lazer como o local da peteca. Era o local que não tinha controle de portaria, era aberto, mas muito bem frequentado. Pessoal que era sócio de vários clubes e até o Minas, que por sinal era ali do lado e que fazia a opção de ir para o Campo do Lazer, por causa do nível técnico, do ambiente. E nessa aí eu iniciei aqui em Belo Horizonte. (Adalberto Conceição Santos, praticante de peteca – 15/6/2010).*

---

<sup>36</sup> Adalberto Conceição Santos foi entrevistado na Associação Recreativa Telemar (ART) em uma manhã de 3ª feira, antes de um encontro semanal com os amigos para jogar peteca. Iniciou sua prática em 1973 com os engenheiros da Coteminas que levaram a peteca para Montes Claros. Diante da riqueza de detalhes fornecidos e da contribuição do entrevistado para a difusão da peteca, foi anexada a transcrição completa da sua entrevista ao final do trabalho.



FIGURA 10 – Diferentes idades numa quadra de peteca da Associação Recreativa Telemar (ART Telemar). Da esquerda para a direita: Leonardo Lima (35 anos), Adalberto Conceição Santos (54 anos), Carlos Batista Gomes (74 anos) e Mércio Santiago (61 anos), em 15/6/2010.  
Fonte: Foto do autor.

O senhor Aloísio Brandão, de 74 anos, empresário aposentado, pratica a peteca no Pampulha late Clube (PIC) até os dias de hoje. O esporte sempre fez parte de sua vida e incentivou seus filhos, que desde pequenos o acompanhavam ao clube, à prática esportiva. Após ter sido jogador de voleibol, seu primeiro contato com a peteca aconteceu no Jaraguá Country Clube, na década de 1960, por meio de uma visita de praticantes do Minas. Sua frequência ao Campo do Lazer era intensificada como treinamento pela proximidade das disputas das Copas de Peteca. Por ser uma pessoa muito observadora, destacou a diversidade e, explicitamente, a integração entre os jogadores:

*O Campo do Lazer é que divulgou mais a peteca e valorizou mais a peteca. Porque lá, era um clube popular, onde o pessoal da periferia... os grandes jogadores não tinham oportunidade de frequentar os clubes e a Área do Lazer recebia esse público. Lá era público. Então tinha as horas que todo mundo podia ir para lá de manhã e ficava até a tarde jogando. Então essa turma da periferia, grandes jogadores que são hoje ou que eram surgiram ali. Lá iam as pessoas da periferia e ia também*

*quem ia para o clube... Lá era a mistura. Lá ninguém sabia quem era quem. Lá a gente fazia as disputas sem saber quem era quem<sup>37</sup>. Então os caras surgiam lá. 'Puxa, esse camarada é lá do bairro São Paulo'. Esse cara é lá do... e no clube eles não tinham... a frequência em clube. Eles sobressaíam ali na Área do Lazer. [...] O maior auge, a maior valorização da peteca foi no tempo da Área do Lazer. Foi a Área do Lazer que deu a sacudida. Depois veio... entregaram para fazer o shopping. (Aloísio Brandão, 74 anos, praticante de peteca – 18/5/2010).*

Carlos Rogério vem de uma família de tradição esportiva. Junto com os irmãos foi atleta de alto nível de voleibol pelo Minas Tênis Clube. À frente dos negócios da empresa desde a década de 1980, realiza eventos de grande vulto para segmentos empresariais. Dentre as diversas promoções esportivas e eventos realizados, sua empresa tomou um grande impulso com o advento das Copas de Peteca. Em sua visão do Campo do Lazer, destaca o característico lazer urbano presente nas edificações da cidade e em clubes belo-horizontinos, o contraste e a aproximação entre classes sociais na inusitada ocupação de um espaço público. Durante a entrevista, afirmou que, para a peteca, o Campo do Lazer

*foi essencial porque era um ponto central da cidade de fácil acesso. A gente tinha ali... Então pertinho da Praça Raul Soares, que é um hub de ônibus que recebe todas as linhas de Belo Horizonte praticamente, com isso facilitava muito a prática de peteca pelas pessoas que não tinham condição de morar num prédio, onde que se construíam as quadras de peteca ou que fosse sócia de um clube. A entrada era franca no Campo do Lazer, colocava uma carteira de identidade e, com isso, recebia-se uma peteca e jogava gratuitamente o dia inteiro. Com isso houve uma interação entre classes sociais que eu achei muito importante. Era uma das coisas que eu achava mais interessantes na sua existência era o Campo do Lazer estar situado numa parte nobilíssima da cidade, talvez o metro quadrado mais caro da cidade e que pessoas de classe média alta se misturavam com pessoas de classe baixa e praticavam esporte, se integravam. Com isso se tornavam amigos e conviviam de uma maneira amigável. Para mim, a importância não foi só esportiva como também social. (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos –26/6/2010).*

Nesse ponto, há que se destacar o papel do Campo do Lazer como local público aglutinador de uma prática, como um centro irradiador e, por isso, responsável pela difusão e popularização da modalidade. Da mesma forma que a

---

<sup>37</sup> Ênfase da fala do depoente.

frequência no Campo atraía praticantes, seus frequentadores começaram a reivindicar aumento do número de quadras em seus respectivos clubes. Esse trânsito entre o público e o privado provocou alterações estruturais em muitos clubes e uma espécie de moda, de “febre de peteca” tomou conta da cidade. Em outras palavras, pode-se afirmar que a peteca tomou novos rumos e impactou o lazer na cidade a partir da combinação de uma série de fatores:

1. a ocupação de um espaço público de lazer por uma parcela crescente da população interessada numa prática específica de lazer;
2. a realização de eventos de participação popular realizados pela iniciativa privada com o apoio da Secretaria Municipal de Esportes divulgados pela mídia;
3. a reivindicação pelos cotistas de clubes pelo aumento do número de quadras em seus respectivos clubes, reforçando um processo de estabelecimento da modalidade iniciado nas décadas anteriores;
4. a indústria imobiliária: a ampla construção de quadras em condomínios impulsionou a prática da peteca e essa valorizou os lançamentos da época.

Como a peteca era considerada uma prática de lazer, principalmente de adultos, era fácil associá-la ao consumo de cerveja. Em várias regiões da cidade, foram lançados bares equipados com quadras de peteca, e vice-versa, conquanto reunisse grupos de amigos de qualquer espécie. Normalmente, as quadras eram alugadas por hora, mediante reserva – a maioria garantia o horário com pagamento mensal –, fixando o horário para a prática noturna após o expediente de trabalho, ou diurna, nos finais de semana. Pela natureza do encontro e pelos distintos grupos, seria praticamente impossível afirmar qual das práticas era a mais importante: se jogar peteca ou conversar e beber com os amigos ou, ainda, os dois ao mesmo tempo.

O “Boa Forma” era um exemplo dessa disseminação da peteca em Belo Horizonte. O bar era localizado na Rua Sergipe, no quarteirão próximo à Praça da Liberdade e continha várias quadras de peteca dispostas em níveis acompanhando o terreno acidentado. Além das noites semanais, as tardes de

sábado eram as mais concorridas, e a menos de 100 metros dali acontecia a “Feira de Alimentação da Praça da Liberdade<sup>38</sup>”, que era o ponto de encontro de todas as idades de Belo Horizonte e um verdadeiro bar a céu aberto. Segundo o jornal *O Petequeiro*, o bar surgiu após a constatação de que não havia quadras disponíveis para atender praticantes após o horário de trabalho. A ideia dos dois proprietários do empreendimento foi construir quadras de peteca num estacionamento desativado para atendimento mensal de aproximadamente 4 mil jogadores.



FIGURA 11 – Foto noturna do bar Boa Forma, em Belo Horizonte.  
Fonte: O PETEQUEIRO, p. 6, 1984.

Por outro lado, os clubes tinham espaços reservados para cada modalidade e se viam diante de uma nova realidade, uma vez que cada um deles tinha seu esporte de preferência que lhes dava certa identidade. O Cruzeiro, em sua sede urbana, transformou o espaço do campo de futebol em vestiários, duas piscinas, duas quadras poliesportivas e cinco quadras de peteca, bem como adaptou outras duas em quadra de futebol de salão para atendimento a seus associados. A sede campestre, na Pampulha, conta hoje com 29 quadras, situadas em diferentes pontos do clube. As primeiras foram construídas margeando o campo de futebol.

---

<sup>38</sup> Essa feira funcionou durante muitos anos até ser deslocada para a Avenida Bernardo Monteiro, próximo ao Colégio Arnaldo.

Com a demanda de mais quadras, as novas foram construídas em locais espalhados pelo clube. Talvez seja o clube com o maior número de quadras de peteca da cidade<sup>39</sup>.

Segundo levantamento realizado pela Prefeitura em 1983, Belo Horizonte contava com 74 campos de futebol em dimensões oficiais e mais 50 não oficiais. A popularidade sempre foi maior no futebol quanto ao número de praticantes. O futebol de salão, dentre os esportes “especializados”, contava com 1.900 atletas filiados à Federação Mineira de Futebol, enquanto a Federação Mineira de Peteca reunia 3.500 atletas (RODRIGUES, 2006, p. 28). Uma vez que as federações regem o esporte competitivo, nesse caso, o número de atletas filiados serve apenas como um parâmetro para se obter uma dimensão da prática esportiva em Minas Gerais. É provável que o número de praticantes de modalidades esportivas incentivadas pelas práticas escolares e levadas para a vida adiante fosse maior do que o representado. Entretanto, nota-se que a prática voluntária da peteca tenha aumentado, assim como o número de quadras pelo Estado.

O mesmo aconteceu em outros clubes de Belo Horizonte, como é o caso do Barroca Tênis Clube, localizado no bairro Gutierrez e de área reduzida, que construiu seu ginásio colocando no espaço interno uma quadra poliesportiva e uma quadra de peteca separadas por um guarda corpo e redes removíveis:

*E quando começaram as Copas, por exemplo, mesmo que as pessoas não representando equipe de um clube, elas vinham de clubes e até aí a coisa começou a pressionar para crescer nos clubes. As pessoas que jogavam no Campo começaram a reivindicar no seu clube a instalação de quadra de peteca. É um esporte barato. Então para os clubes foi muito simples. Não acho que foi simples não. O PIC investiu muito dinheiro planejando aquilo tudo lá. Eu me lembro que foi uma obra enorme, que eles foram lá e tudo mais. Era quadra de Tênis. Tinha muita quadra de Tênis ali. No PIC, eu era sócia lá desde 1978 e eu era do Cruzeiro, [riso]... Mas eu era do Cruzeiro e fui para o PIC. E eu não lembro exatamente a época, mas tinha, naquela parte debaixo do barranco gramado do clube, tinha ali várias quadras de Tênis, que eu não me lembro quantas, mas eu acho importante a gente ressaltar que, outros esportes perderam terreno para a peteca. Não quero dizer que perderam, que a pessoa é um jogo. Nós não estamos aqui jogando, mas eu quero ressaltar que a peteca cresceu em número de adeptos e que, essa construção nos clubes foi por reivindicação do associado. Então*

---

<sup>39</sup> Não existem dados atualizados sobre o número de quadras destinadas ao esporte em clubes da cidade.

*outros clubes eu não sei, mas o Minas foi crescendo pelas beiradas dos muros e eu me lembro que fizeram quadra de peteca até lá em cima. No PIC foram 14 quadras naquela época. Hoje já tiraram algumas quadras, fizeram um centro infantil, mas foi uma mudança radical dentro do clube, um fato, as quadras de Tênis, que era a única modalidade que o clube disputava. Agora disputa futebol ali na região, mas fora do clube, era a única atividade competitiva desse clube, que é um clube tradicional de classe alta. Hoje de média, média alta, mas era de classe alta. Tênis, todo mundo jogava Tênis. No entanto abriu mão de muitas quadras de Tênis. Talvez três quadras de Tênis para fazer... e tirou quadra de vôlei e basquete para fazer quadra de peteca. Isso eu acho fundamental (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010).*

As quadras de tênis do Minas eram no centro do clube. Em seu entorno, foram construídas quadras nas dimensões das de peteca com dupla função. No início das manhãs, em horário de almoço e após as 19h30, eram instaladas as redes de peteca para os associados. Como sempre foi um clube tradicionalmente formador de equipes esportivas, as mesmas quadras tinham as redes de peteca retiradas e instaladas as de voleibol no período da manhã, às tardes e no início da noite, ao término do período escolar, servindo tanto para a aprendizagem do voleibol como para o treinamento de equipes. Em decorrência do grande número de associados e do espaço restrito do clube, também foram construídas quadras próximas ao muro da Rua da Bahia, que funcionavam como as outras, atendendo ao vôlei e à peteca, onde antes havia um forte aclave gramado sem possibilidade de ocupação esportiva. Dessa forma, de acordo com a topografia do terreno, eram as únicas possíveis de ser construídas.

No caso do PIC, às margens da Lagoa da Pampulha, houve substituição de quadras. O crescimento da demanda pela peteca forçou a diretoria a optar pela construção de novas quadras de peteca no lugar das extensas quadras de tênis. Esse crescimento impulsionou a modalidade no clube, culminando com a realização, em 1987, em suas quadras, do 1º Campeonato Brasileiro de Peteca, com a participação de seleções de Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal.



FIGURA 12 – Desfile de abertura do 1º Campeonato Brasileiro de Peteca no Pampulha Iate Clube.  
Fonte: SMES, 1987, p. 18.

A revista SMES (1987, p. 19) destacou as iniciativas da secretaria em incentivar o desenvolvimento e a especialização da peteca mediante o incentivo aos torneios municipais, estaduais e nacionais. Uma evidência de que a peteca fazia parte do lazer da cidade é o relato pela revista de uma série de torneios ocorridos nas dependências do Campo do Lazer ao longo do ano:

– Torneio Verão de Peteca – fevereiro – participação de 87 atletas, sendo 23 masculinos e 9 femininas, divididos em categorias e faixas etárias.

– 1º Torneio de Peteca Pereira Rocha – junho – 41 equipes, 110 jogos, com premiação em dinheiro e medalhas para duas categorias masculinas e uma feminina.

– 1º Campeonato Mineiro Adulto – junho – 125 atletas em 42 equipes, representando 10 clubes, num total de 70 jogos. Os primeiros jogos foram realizados com a contagem de tempo de 20 minutos.

– Torneio de Peteca Elmon Dinelli – julho – realizado no Clube Parque Recreio da Colina com incentivo da SMES. Participaram o Cruzeiro Esporte Clube, o Granada Iate Clube, o Mackenzie Esporte Clube, o Minas Tênis Clube, o Plape e o Colina.

– 1º Campeonato Brasileiro de Peteca – agosto – participação das seleções de Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal, com 136 atletas divididos em 8 categorias.

– Torneio BMG de Peteca – outubro – 24 duplas participantes.

– Torneio da GREMIG (Grêmio Recreativo e Cultural dos Empregados da CEMIG) – de agosto a outubro – jogos no Campo do Lazer, no Clube Tropical e na 4ª Brigada de Infantaria do Exército. Contou com 20 duplas masculinas, 5 femininas e 5 mistas.

Como enfatiza a revista, “entre pequenos e grandes eventos a peteca continua no ar” (SMES, 1987, p. 20). Destaque-se a realização da Copa do Povo desde 1983. A edição de 1987 contou com mais de 20 mil participantes em diversas modalidades. Os dados fornecidos pela revista revelam que o futebol de salão<sup>40</sup> era o esporte com o maior número de inscrições – 258 equipes. O voleibol e a peteca contavam com 120 equipes inscritas no masculino e no feminino – 80 equipes no voleibol e 38 na peteca. O atletismo contou com 114 inscrições no total, considerando todas as suas modalidades disputadas (SMES, 1987, p. 33).

É importante ressaltar que a Copa do Povo era uma competição esportiva popular com a participação de atletas amadores, não federados, de clubes, escolas, associações esportivas, associações comunitárias de bairros, empresas dos mais variados segmentos e grupos de amigos representando qualquer entidade com registro ou cadastro na Prefeitura. A abertura era realizada no Campo do Lazer, com jogos realizados em suas quadras e em quadras e ginásios distribuídos pelas regiões de Belo Horizonte.

Nesse ano (1987) foi realizada, também, a VII Copa Itaú de Peteca, o evento anual mais aguardado pelos praticantes da modalidade. Essa Copa será analisada com mais detalhes no capítulo 3 dada a importância da realização de seguidas edições e pelo formato de sua realização.

Importa dizer, no entanto, que o esporte circulava entre as conversas do belo-horizontino e que as iniciativas de incentivo ao esporte comunitário

---

<sup>40</sup> Nome do futsal utilizado na época.

contribuíram para o aumento da prática esportiva de lazer de Belo Horizonte. Entretanto, convém salientar que o esporte de lazer nunca foi notícia de interesse da mídia a não ser em eventos que carreassem interesses de mercado, numa época em que não havia a tecnologia à disposição para a divulgação eletrônica como nos dias de hoje.

A SMES desenvolvia, na época, uma política de incentivo à prática de esportes na cidade por meio de doações, empréstimos de material esportivo e auxílio financeiro para a compra de materiais, reparos ou execução de obras pelas entidades esportivas ou comunitárias. Vencidos os entraves burocráticos, concedia auxílio de terraplenagem, construção, marcação e demarcação dos equipamentos esportivos, devendo o terreno estar localizado em BH, desde que estivesse devidamente registrado na Secretaria. De acordo com a revista, as principais dificuldades para a realização das ações da SMES sentidas naquele ano eram a falta de verbas, a inexpressiva participação do setor privado na promoção e no patrocínio dos eventos da Secretaria e a carência de pessoal em decorrência do achatamento de salários e da consequente exoneração de funcionários da Prefeitura. Todos esses fatores acabavam por limitar o desenvolvimento do esporte na cidade (SMES, 1987, p. 53).

Diante do exposto até o momento, é possível tecer algumas considerações a respeito das tensões envolvendo o público e o privado no que se refere à prática da peteca no Campo do Lazer. Em primeiro lugar, é preciso considerar que o espaço de Lourdes estava sob o “domínio da PBH”, sem, no entanto, ter condições de investir num imóvel que estava sob litígio com os antigos proprietários. Era um imóvel particularmente valioso pela sua localização no coração da cidade.

O Campo do Lazer é antes de tudo uma incógnita. O que será dele? O pronunciamento da justiça, no seu retardamento natural deixa a Secretaria Municipal de Esportes sem decidir até quando? As providências urgentes para a solução de tais problemas (vestiários, remodelações, etc.), não (são) reduzidas à consumação do campo até que se decida a questão. A SMES tem que manter os

seus investimentos não se expandindo as suas atuações como era previsto. É um importante trabalho em compasso de espera (SMES, 1985, p.21)<sup>41</sup>.

Ao mesmo tempo em que a Secretaria tinha o interesse em aumentar a frequência ao Campo, abrindo suas portas à comunidade em geral, desenvolvendo projetos de apoio às escolas públicas, investindo em programas esportivos, tinha como entrave a dificuldade de investimentos para melhor atender à clientela consumidora daquele espaço. Faltava infraestrutura básica para um espaço daquela natureza, como vestiários, bebedouros e mesmo limpeza dos sanitários existentes. O próprio local de trabalho dos funcionários, incluindo a sala da administração, debaixo das arquibancadas, continha infiltrações e mofo, que se agravavam em épocas chuvosas.

Outro tipo de tensão era travado no campo de políticas de atendimento. De fato, a ocupação do Campo do Lazer pelos praticantes de peteca aconteceu de forma progressiva e passou a constituir grande parte dos frequentadores. Marcante é que dessa ocupação foi-se criando a imagem de que lá era o “campo da peteca” em consequência da apropriação do espaço por seus praticantes e pela realização de torneios em seus domínios. Como aquela água que vence a vela e pinga no filtro de barro, a cultura local, com o passar do tempo, criou raízes no Campo do Lazer, provocando laços de identidade entre a modalidade e o espaço urbano. A identificação do espaço com a prática da peteca aconteceu rapidamente em termos cronológicos, mas não se deve ignorar o processo que vinha acontecendo antes mesmo da abertura das suas roletas na década anterior. O mais correto seria dizer que aquele espaço admitia a produção de novas identidades com base nas experiências trazidas pelos sujeitos (HALL, 1987, p.16).

Essas exposições justificam a necessidade de delimitar o Campo do Lazer por meio de categorias para seu entendimento e análise na vida do lazer da cidade. Seu reconhecimento como local privilegiado de prática esportiva o configura como uma *mancha* de lazer resultante de uma multiplicidade de relações com os equipamentos. Comportava diferentes usuários, cada qual manejando

---

<sup>41</sup> Correção entre parênteses do autor: a palavra escrita deveria ser são – aparentemente ocorreu um erro datilográfico na revista.

símbolos e códigos comuns à modalidade de interesse, que passavam a se *reconhecer* por meio de gostos, valores, hábitos de consumo, modos de vida, formas corporais e verbais de comunicação. Essa apropriação característica é que Magnani (1984) conceitua como constituinte de um pedaço, um espaço ressignificado por seus “habituês”.

O Campo do Lazer era assim: comportava em suas quadras – pedaços – ocupantes de pontos distintos em idade, com interesses diversos, com traços semelhantes, mas particulares entre os usuários em seus dias, horários, níveis de prática, diferentes necessidades de adaptação para o funcionamento do “jogo” e dos grupos. Afinal, davam-lhe significado, identificavam-se pela prática e dotavam de identidade o espaço agora apropriado (MAGNANI, 1996, p. 32-33).

Conforme descreve a SMES (1985, p. 22),

em ritmo até surpreendente o Campo do Lazer torna-se um ponto de encontro de uma elite voltada para a prática quase exclusiva de peteca incapaz de produzir resultados físicos e técnicos. Contrariando sua própria razão de ser, o Campo do Lazer vai se tornando um setor de elite esportiva. Como recuperar a sua própria razão de ser? A única maneira de se chegar a este ponto seria promover a sua expansão junto ao público carente das vilas.

Considerando aspectos históricos da nossa sociedade, seria desejável que a cidade fosse, de fato, um espaço de encontro entre indivíduos, e não de exclusões e seleções. A cidade deveria comportar toda a população indistintamente. O que deve ser criticado é, justamente, o fato de o Poder Público não dotar toda a cidade, principalmente as periferias, com equipamentos de lazer. Assim, a visão da revista parece-me contraditória e unilateral. Não há dúvidas quanto ao atendimento de uma parcela privilegiada da população dada sua localização e o tipo de atividade desenvolvida ali. Todavia, sua ocupação se dava por uma população heterogênea e de diferentes pontos da cidade. Essa diversidade talvez tenha sido o grande motivo do encontro e do fortalecimento da modalidade como prática de lazer. Por outro lado, o Campo não seria um espaço para todos? Sem privilégios entre os gêneros, cores, raças, níveis

socioeconômicos ou níveis de rendimento, que tipo de produto se poderia esperar do lazer?

A crítica prevalece sobre o significado de lazer referenciado pelos gestores do Campo, que, de alguma forma, delineavam os objetivos da SMES e tomavam decisões sobre os rumos do atendimento à população. A formulação da Secretaria sugere o entendimento de uma concepção fundamentada no lazer utilitarista, de resultado, concepção ainda não totalmente superada, eu diria a mais considerada no senso comum até os dias atuais. Conforme antecipa a revista,

O Campo do Lazer promove a presença de um público, oferecendo-lhe praça de esportes para suas atividades discriminatórias, obstando a presença de um público mais carente? É possível. O natural combate a esta discriminação vem sendo tentada pela Secretaria Municipal de Esportes, abrindo à atividade popular todas as suas dependências. O Campo do Lazer precisa ser aberto ao público, mas disciplinadamente, obedecendo a um critério. O esporte deve ser livre, mas orientado. A recreação também (SMES, 1985, p. 21).

Sob a realidade de escassez de recursos, da falta de funcionários, do planejamento das atividades a desenvolver, da estrutura física do imóvel, prossegue a discussão sobre os usos e apropriações do Campo do Lazer considerando-o como um espaço de encontro e de diversidade. Fora de quadra, assuntos administrativos e políticos – até mesmo o *status* jurídico de suas dependências – eram discutidos pelos gestores. A realidade vivida por esses gestores eram características de conflitos que só a cidade podia oferecer, configuradas pelo espaço-tempo urbano.

Em maior ou menor escala, as relações do Campo do Lazer com o bairro e com a cidade eram típicas do fenômeno urbano. O consumo dos seus espaços pelos usuários, gestores e especuladores lhe conferia diferentes valores e significados, ou seja, diferentes representações na cidade. Segundo Lefèbvre (2008, p. 109), a cidade atrai tudo o que nasce nela, reúne as diferenças e conflitos, sendo elas partes de uma complexa e interdependente rede de relações

peçoais de trabalho, de criações, interesses e necessidades que levam ao encontro, mas que sincronicamente produzem conflitos<sup>42</sup>.

Formulo o pensamento de que a maior tensão, talvez, tenha sido, justamente, o da sua localização, que resultou na sua extinção e deixou marcas por meio de relatos e falas, como a da senhora da epígrafe: “Quem não jogou peteca no Campo do Lazer, não sabe o que é jogar peteca”. Como afirma o autor no capítulo “A ilusão urbanística”, além do espaço físico – solo, terra, imóveis –, o espaço social entra na roda do capitalismo. Quando se destrói e se constrói outra coisa no lugar, mudam-se os consumos, as relações com o lugar e as relações pessoais de forma que o urbanismo encobre uma gigantesca operação de adequação do urbano aos princípios capitalistas sob aparência positiva, humanista ou tecnológica (LEFEBVRE, 2008, p.140-141).

Entretanto todas as modificações possíveis não apagam da memória as lembranças vividas. As marcas permanecem na memória daqueles que viveram o espaço e repassam as suas experiências adiante. É mesmo possível que uma pessoa que não tenha vivido o Campo do Lazer possa valorizá-lo, ou melhor, imaginá-lo e passar a considerá-lo como de valor mesmo sem ter tido a oportunidade de pisar naquelas quadras ou trocar petecas sobre a rede com algum parceiro. As experiências de lazer, como quaisquer outras experiências no cotidiano urbano, revelam identificações e identidades com os espaços possíveis de domínio pelas relações humanas conforme, atesta Gomes (2008, p. 12):

O lazer urbano também reflete, expressivamente, os impasses e tensões da vida contemporânea; suas ambivalências; a beleza e o espetáculo do

---

<sup>42</sup> Lefèbvre (1969, p.102) entende que o *urbano* – mais do que qualquer outro objeto, possui o caráter de totalidade altamente complexo, simultaneamente em ato e em potencial, que visa a pesquisa, que se descobre pouco a pouco, que só se esgotará lentamente e mesmo nunca, talvez. Nas discussões sobre o urbano, o autor define como *urbanismo* como sendo uma atividade que traça a ordenação dos estabelecimentos humanos no território com traços de pedras, de cimento ou de metal (p. 137). O *urbano*, segundo Monte-Mór (2006, p. 9), é uma síntese da antiga dicotomia cidade-campo, um terceiro elemento na oposição dialética cidade-campo, a manifestação material e socioespacial da sociedade urbano-industrial contemporânea estendida, virtualmente, por todo o espaço social. Por sua vez, para o autor, as *áreas urbanizadas* englobam amplas regiões circunvizinhas às cidades cujo espaço urbano integrado se estende sobre territórios limítrofes e distantes em um processo expansivo iniciado no século XIX e acentuado de forma irreversível no século passado (p. 6).

patrimônio natural e histórico-cultural, monumentos, tradições e manifestações culturais; a degradação e a barbárie das guerras, da violência, da miséria, do consumismo, do individualismo.

A questão da frequência e de facilitação do uso do Campo pela população esbarrava nos muros que o cercavam – a exemplo de um local público –, que o comprimiam e intimidavam aqueles menos esclarecidos pelas suas roletas como via de acesso.

*Agora, estou dizendo também, porque o que a gente tinha, o grosso, grosso mesmo, o que a gente tinha ali dentro e isso eu falo de peito aberto, era, eu quero falar do Campo do Lazer, era o povão dentro do Campo do Lazer. Eu acho que isso é importantíssimo. Antes da peteca não, mais ou menos no período da peteca, aquilo lá era um estádio, era um muro fechado. E eu presenciei várias vezes, que eu saía pela frente ali da Olegário para tomar o ônibus, que na época era a região que estava construindo muito, uns senhores que pareciam pedreiros, com a sua roupinha assim, passava e ficava olhando lá para dentro e eu coloquei isso numa reunião, eu falava 'O senhor pode entrar', porque tinha na entrada as roletas do Estádio e as pessoas achavam que tinham que pagar para entrar. Isso eu coloquei para o secretário Jorge Norman. 'Tem que tirar aquela roleta de lá. Ou abrir aquele muro'. E, na época, a nossa referência era o Centro Esportivo Universitário. 'Põe um murinho aberto lá, desses enviesadinhos. Põe um muro aberto lá, as pessoas precisam saber que elas podem entrar. Porque o pedreiro lá, fica aquele povão ali babando do lado de fora'. Às vezes senhoras carregando criança. Eles precisam saber que eles podem entrar ali e que é de graça. 'Mas vai gastar dinheiro e tem que fazer obra e... tá e sempre foi adiando' [sobre a resposta recebida]. Mas, um detalhe importante, tinha povo lá dentro. Isso é muito lindo. [...] O Álvaro estava bravo que peteca não era esporte. Ele falou assim: 'no ano passado tivemos quatro mil e seiscentos e tantos participantes. Esse ano teve cinco mil e quatrocentos e tantos participantes' e vocês estão falando que isso é irrelevante? Ele falou isso bravo, sabe. Defendendo as coisas lá porque lá é que estavam rolando as coisas. Então isso é muito significativo dizer assim: 'O povão estava lá jogando peteca de graça também'. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES, 13/5/2010).*

Nesse círculo e ainda no campo das tensões, é possível compreender a importância do Campo do Lazer para a peteca ao receber influências daqueles que o frequentavam e irradiavam comportamentos, modismos e provocavam transformações físicas e culturais em espaços privados dos clubes, e, por

consequente, na cidade. Era como se o Campo do Lazer atuasse como um megafone nos domínios da cidade. As alterações nos espaços de lazer dos clubes impulsionaram mudanças de utilização das quadras ao ficarem cheias de praticantes de idades variadas. Houve um rejuvenescimento da modalidade, e um exemplo disso é o número de participantes em torneios da cidade. O público entre 15 e 20 anos constituía a segunda maior participação em torneios abertos, sendo superado pela faixa de 20 a 30 anos de idade. Para se ter uma ideia, a Copa Bamerindus de 1985<sup>43</sup> contou com 2.025 inscritos, em 819 equipes. As 10 categorias da competição envolveram pessoas a partir de 14 anos e até acima de 60 anos (SMES, 1985, p. 18).

Se, nas décadas de 1980 e 1990, o Campo do Lazer congregava praticantes, recebia gente de todos os cantos e funcionava como um alto-falante da peteca, para que isso acontecesse foi necessário que ela se constituísse como prática de lazer da cidade. O processo iniciou-se na década de 1940, na região periférica da Lagoa da Pampulha, mas considerada centro das atenções da cidade em seu processo de urbanização.

Como nos dias de hoje, existia uma hierarquia de clubes na cidade, bem como de espaços dentro dos clubes. Clubes considerados mais populares não contavam com quadras de peteca. Como exemplo, o Clube Atlético Mineiro, em seu projeto de expansão, construiu a Vila Olímpica, no bairro Vila Clóris, utilizando parte do dinheiro recebido pela desapropriação do Estádio Antônio Carlos sem destinar espaço para quadras de peteca em suas dependências.

O seu oponente no futebol, Cruzeiro Esporte Clube, considerado um clube mais elitizado por cobrar uma taxa de condomínio mais alta e melhor infraestrutura, possuía quadras de peteca em suas duas sedes.

Dentro dos clubes da capital, por sua vez, funcionava uma específica e talvez hierarquizada ocupação das quadras, tendo de um lado o futebol como um esporte popular e, noutro extremo, as quadras de tênis e peteca, cada qual com seus ritos, regras e costumes. Ao lembrar-se de fatos referentes à inauguração da

---

<sup>43</sup> Com a realização de copas anuais a partir de 1983, em 1985, o evento patrocinado pelo Banco Itaú foi patrocinado pelo extinto Banco Bamerindus. O quadro completo com o número de inscritos está no ANEXO 4.

nova sede esportiva do Atlético chamada “Labareda”, às margens da Lagoa da Pampulha, portanto mais elitizada, Inimá de Souza conta que em

*1978, 79... por aí... Introduzimos, criamos a primeira quadra e me lembro ainda das brincadeiras, o pessoal falando: ‘Isso aqui é clube de macho! [riso] Isso aqui não é negócio de praticar esporte que desmunheca não. Isso fica do outro lado, lá do outro lado é que eles jogam, gostam desse tipo de coisa’. Quer dizer, lá no Cruzeiro. Então, introduzimos e... aí ampliamos essa peteca no Labareda, logo ela tomou corpo, não é?... também passou a representar expressivamente esse esporte na Capital, sobretudo na região da Pampulha. (Inimá Rodrigues de Souza, 68 anos, ex-presidente da FEMPE – 6/9/2009)*

Paradoxalmente, mesmo sem dados precisos, notava-se a maior frequência nos campos de futebol e nas quadras de peteca dos clubes em todos os meses do ano, considerando as condições impostas pelas estações do ano e as variações de tempo e temperatura.

Além dos clubes, acrescidos à realidade belo-horizontina, principalmente, a partir da década de 1960, as residências localizadas em bairros nobres da cidade passaram a ser construídas e equipadas com uma quadra de peteca. O esporte era disseminado pela cidade, mas ainda restrito à elite. Normalmente, grupos eram formados por afinidade e, na prática, funcionava a prática do convite feito pelo dono da quadra para participar do grupo.

Aloísio Brandão recorda que, na quadra do Henrique Bertholino, a peteca era de bom nível técnico, mas, sobretudo, funcionava a regra do convite feito por um dos integrantes do grupo estabelecido:

*Rafael de Brasília, que esteve aqui no PIC, o Ferreira. Eu que levava esses jogadores todos para o Henrique. O Henrique permitia que eu convidasse a minha turma para ir para lá. A maioria que frequentava lá no Henrique fui eu que levei. Eu que apresentava ao Henrique lá. Era a classe A da peteca de Belo Horizonte. Só entrava lá quando o era convidado. Era gente boa demais. Meio abestalhado, mas concordava com tudo que eu falava e que eu pedia. Eu joguei muito contra o Tonho e o Amantéa. Era a dupla. Eu jogava muito contra eles no Henrique e no sítio do Celso Dias.<sup>44</sup> (Aloísio Brandão, 74 anos, praticante de peteca – 18/5/2010)*

---

<sup>44</sup> BRANDÃO, 2010. Depoimento. Rafael Ferreira pratica peteca no late Clube de Brasília após ter se transferido para a Capital Federal. Henrique Bertholino Mendes dos Santos veio para Belo Horizonte em 1950, deixando a sua família em Mato Grosso. Como empregado do comércio,

De acordo com o livro de memórias do empresário Henrique Bertholino, jogava-se peteca às terças, quintas, sábados e domingos em sua quadra, e mais de 300 pessoas assistiam aos torneios, que tiveram início em 1976. Segundo Bertholino, lá era o “local onde reunia os amigos, os parceiros de negócios, clientes, a comunidade local e a própria família” para extravasar as tensões do dia a dia (NEVES, 2007, p. 148).



*Inauguração do primeiro ginásio de peteca de Minas – Abril de 1978*

FIGURA 13 – Inauguração do ginásio de peteca Henrique Bertholino Mendes dos Santos no bairro São Bento em 1978.  
Fonte: NEVES, 2007, p. 149.

---

vislumbrou oportunidades que à época a cidade lhe apresentava e tornou-se empresário. Adquiriu lotes região nobre do bairro São Bento e, em 1973, construiu sua quadra de peteca no local. Segundo seu relato, a quadra foi coberta em 1978, tornando-se o primeiro espaço coberto de Belo Horizonte exclusivo para a peteca. Uma característica marcante é a sua organização pessoal estendida à peteca, que considera como sua paixão. Desde a década de 1970, realiza torneios bienais com a participação de jogadores convidados.

## **Capítulo 2**

### **A PRÁTICA DA PETECA COMO LAZER**

#### **2.1 A AMIZADE NA PETECA: O QUE É SER PETEQUEIRO?**

Comparando a prática da peteca até a década de 1940 com a atual, é possível supor que os primeiros petequeiros não fizessem ideia dos possíveis rumos do esporte. Poucos restam entre aqueles que viveram os primórdios da modalidade em condições de relatar sua gênese e seu desenvolvimento no Minas para depois se espalhar pela da cidade.

As fontes documentais encontradas indicam o tênis e o voleibol como inspiradores da sua criação. O esporte nasceu e se desenvolveu, primordialmente, em clubes ligados ao tênis. Há similaridades entre os jogos de simples, em duplas e suas marcações em ambas as quadras. Existe uma rede separando as quadras nas duas versões de esporte. Para os torneios, as semelhanças continuaram até a década de 1980, como as roupas brancas – masculinas e femininas – constatadas na foto do 1º Campeonato Brasileiro de Peteca, realizado num clube de tradição tenista. Outra aproximação entre os dois é a adoção da prática pela elite da cidade.

Evidentemente, existem as diferenças entre os jogos. As dimensões das quadras são completamente distintas. Pode-se pensar que as reduzidas dimensões do esporte brasileiro facilitem a comunicação entre os jogadores, que, mesmo sem contato físico direto, não tenham de optar entre ficar calado ou gritar em razão da distância. Essa segunda opção soaria estranha aos afeitos a um esporte tradicional de origem inglesa. Na peteca, fala-se muito. A terceira e maior distinção centra-se no fato de o esporte brasileiro ser de fácil aprendizagem, não necessitar de equipamentos especiais ou sofisticados para sua prática e poder ser praticado em espaços reduzidos ou sem locais específicos. Essas características

do jogo da peteca talvez tenham sido determinantes para sua difusão e consequente popularização.

Refiro-me à peteca como jogo por dois motivos: a simplicidade da prática e a possibilidade de adaptação de espaços, materiais e regras que estimulam a brincadeira. A experiência de quem pratica tem efeito à medida que se brinca com o espaço, com o tempo e, principalmente, com o parceiro por meio do objeto peteca. A prática, revestida de significados remotamente lembrados pela sua origem na cultura popular brasileira, faz parte da cultura mineira, ou seja, da tradição que a confere identidade local e regional.

*Isso, a gente até ouvindo dos próprios jogadores de peteca de idade mais avançada, que antigamente eles usavam a peteca como aquecimento para o voleibol com aquela petequinha de couro que existia, uma peteca de índio com penas de animais, não é, com areia e eles utilizavam a quadra de voleibol. Com o tempo eles foram adaptando ela de maneira que tivesse um espaço menor, que fosse mais fácil de praticar peteca. E a peteca desenvolvida para que fosse jogada a partida de hoje foi desenvolvida, segundo o próprio Tote, que foi presidente da Federação Mineira de Peteca, ele me afirmou que foi ele que desenvolveu aquele modelo de peteca, com aquelas várias camadas de borracha e aquele centro de gravidade de maneira que sempre a peteca caia com a parte que se bate virada para baixo. E realmente foi essa a história que eu ouvi, que me parece convincente. (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos – 25/6/2010).*

Essa experiência lúdica, comum aos esportes, materializa-se na peteca conforme os depoimentos colhidos durante a pesquisa em que o jogador, praticante, parceiro ou atleta passa a se chamar *petequero*. Até aqui evitei, propositadamente, empregar esse termo, uma vez que ele não existe em dicionários da língua portuguesa (CASCUDO, 1984; FERREIRA, 1986; MICHAELIS, 1998). Mesmo sendo empregado em livros, artigos e reportagens, não há referência ao termo no léxico brasileiro.

A pergunta feita aos entrevistados, *o que é ser um petequero?*, constou no roteiro geral de entrevista por estar relacionada diretamente com o entendimento do esporte da peteca como uma prática de lazer. A questão proposta foi formulada no início ou no final da entrevista, de acordo com as características de cada entrevistado e sua aparente postura de conforto ou estranhamento com a

presença do gravador. Reconhecendo a possibilidade do surgimento de aspectos referentes à competição, com a pergunta teve-se a intenção de captar a capacidade do entrevistado em dimensionar a prática da peteca como lazer e saber qual o significado dessa prática em sua vida.

As fontes orais confirmam alguns pontos destacados e avançam no sentido de esclarecer lacunas, hiatos no tempo histórico, o que seria difícil de recuperar sem o relato de quem viveu a história da peteca. As fontes falam, e por meio de fragmentos de entrevistas é possível perceber as diferentes percepções sobre o que é ser petequero.

*Ser um petequero é ter uma atividade física com prazer, é você escolher um esporte e praticar em nível de competição. É petequero. Petequero é aquele que pratica a peteca em nível de competição. Agora, eu diria que a peteca se divide em recreação e competição e petequero, eu acho que é aquele que pratica a peteca em nível de competição.*

*Jogador de peteca, não é petequero. Ele entra para brincar, para... Justamente o que eu faço hoje. Hoje eu sou um jogador de peteca porque eu pratico a peteca em nível de recreação (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010).*

*Bem, eu nunca pensei nessa definição não é. De o que ser petequero, mas se eu lembrar os velhos tempos, petequero é pessoa que gosta muito de fazer o jogo da peteca. Na época, eu gostava mesmo de jogar peteca como lazer ou em competição. Quer dizer... petequero...alguns não gostavam de competição, não é, mas falando de mim, eu gostava do lazer, de jogar lá no Campo do Lazer, ou em qualquer lugar que eu ia e disputar competições, eu gostava muito (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010).*

*Bom, com certeza ser petequero é praticar um esporte (Rui Carlos Barbosa, petequero – 27/5/2010).*

*Petequero, acima de tudo, é integração. A peteca hoje faz parte da vida do belo-horizontino, do mineiro. Então é estar sempre com os amigos. É um pretexto para um churrasquinho; e também competitiva, porque tem aqueles lá que jogam para ganhar. Eu, por exemplo, atualmente jogo mais por lazer. E isso é rotina, não é. Transforma em rotina quando a pessoa gosta de peteca (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES e petequero – 24/5/2010).*

*Ser um petequero... Ah, ser um petequero é ser uma coisa. Me dá um orgulho de ver uma pessoa desde o início praticando a peteca, fazendo*

*sua evolução, de ver bons jogos. Eu acho que para ser um bom petequeiro, eu acho que é o orgulho de cada um, porque cada esporte, na vida de cada um, ele é muito importante na vida de uma pessoa (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

*Ser um petequeiro é adquirir um 'patrimônio', um patrimônio de amizades. Então isso aí é o primeiro lugar na peteca, que é o patrimônio adquirido. Foi pessoas que eu jamais poderia até chegar perto, hoje são amigos íntimos meus através da peteca. Nunca pensei em usar a peteca em questões financeiras ou em outras coisas assim de maior profundidade na vida alheia da pessoa, vamos dizer assim. Então, são amizades sinceras, amizades que eu ainda conservo até hoje e que ao mesmo tempo eles me conservam também. Provavelmente seja isso, porque os comentários sobre isso, que eu estou te falando, não partiram só de mim, não. Sobre conversas entre nós, entendeu, pessoas que eu jamais conheci, que eu jamais ia ficar conhecendo, através da peteca eu fiquei conhecendo. (Aloísio Brandão, 74 anos, praticante de peteca – 18/5/2010).*

Questionado se poderia citar nomes, o último entrevistado continua:

*Vamos dizer aí os Dias dali do cimento, o Jovino Bedran, que foi praticamente o lançador da peteca no Minas, o Tote, o Tonho, o Marco Antônio principalmente, um camarada, que eu tenho na mente, um cara importante, que eu tenho uma amizade íntima com ele. Qualquer coisa eu ligo para ele e ele liga para mim, meus aniversários, entendeu. Eu sou convidado, ele também é convidado. Henrique Bertholino. São as amizades que eu tenho e são coisas assim que mexem assim com os pensamentos da gente (Aloísio Brandão, 74 anos, praticante de peteca 18/5/2010).*

Os relatos dos entrevistados evidenciam uma relação da modalidade muito próxima da competição, do prazer, das amizades. Melhor seria dizer que as marcas da competição estão presentes na memória de cada um. Entretanto, é marcante notar que sua relevância não evidencia uma separação entre vitoriosos e derrotados, oponentes que medem suas forças e após a competição recolhem-se de volta cada qual ao seu mundo. A competição, ao contrário, parece adquirir clima de celebração pelo prazer em competir aproximando os que jogam.

Aloísio Brandão, homem simples com sua experiência de prática e como empresário de sucesso, expressa-se de maneira clara a respeito do patrimônio conquistado. Não existe, no caso, um patrimônio físico que tenha valor venal. As possibilidades e lembranças vividas e relatadas por esse senhor nascido no

interior de Minas, habitante da capital desde a adolescência, são as marcas que carrega na memória pela ampliação do seu círculo de amizades.

Historicamente, a peteca vem proporcionando essa aproximação entre praticantes, inicialmente de forma restrita, em residências e clubes. Mesmo que eletivos, esses encontros em casa de petequeiros eram ponto de partida e sinônimo intencional de acolhida pelos proprietários e pelos grupos formados ou em ampliação. Enquanto se esperava para jogar, passava-se o tempo na conversa, assistindo as duplas em quadra e tornando o ambiente agradável para a hora da cerveja.

As definições quanto ao que é ser petequeiro revelam a representação que cada um faz do esporte. Quanto às amizades, é possível afirmar por meio dos relatos que, entre vitórias, derrotas e descansos para retorno à quadra, as relações iam se estreitando e grupos de praticantes proliferavam com base nesses locais.

A difusão da peteca a partir da segunda metade do século passado aconteceu, principalmente, nos clubes. Com inauguração de vários deles, como mencionado, essa difusão limitava-se à elite cotista num espaço de tempo da história da cidade. Entre as semelhanças de espaços clubísticos brasileiros, a organização do espaço de lazer esportivo dos clubes de Belo Horizonte se diferenciava pela presença e pelo ordenamento das quadras de peteca no interior deles.

A possibilidade de ampliação do círculo de amizades é comum ao esporte de forma geral. Mas a fala dos entrevistados é muito enfática na promoção de amizade que ela carrega na peteca. Foram os clubes que formaram a base para a segunda fase de difusão da modalidade.

*A capacidade de aglutinar. Tanto que um bom período a peteca passou a ser considerada, recebeu até um slogan que andaram divulgando muito aí: 'A máquina de fazer amigos!' Porque você apanhava uma peteca e rapidamente você reunia gente em torno dessa peteca, entendeu? E sociabilizava todo mundo, porque vinham as famosas resenhas, jogava peteca depois ia para a cerveja, ia para o churrasco, e isso criou uma dimensão social extraordinária que acabou repercutindo nas atividades, diríamos, empresariais, na questão empresarial, especialmente no que concerne ao seguimento imobiliário, porque as*

*grandes obras passaram a ter como força de apelo para o mercado consumidor as quadras de peteca.*

*Então, para mim foi exatamente isso, essa capacidade de aproximar as pessoas, de atrair as pessoas entendeu? E foi, então, aparecendo locais que ficaram famosos exatamente por causa dessa capacidade. Quadra do Henrique Bertholino, A quadra do Brandão. Tinha quadra na casa e o Aloísio é uma figura dessa época na prática de peteca. João Elísio, que depois criou um núcleo na casa dele que ficou famoso e ainda é famoso. É um dos mais importantes núcleos de peteca de Belo Horizonte, de Minas, entendeu?*

*Gastin, a família depois também jogou peteca, Maurício Gastin, que acabou se transformando em um bom petequero na época. Então, esse pessoal, todo passou a dar a dimensão, essa dimensão social à peteca, e o efeito foi, diríamos assim, em cascata, porque esses núcleos foram se constituindo, foram se tornando bem densos, um maior número de praticantes, os clubes passaram a dar maior importância à prática da peteca... Os associados cobrando, às vezes, uma quadra não resolvia e o clube tinha que arranjar espaço para criar mais uma, e mais outra e mais outra, até chegarmos ter aqui em Minas Gerais clubes com vinte quadras de peteca no seu espaço, vinte quadras de peteca.*

*Foi uma coisa que nasceu, foi conduzida aí e de forma bem voluntariosa, e tal, até realmente se corporificar... ocupar espaço expressivo, não só físico, mas também do ponto de vista de prática esportiva no âmbito dos clubes e... infelizmente... poderia ter sido bem mais amplo se ela não ficasse circunscrita predominantemente no espaço clubístico e de certa forma elitista. Por que o jovem de menor poder ou sem poder aquisitivo, ou sem condição de frequentar o clube só podia fazer essa prática em espaço público, que ainda era limitado, e evidentemente, na grande referência nessa situação que é exatamente o Campo do Lazer.*

*Essa era uma das características da peteca nessa época aí por que era uma prática de esporte voltada para... adultos e diríamos hoje terceira idade, naquela época, ou seja, ela estava, ela era predominante na faixa etária, predominante, na faixa etária acima de 40 anos. Os núcleos mais fortes, mais expressivos estavam aí, entre 45 e 55 anos, claro, depois houve um adensamento na faixa, exatamente por força dessa participação etária que os filhos começaram a se interessar pela peteca e começaram a praticar, no começo timidamente, mas aí, logo depois realmente houve, diríamos, assim uma explosão. Os jovens abraçaram a peteca e apareceram realmente grandes nomes, grandes atletas dessa prática em Minas Gerais e fora de Minas Gerais.*

*[...] É, tinha essa característica: a família toda jogava peteca. Às vezes, e isso era comum, pai, mãe e filhos jogando peteca, praticavam a peteca, a família praticava a peteca, talvez aí um dos elementos contributivos para o crescimento que se observou desse período até muito recentemente, esse crescimento da peteca. Que deu uma arrefecida nos últimos anos. E isso acabou se refletindo naquilo que passou a ser uma expressão, do crescimento da peteca, do que ela significava para Belo Horizonte e para Minas Gerais... nos tempos atuais, que hoje você vê poucos lançamentos imobiliários em que essa, que a peteca apareça como força de apelo para comercialização dos lançamentos, não é?*

(Inimá Rodrigues de Souza, 68 anos, ex-presidente da FEMPE, petequeiro – 21/12/2008).

*Eu terminei a residência em 80, final de 80, então eu comecei a jogar em 1980, na ACM e lá eu tive a oportunidade de encontrar belas pessoas, fizemos grandes amizades. O primeiro parceiro foi o João Lúcio, depois pintou o 'Grande' [Wagner]. E a gente começou lá dessa forma. E esse João Lúcio foi um amigão, até padrinho de casamento [...].*

*[...] E além do prazer em praticar o esporte, o prazer do relacionamento. A peteca sempre teve isso. Eu fiz grandes amigos e a gente começou a melhorar na peteca e não só praticamos aqui e levamos a peteca para Minas Gerais inteira e até fora daqui. E sempre fomos bem recebidos e esse grupo cresceu muito. Então varias reuniões e valeu a pena. Eu acho que é um esporte fantástico. Começou naquela época e até hoje eu pratico.*

*É um lugar em que você se extravasa, inclusive um pouco diferente do tênis, que apesar de dar um prazer pessoal muito grande, você tem que jogar praticamente mudo, você não pode se expressar muito, e na peteca, você fala, você grita, às vezes você ironiza, você brinca e faz um ambiente legal. Então era ali, eu achei que era o esporte que eu gostaria de praticar.*

*Ah, não tenho dúvida. Eu acho que a peteca, como eu falei, eu adoro jogar tênis, mas o tênis é um pouco mais fechado, não é. Você vem as vezes para o clube, você combina com o parceiro e joga com ele o tempo todo, você e ele só. Na peteca você chega lá e há um intercâmbio. Então você joga com muitas pessoas e são muitas pessoas ali esperando para jogar. Além do que, eu já disse antes, no tênis você joga calado, você joga quietinho. Na peteca você fala, você grita, você ri e no intervalo você conversa com um monte de gente. Então assim, em termos sociais, com certeza a peteca é fantástica. Ela te dá exatamente isso que a gente precisa, ou seja, é conversar amenidades. Então muitas das vezes com parentes, com a família você conversa assunto mais sério. Aqui você brinca, você ri, você ironiza, então, eu acho que essa questão social da peteca é fantástica. E eu conheço muita gente, e as vezes por jogar demais, eu era conhecido com mão branca, muita gente 'Oi Mão Branca', eu não me lembro muito bem quem é, mas são pessoas que a gente já conversou muito e que a gente fica conhecendo e tal. Eu acho que em termos de relacionamento é extraordinário. Isso não pode acabar. (Rui Carlos Barbosa, petequeiro – 27/5/2010).*

*Ixi! [risos]. Na parte social? Ela... Como em todo esporte você agrega valores, você conhece gente nova, pessoas diferentes. Tem os intercâmbios igual a gente está fazendo, viajando de Belo Horizonte para cá [Uberlândia] para disputar o campeonato mineiro. Você vê pessoas que você não vê há muito tempo. Então você interage com todo mundo e o que é um negócio fantástico. E ela, a peteca, promove isso porque ela não é um esporte que dá atrito, não dá briga. Não tem contato físico com o adversário, então isso é muito importante para fazer o relacionamento entre as pessoas, entendeu? (Carlos Rogério Teixeira, petequeiro – 6/9/2009)*

## 2.2 A PETECA NO CAMPO DO LAZER

A procura pelo lazer esportivo era grande e, entre os praticantes de peteca, o Campo do Lazer era reconhecido como o local de encontro dos petequieiros da cidade. O reconhecimento e a afluência de praticantes foram os fatores que deram início a uma segunda fase de desenvolvimento da modalidade. Dessa forma, o Campo do Lazer foi de especial significância para a popularização da peteca. Se estava acontecendo a difusão da prática pela cidade, atraindo jovens e irradiando externamente seus domínios, as percepções de valor poderiam ser distintas entre o individual e o coletivo. Em outras palavras, admitindo-se a circularidade na cidade, é possível identificar traços da peteca significantes para o lazer urbano, tendo o Campo do Lazer desempenhado papel de centro irradiador.

Além de considerada como opção de lazer, a modalidade seguia seus rumos em meio às aspirações de ser reconhecida como esporte<sup>45</sup>. Dessa forma, o Campo do Lazer abria seus portões e recebia seus frequentadores, grande parte deles para jogar peteca.

*Os meus melhores amigos. É aquilo que eu te falei, eles são do meio da peteca. A turma que eu conheço é praticamente todo mundo do meio da peteca. [...] Os meus melhores amigos, o Geraldo Esquerdo que é um cara que é meu irmão. É o cara que eu mais gosto na peteca. Que a gente continua com o nosso relacionamento de anos, desde a época do Campo do Lazer, o Edson, o Serginho. São vários amigos que eu estava até te falando aí. Há pouco tempo encontramos, depois de vinte anos, vinte e tantos anos encontramos para brincar uma peteca igual a essa que eu te falei, sem tempo, sem clima de competição, mesmo para rever os amigos para... Celebrar. Dar um flashback (Adalberto Conceição Santos, petequieiro – 15/6/2010)*

---

<sup>45</sup> De acordo com González (2008, p. 170), esportivização é o ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno. Segundo o autor o termo admite uma análise mais profunda resultando em vários sentidos. Neste trabalho, utilizo o conceito como um processo de transformação de práticas corporais originadas em contextos não competitivos e, particularmente, não institucionalizadas em modalidades esportivas, assumindo os códigos do esporte de rendimento (comparação objetiva de desempenho, regras oficiais – únicas, institucionalização, racionalização das práticas/treinamento na busca da maximização o desempenho), quando originalmente não foram concebidas com esse sentido. (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2008).

*Conheci lá. O meu círculo de amizade na época, até trabalhando em banco, antes de entrar para Escola de Educação Física e na Escola de Educação Física, curso superior, meu círculo de amizade grande era lá. Foi feito lá. Foi lá que eu conheci várias pessoas, que hoje eu considero amigos. Mas assim, a gente distanciou por questões de trabalho, a vida... Deixou de ser solteiro. Casado, cada um correu atrás do seu trabalho. Então não sei onde alguns moram hoje, mas outros eu sei, mas lá eu fiz um grande círculo de amizade.*

*Lembro só o primeiro nome e alguns o apelido, não é. O Adalberto, que é o 'Marrom', o Adair, o Gilson, teve o Paulinho Calábria, teve o Serginho meu parceiro, não é, que eu conheci no Banco, mas a gente passou a jogar lá. Ah, teve o Serginho carioca, teve o meu xará, o Edson, o Edinho, o irmão dele o Claudinho, tinha o Coutinho que era funcionário da Secretaria Municipal de Esportes, que eu conheci lá, o Divino que passou depois a fazer parte do grupo, eu vou esquecer de alguns aí... Mas o Rui, que é o 'Mão Branca', o 'Grande'... O 'Wagão' [Wagner], e depois aí, eu conheci mais pessoas porque os torneios, os campeonatos de peteca eram lá, os melhores eram feitos lá. E a gente foi fazendo amizade, passando a jogar em dias de semana na casa... alguns que tinham quadra em casa e que convidavam. Final de semana, disputava torneios em cidades aqui perto e ia em quadras das pessoas daqui de Belo Horizonte também; 'Vamos jogar na casa de fulano no sábado'. O próprio Rui, a gente passou a frequentar a casa dele durante a semana. Então eu esqueci de alguns aí, não dá para lembrar de todos. Não estou me lembrando agora, mas eu fiz muita amizade com muita gente lá.*

*[...] É porque a gente foi conhecendo as pessoas durante esses campeonatos, mas não frequentavam lá igual a gente, dia de semana e final de semana. Porque eles eram sócios de vários clubes aí, e então, durante esses campeonatos a gente passou a conhecê-los. E aí conheceu, convidou, e depois... nos próximos anos tinha campeonato, mas aí a gente já passava a ir à casa dessas pessoas mais vezes, a praticar, a jogar a peteca lá. Até o João Lúcio que morava lá no São Bento, acho que mora o Henrique Bertholino, que teve um torneio lá na casa do Henrique. Eu me lembro assim... Vamos por para o lado das pessoas que praticavam, que gostavam e que procuravam... assim, vou falar da gente. A gente não tinha local nosso, eu não tinha a minha quadra de peteca, mas a gente gostava e se tivesse que fazer alguma, a gente ia tirar... pintar e fazer a marcação. Mas na época, se a gente for olhar para o lado do órgão público, a PBH. A SMES, ela é a secretaria executiva, mas a prefeitura tinha política. Existia a Copa, teve a Copa de Esportes do Povo, eu participei de vários esportes, inclusive peteca. A própria construção das seis quadras de peteca lá no CL. Então, no ponto de vista do órgão público, eles tinham interesse de fazer. Por exemplo: lá era um espaço para a população de Belo Horizonte, mas se a gente fosse olhar, a maioria lá tinha um nível socioeconômico bem grande e frequentavam. Eram pessoas que moravam ali em volta. Mas, na época, a prefeitura colaborou para incentivar o esporte, a prática da peteca. Não era nem considerado esporte, quem pratica peteca. Mas as pessoas que gostavam de praticar a peteca é que tiveram papel fundamental porque organizavam torneios. No próprio Henrique, lá no São Bento, tinha um torneio dele famoso, que era de dois em dois anos. A gente participou lá também, mas o Henrique fazia um torneio muito bem organizado. Outros lugares faziam torneios não tão bem organizados, mas faziam, então*

*ajudava. Teve o Rocha, no bairro Cidade Nova, que construiu as três quadras e fizemos dois ou três torneios lá muito. E esse torneio do Rocha ficou muito bem conhecido como um torneio muito difícil. Muita gente, a maioria das pessoas gostava de disputar lá. Então as pessoas que jogavam, eu acho que colaboraram muito, porque quem assistia até então eram familiares e essa... não sei como ela cresceu. Na década de 80, o Banco Itaú teve parcela, porque ele fazia a Copa Itaú de Peteca... ajudou. Se puder falar, não sei, eu acho que mais as pessoas, os praticantes é que tiveram uma parcela maior de contribuição. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010).*

Dando prosseguimento à narrativa do colaborador, que mencionou a Copa Itaú voluntariamente, ressaltando a relação entre os torneios e a confraternização dos participantes:

*Nossa, muito porque a confraternização depois, seja no momento de lazer, que você foi lá, disputou como se fosse ter uma competição e que depois vem a brincadeira de falar 'Ah ganhei de você, foi assim'. Mas aquela confraternização depois é campeã porque ela aproxima mesmo. E eu fiz amizade lá em Brasília jogando em torneio de peteca. Uma quatro duplas daqui de Belo Horizonte foram convidadas, fomos para lá e fizemos um círculo de amizade muito grande, até que depois foi criada a Federação Brasiliense de Peteca, na época. Mas essa confraternização é muito legal. Hoje você vê que, no futebol sempre teve, não é. Acabou a peladinha lá o pessoal tem essa... na peteca era assim também. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010).*

*A peteca estava na ponta da língua praticamente de todo mundo que você conhecia: 'Vai jogar peteca hoje a noite? Vamos encontrar no clube essa semana? Vai ter torneio X em cada local'. Então a vida da peteca era assim, muito agitada, não é! [...] Tinha aí esse pessoal queria participar daquele evento. Muitas vezes tinha premiação. Buscava os melhores atletas ou medianos e isso virava um correio exatamente. Um correio para cada pessoa e se jogava muita peteca na época. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

*Porque... primeiro, eu diria que quase culturalmente a peteca incorporou-se ao dia-a-dia da prática de esporte, qualquer que seja o ângulo que se queira analisar isso... Foi como, diríamos assim, foi como uma febre. A peteca se transformou realmente numa coisa que todo mundo queria praticar. Primeiro: você precisava de uma quadra, ou não, porque você podia jogar a peteca no meio da rua, bastava improvisar uma rede e dois postes e arranjar mais três parceiros que você fazia uma boa partida de peteca. Não tem, não tinha, como não tem o embate corpo a corpo. Não exigia naquela época melhores condicionamentos físicos, diferentemente de outras práticas esportivas que você tinha que se condicionar, tinha que preparar, você tinha que fazer caminhada, você tinha que fazer alongamento. E no princípio, a peteca... O praticante*

*chegava à beira da quadra, punha o calção, punha a camiseta, amarrava o tênis e jogava duas, três horas de peteca. Só com mais tempo foram se dando conta de que aquilo que aparentemente era fácil de praticar exigia também condicionamento físico, alongamento, certos cuidados que hoje cercam a prática da peteca, sobretudo nesse nível de alta competitividade, não é? (Inimá Rodrigues de Souza, 68 anos, ex-presidente da FEMPE, petequeiro – 6/9/2009).*

O Campo do Lazer atraía a população, apesar da sua aparência ou da sua fama em comportar pessoas sem ocupação. A possibilidade de aproximação por meio do esporte era o fator do seu sucesso entre os petequeiros em ocupá-lo como uma *mancha* na cidade. Seus portões estavam abertos para aqueles que trabalhavam nas proximidades e jogavam em horário de folga ou em intervalos dos períodos de trabalho; atraía estudantes, matando aula ou não, à experimentação e possível opção pela modalidade a ser desenvolvida pela vida afora; abria horizontes para aqueles que, sem perspectivas imediatas de sustento, pudessem obter alguma remuneração por meio de seus serviços; afinal, atraía aquele que queria jogar.

Por ser um parque central, em seus diversos tipos de ocupação, possibilitava, também, a vivência do lazer mediante diferentes disponibilidades de tempo. Considerando a questão de deslocamento na cidade, a centralidade era determinante para aquele que queria jogar peteca. O Parque Municipal não contava com quadras da modalidade e outros parques da cidade eram mais distantes da área central. É possível que o Parque Professor Guilherme Lage tenha sido o primeiro da capital a contar com quadras de peteca em suas dependências. Esse parque da região nordeste da capital, inaugurado na década de 1970, comportava petequeiros que se dirigiam ao Campo do Lazer (COUTINHO, 2010).

O Parque das Mangabeiras, inaugurado em 1982, no alto da Serra do Curral – zona sul – abrigava várias quadras de peteca, mas era distante e de difícil acesso. O transporte era restrito e contava com apenas uma linha de ônibus, que

circulava de hora em hora. Apesar de ser o maior parque da cidade, a frequência era reduzida, também, pela cobrança de ingresso aos seus usuários<sup>46</sup>.

A área central exerceu e ainda exerce uma espécie de fascínio na população de Belo Horizonte, pela sua história, pela organização de suas ruas e avenidas, que seguem uma lógica entre nomes e atividades urbanas ou pelo poder que ela representa e dela emana. Além dos domínios circunscritos da cidade planejada, o interesse pelo Campo do Lazer, possivelmente, tenha vindo de sua história de pertencimento a um clube de futebol de grande popularidade na cidade, o que pode ter causado um sensação de identidade com o local.

### 2.3 NAS ARQUIBANCADAS COM MAGNANI: LÁ ERA A NOSSA CASA

As seis quadras ficavam à disposição do público e o nível técnico era um dos fatores para a ocupação do espaço do Campo do Lazer. Grupos eram constituídos, quadras eram preferidas e os *pedaços* eram formados, diziam, na *academia da peteca*, como citado. Se na década de 1960 foram criadas as primeiras academias da cidade, dando início ao crescimento da prática de atividade física sistematizada por interesses estéticos, de manutenção da saúde e de treinamento físico, na década de 1980 elas proliferaram (RODRIGUES, 2006, p. 28). O termo academia casava bem com o que estava acontecendo no Campo do Lazer.

*Com a expressão que o Campo foi tendo, expressão, diga-se em função da qualidade da prática esportiva que passou a ser vista ali, foi atraindo frequentadores de classes sociais mais distinguidas, classe média e aí foi ganhando esse percurso social dos frequentadores, em um dado momento. Você encontrava figuras em postos socialmente, econômica e socialmente de Belo Horizonte no Campo do Lazer. Então havia essa mistura, essa miscigenação. Jogador de peteca de bamba enfrentando o jogador de peteca de Mizuno, de Rainha, perfumado [riso], levando tênis de grife, calção de grife, e essa coisa toda, contra o pobrezinho que estava usando aquele bambazinha, sem cadarço sem nada, o calçãozinho roto, a camisinha e aquela coisa toda.*

---

<sup>46</sup> Hoje o acesso é gratuito, sendo cobrado o estacionamento de veículos. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Disponível em [portalpbh.pbh.gov.br/](http://portalpbh.pbh.gov.br/). Acesso em: 29 ago. 2010)

*Se jogava uma peteca de igual para igual. E tem situações até interessantíssimas que chegam a ser até risíveis. Durante a Copa Itaú de Peteca, a boa parte da famosa Copa Itaú de Peteca, o evento que marcou a peteca de Belo Horizonte por longos tempos... chegar lá na, obedientes à programação de jogos, e você ouvir comentários entre os jogadores, aqueles bem aquinhoados: 'Escuta, quem é a equipe que vocês vão enfrentar'? 'Eu não sei, os nomes estão aqui, mas nós não conhecemos'. Aí os parentes, os amigos falam: 'Não, a equipe que eu vou enfrentar é aquela ali, olha'. 'Mas aqueles ali? Aqueles magrelinhos ali com os bambas ali, olha lá? Bambas, não têm nem cadarço, olha. Ih... Ah, não tem nem jeito'. E depois você voltava 'e como é que ficou o resultado daquele jogo'? E os caras de cara torcida 'Ah, os menininhos dos bambas venceram o jogo de 2X0' [risos]. Então essa fase realmente... isso efetivamente foi um marco. Distinguiu, elevou, até do ponto de vista da prática e da elevação social, podíamos dizer assim, que alguns atletas, que tendo se prontificado no Campo do Lazer, passaram a ser requisitados para disputas em companhia desses bem aquinhoados ou bem postos. (Inimá Rodrigues de Souza, 69 anos, petequero – 6/9/2009).*

O entrevistado, uma pessoa atuante na peteca como diretor e depois como presidente da FEMPE, prossegue quando questionado sobre a possibilidade de discriminação social no Campo do Lazer:

*Eu não diria que havia uma discriminação ali, uma discriminação social. Havia, evidentemente, uma postura muito bem definida de quem era quem e de quem não era. Nada... Estava ali, e jogava e, claro, na medida em que aquele que vinha lá do bairro tal, lá da periferia se distinguia, e então passava a ser respeitado, passava a ser convocado para as disputas que incluíam aqueles torneios que se faziam ali, porque o sujeito era um grande jogador. (Inimá Rodrigues de Souza, 69 anos, petequero – 6/9/2009).*

A realização de competições nas quadras do Campo do Lazer, assim como a divulgação empreendida na época, o fortaleceu como a casa da peteca. Em virtude da identificação entre a atividade desenvolvida e espaço, criaram-se laços identitários, e o relato da experiência de quem jogava no Campo do Lazer evidencia o vínculo estabelecido com o local, assim como distintas sensações de jogar em casa ou fora dela.

A identidade tem sido alvo de interesse das ciências humanas neste século XXI, sendo perigoso estabelecer uma definição precisa, e por isso definitiva, sobre o termo. Para este trabalho interessa-me considerar que a identidade é uma

construção histórica e relacional considerando aspectos de distinção e aproximação individual e coletiva com outras identidades. Segundo Silva (2006, p. 204),

toda identidade é uma construção histórica: ela não existe sozinha, nem de forma absoluta, e é sempre construída em comparação com outras identidades, pois sempre nos identificamos como o que somos para nos distinguir de outras pessoas.

Tal como em outras dimensões da sociedade em que o vestuário é considerado um objeto de distinção qualificando a imagem pessoal, a roupa esportiva e especificamente o tênis levavam a representações de domínio técnico da modalidade. O uso de tênis específicos para modalidades de quadra utilizados por aqueles considerados bons jogadores era logo disseminado entre os praticantes. Os preferidos eram os tênis de voleibol, pelo conforto, leveza e aderência ao piso. A marca do tênis utilizada também era fator de análise e oferecia condições de identificação da procedência – poder aquisitivo – do praticante, caso ele fosse novo nos *pedaços*.

Por ser um esporte de grande mobilidade, com deslocamentos curtos e rápidos, os tênis logo tinham o solado desgastado, principalmente pela quadra asfaltada do Campo do Lazer.

*Brahma eu perdi a final com o Maurício Campolina. Eu perdi para o Vâner e o Geraldo Esquerdo. Depois veio a Copa Chevrolet, que eu ganhei com o Mayrink. E foram essas Copas aí. Mas durante essas Copas, a Copa Chevrolet foram duas ou três... eu ganhei uma perdi duas...é foram vários eventos aí, mas com a regularidade desses grandes campeonatos, talvez um ou dois eu não cheguei na final. Disputei todas as finais da época. E com um detalhe. A turma nossa no Campo do Lazer, o tênis era colado com pneu de bicicleta. Que era asfalto, o tênis gastava rápido e a gente fazia uma sobre-sola nele com pneu de bicicleta. Cortava o formato do pneu de bicicleta e colava por baixo do tênis. Durava mais. Aquilo pesava um quilo em cada pé. Totalmente diferente do que é hoje não é.*

*Dentro da quadra era normal. A gente era adaptado ao Campo do Lazer. Ali parece que... a gente sentia mais confiança jogando ali. Parece que quando a gente saía dali o nível técnico da gente caía. Vai para um clube sabe... não era a mesma coisa.*

*Eu me lembro que os torneios do Henrique Bertholino, eu me considerava um bom jogador, mas nunca passei para... nunca disputei*

*uma final. Eu acho que o Campo do Lazer era parte integrante nossa, a gente gostava mais de jogar no Lazer. Lá que era a casa da gente, onde estava todo mundo ali, um torcendo pelo outro. Era mais seguro jogar lá. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010)*

Como era um petequero acostumado a convites para jogar em outros locais da cidade e disputar campeonatos, foi estimulado a falar mais pela comparação entre jogar no Campo do Lazer e jogar fora de seus domínios. Ao lembrar as possibilidades de lazer da população da cidade, destaca a importância da peteca e do Campo do Lazer para a cidade como um local de encontro:

*No Campo do Lazer sem sombra de dúvida. A peteca se divide em duas fases, em antes e depois do Campo do Lazer. Antes do Campo do Lazer, durante o Campo do Lazer a peteca foi uma. Depois do Campo do Lazer a peteca, na minha opinião teve uma queda vertiginosa.*

*Porque naquela época era o seguinte. Naquela época, não era fácil ser sócio de clube. Clube era para quem tinha um poder aquisitivo maior. E lá não. Lá era aberto e o pessoal que gostava do esporte e que queria praticar tinha que ir para o Campo do Lazer, tinha que ir para lá. Então esse pessoal que gostava, que jogava lá adquiriu um nível muito alto, o que ele fez. Atraiu aqueles bons jogadores de peteca de clubes, igual eu falei, do Minas, do PIC.*

*Ao invés do pessoal sair do Campo do Lazer para ir para os clubes, o pessoal dos clubes que ia para o Campo do Lazer. Primeiro que as grandes competições eram lá também. Era o local das competições. E segundo, por causa do nível técnico mesmo. O nível técnico lá era muito bom. Era aberto, não tinha horário, abria às sete horas da manhã, não fechava. Sentava o pau direto, feriado, final de semana... Você não tinha nada para fazer, você ia para o Campo do Lazer divertir, jogar peteca das sete às sete [risos]. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010)*

*Frequentava de terça... Segunda feira era o único dia que não abria, porque era para manutenção e de terça a domingo frequentava. Terça a sexta eu frequentava no período da tarde. Lá... eu lembro até hoje, as quinze horas, era das quinze as dezenove, de terça a sexta. E sábado e domingo abria oito horas da manhã e fechava sete horas da noite. Então sábado e domingo, praticamente eu era assim, de nove até seis horas da tarde. Até fechar... É lógico que tirava uma parada de uma hora, uma hora e meia para o almoço que a gente ficava lá. Nem ia para casa. Eu morava pertinho, mas não ia em casa almoçar, não ia. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010).*

O petequeiro Aloísio Brandão possui quadra de peteca em casa e relata que sua frequência ao Campo do Lazer se limitava aos treinamentos para os campeonatos lá disputados. Do outro lado da cidade, próximo de sua casa, e na região da Pampulha e passou a ser acompanhado pelo filho ao clube que frequentava. Com o passar do tempo, Aloísio Brandão Júnior (Lilízio), passou a ir também ao o Campo do Lazer fazendo o caminho inverso.

*Aquelas quadras fui eu que ajudei a fazer, inclusive aquela piscina também. Eu fui um dos camaradas que ajudaram o Jaraguá até em construções. Tem ali tudo documentado. Tem uma placa com eu e Dr. Levindo Savino que construímos aquela piscina. Eu considero o clube Jaraguá como a minha segunda casa. Foi lá que eu criei meus filhos, foi lá que o Lilízio cresceu e era jogador de Tênis. Aí quis me acompanhar e jogar peteca. (Aloísio Brandão, 74 anos, petequeiro –18/5/2010).*



FIGURA 14 – foto da Copa Itaipu de 1988. Da esquerda para a direita: Antônio Eleto, Antônio Starling (Tonhão) e Aloísio Brandão.  
Fonte: Acervo de Aloísio Brandão.

Conforme relato do pai, Lilízio deixou de jogar tênis para acompanhá-lo na peteca, onde dava suas primeiras rebatidas. Com sua evolução técnica, passou a frequentar o Campo do Lazer com maior regularidade. A atração do antigo estádio

reformulado para a população significava a ocupação de um espaço público transformado em clube popular:

*O Campo do Lazer... tem uma contribuição ao desenvolvimento da peteca extraordinária, porque lá nós tínhamos várias quadras, embora existindo quadras para a prática de outros esportes, como o vôlei... como o futsal, que naquela época chamava futebol de salão. [...] Era um espaço altamente democrático, altamente democrático, não só porque permitia que qualquer um que se dispusesse a praticar o esporte pudesse adentrar aquilo que fora o Campo do Atlético, mas, sobretudo, porque você via... praticantes de esportes que vinham dos lugares mais remotos de Belo Horizonte, dos bairros periféricos e a gente perguntava como é que esse pessoal chegava ali na Olegário Maciel? Eles vinham a pé.*

*Vinham a pé dos seus bairros para praticarem esporte ali, e passavam o dia todinho praticando esporte ali, dia! A gente às vezes, sensibilizados com essa disponibilidade, com esse interesse, a gente costumava dentro do que a gente podia não é?, também não tinha dinheiro, mas tinha alguma coisa, pagava sanduíche pra eles que ficavam ali o dia todo praticando, jogando... (Inimá Rodrigues de Souza, 69 anos, ex-presidente da FEMPE – 6/9/2009)*

O Campo do Lazer conformava questões próprias da organização do tempo livre, do direito cidadão ao lazer, da ocupação da cidade como um bem público, assim como questões sociais da sociedade brasileira, como exclusão, infraestrutura, trabalho e educação. Na verdade, constituía um lócus de expressão das contradições da metrópole, da sociedade moderna:

*Não tinha um bebedouro, a higiene do banheiro era mínima. Tinha um tanque lá com água, mas era onde a gente queria... Era onde a gente gostava de ir. Era o Campo do Lazer. Era uma época boa, eu tenho saudade daquela época lá. Era a turma, os amigos, a resenha durante e após os jogos, as brincadeiras, o ambiente. Não a infraestrutura, porque a infraestrutura era fraca, porque aquele pessoal de rua, eles iam para lá tomar banho. Eles utilizavam o Campo do Lazer como um apoio, então eles faziam parte daquele ambiente também. Alguns queriam e entravam na quadra para jogar peteca descalços, outros iam só para assistir.*

*Mas como era um ambiente que pertencia a todos, era uma farrá só. Não incomodava não. Na época a gente nem percebia. Esse lado não interferia em nada no que a gente queria. Condições de higiene, isso sempre foi ruim, mas a gente tinha maior prazer em ir para lá. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010)*

Sua significância do Campo do Lazer para a peteca aumentava como um espaço constituído por petequeiros. A peteca como fonte de renda não era confundida com o prazer de jogar em seus domínios. Mais do que isso, a atividade de lazer passou a fazer parte da vida desses praticantes como fonte de renda. Na tentativa de promover o Parque das Mangabeiras, foram contratados temporariamente para incentivar a prática da peteca no local:

*Logo depois o deputado que eu trabalhava com ele perdeu a eleição. Eu era do recrutamento amplo, era funcionário dele, da equipe dele, ele perdeu a eleição e eu perdi o meu emprego. Aí foi quando apareceu em 1982 o Parque das Mangabeiras. E lá tinha várias quadras de peteca, o que eles fizeram? Pegaram, recrutaram aquele pessoal do Campo do Lazer que tinha um nível técnico bom para ser monitor lá no Mangabeiras. Fui eu, o Edson, o Serginho, o Gilson Skaskauskas. Em 1982, na inauguração do Parque das Mangabeiras, nós fomos todos lá para cima e lá ficamos até cada um engrenar na sua vida.*

*Não deixei de frequentar o Campo do Lazer. O Campo do Lazer era parte integrante... A gente saía do Parque das Mangabeiras com vinte quadras disponíveis que tinha lá e descia para jogar no Campo do Lazer, a turma toda.*

*Várias pessoas que estavam no Parque das Mangabeiras que faziam parte da turma e as outras que não eram, mas que estavam lá. Naquela época tinha vários eventos, Copa Itaú e esses campeonatos. Na época que a peteca era muito praticada, ela tinha o nível técnico bom, porque tinha, muito petequeiro, bastante petequeiro mesmo. (Adalberto Conceição Santos, petequeiro –15/6/2010)*

As contradições e contrastes também estavam presentes no Campo do Lazer na forma da sua ocupação. O que funcionava como regulador e referência do *pedaço* era o nível de prática, e estratos sociais não eram os determinantes das produções culturais que se processavam ali. Isso o diferenciava dos clubes que comportavam práticas diferentes em camadas selecionadas ou hierarquizadas da sociedade.

Os relatos explicitam palavras como amizade, democracia e prazer, advindas das possibilidades de lazer desenvolvidas ali. João Batista Coutinho, aliando sua profissão e o prazer de jogar peteca, inspirava o desenvolvimento da

modalidade, ao mesmo tempo que procurava dar uma ocupação aos mais carentes e que faziam do Campo do Lazer um ponto de apoio:

*Ah, integração, amizade, não é. Então, muito democrático. Você chega, marca sua vaga numa quadra e vai jogar. Bem diferente do que existe hoje em alguns clubes, que aí você chega, se você não é, não é... não pode jogar naquela quadra principal. Se você quiser tem que jogar em outra. Às vezes você quer jogar, não é? Por exemplo, lá no Copa mesmo, tem a quadra um e a quadra dois. Então, na quadra dois são aqueles que chegam antes e na quadra um, aqueles viciados, não é. Para mim são uns chatos. Não, tem que receber bem todo mundo, independente do menino jogar bem ou não. Você tem a obrigação de ensiná-los, não é. E então é isso que acontece. Mas no Campo, o que pegou é isso mesmo. Muitos amigos. Muito conhecimento. A gente descobre e fica sabendo de muita coisa e acima de tudo ajudando. Muitas pessoas que estavam aí, rapazes que estavam na vida, a ponto de cair mexendo com drogas, que foram para a peteca, que hoje são árbitros. A maioria estudou, entendeu.*

*Alguns rapazes no Campo do Lazer, eles apareciam lá e ficavam lá malandrando. Como se diz lá, perdendo tempo e às vezes criavam problema para a gente, no cotidiano lá. Então, essas pessoas foram chamadas para trabalhar na época, no início da Copa. Então nisso eles tomaram gosto pela arbitragem e com isso modificaram totalmente a vida deles. Hoje eles estão integrados aí na sociedade, estão trabalhando. Muitos até formaram, entendeu. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequero – 24/5/2010)*

Contribuindo com outra visão do Campo do Lazer, Edson Oliveira relata a importância das ações desenvolvidas pelas SMES. Os projetos atendiam a população de acordo com as possibilidades do órgão público incentivando outros interesses de lazer além dos físicos expressos na utilização de suas quadras:

*Para a peteca foi muito importante, porque era um espaço... era central, não deixava de ser central, era no bairro de Lourdes, porém Lourdes está próximo ao centro de Belo Horizonte, muito próximo. Então a posição geográfica era muito boa, porque era central, para qualquer bairro que você... [gestos de deslocamento]. A questão do Lazer, foi um espaço que eu lembro, tinha espaço para patinação. Se você for olhar esportes que demandam um custo financeiro maior, quem quisesse praticar patinação, lá tinha espaço. Tênis de mesa, quer dizer, tênis de mesa não é um esporte financeiramente... mas lá se praticava tênis de mesa, vôlei, basquete, o futebol de salão, a patinação, eu me lembro. Tinha um espaço que a Secretaria falava para os meninos, que era para pintura... tinha os monitores da Secretaria, não é. Funcionava um anexo, mas os funcionários da SMES que trabalhavam lá e que eram responsáveis por organizar algumas atividades de lazer para aquele*

*público que ia lá, principalmente sábado e domingo. De segunda a sexta era muito pouco, mas sábado e domingo tinha muita opção para o pessoal praticar, fazer lazer lá, tanto como esporte como através de brincadeiras... Eles davam essa opção. Era um espaço muito bom para a questão do lazer.*

*Para mim, eu acho que marcou época e para uma grande parte das pessoas. É tanto que não eram só pessoas que não tinham clube para participar. Eu tinha clube na época e eu deixava de ir ao clube e ir ao Campo do Lazer e jogar uma petequinha. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010)*

*Eu aliei à minha profissão de professor. Trabalhava com preparo físico. Alguma coisa, você conheceu muitos deles, Gilson, Alexandre, todos aqueles que destacavam lá, eles tinham um treinamento para a peteca, baseado em corridas, em saltos. Muita coordenação... Alexandre e Marcelo Mourão. Então essa turma toda participou. Todos eles gostavam, entendeu. Tinha uma sala improvisada de musculação lá e tudo e fazia um trabalho. Corridas, escada, mais natural lá, utilizando as instalações do Campo. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da Smes, petequero – 24/5/2010)*

Grupos de praticantes foram sendo formados entre os frequentadores do Campo do Lazer e um grupo, constituído pelos irmãos Alexandre e Marcelo Mourão, Adair, Edson Rodrigues, Sérgio Lara, Geraldo Esquerdo, Sérgio Magalhães, Gilson Skaskauskas e Adalberto Santos, se destacou pela qualidade técnica. Contando também com outros participantes, este grupo fazia do Campo do Lazer o seu principal local de prática.

Os laços afetivos aumentavam, amizades se alinhavam e o encontro com Coutinho fez com que aqueles petequeros também treinassem para torneios realizados dentro e fora do Campo do Lazer. Coutinho aliou seu interesse pela peteca à sua profissão e passou a utilizar o próprio ambiente e as instalações locais para as corridas, saltos, subidas em arquibancadas e escadas, exercícios de coordenação e, ainda, a sala de musculação improvisada debaixo das arquibancadas. Existia o treinamento físico planejado e o treinamento de peteca era realizado jogando o maior número de partidas possível.

A peteca no Campo do Lazer se transformou em motivo de encontro. O lazer não se resumia a uma prática domesticada pelo uso do tempo no esporte (WERNECK; ISAYAMA, 2001, p. 65). Dentre os interesses físicos, a manutenção

da saúde e o estabelecimento de vínculos sociais surgiam questões políticas, culturais, sociais. De acordo com Sennet (1992 *apud* PESAVENTO, 1995, p. 285), a experiência da alteridade se revelava pela expressão do lazer na vida cotidiana na cidade:

*Tinha um grupo dos mais idosos da época que jogavam às terças e quintas, a partir da..., a gente tinha que abrir as portas para eles as seis e meia, que eles chegavam lá. Então, doutores, entendeu, pessoal que trabalhava. Então eles jogavam até as dez. Eram médicos, tudo que você pensar. Pessoal é... músico de orquestra sinfônica, não é. Todo mundo. Era todo mundo democrático. Então todos, empresários, fortíssimos aí, entendeu. Muita gente jogou lá. Então eles jogavam até um certo horário e depois iam. E a tarde, por volta das dezesseis, dezessete horas, chegavam os mais jovens. Isso na terça e na quinta. Quarta era dia fraco lá. Quarta e sexta, o pessoal não ia muito não. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequero – 24/5/2010).*

*No Campo do Lazer a gente percebia tudo isso. Pelo nível das pessoas que estavam lá, porque aparece uma notícia e outra, igual a gente comenta aqui hoje. Chega ao trabalho e aconteceu isso, pegou fogo, e foi baleado. É a mesma forma que a gente chega ao trabalho e faz um comentário ou outro do que está acontecendo. O projeto 'Ficha Limpa' foi adiado. Aí, em cima de 'ficha limpa', aquelas quadras esquentariam. Transportando o 'Ficha Limpa' para hoje a coisa pegaria fogo pelo nível intelectual das pessoas que iam lá também. As pessoas discutiam ideia. Inclusive política. Em época de campanha, na beira da quadra. O pessoal discutia. Tinha futebol, que se discute também numa cerveja. Mas ali era um ponto além de confraternização. Eu estou te falando assim, não era ponto de inconfidências não. Ali teve de tudo. Teve casamento, sabe. Teve descasamentos para poder casar de novo [risos] na peteca. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010)*

A demolição do Campo do Lazer 14 anos após sua constituição fez com que a cidade perdesse um espaço privilegiado de encontro. Perdia-se, também, um espaço que conferia identidade à cidade desde a década de 1920. Não é meu objetivo refletir no sentido de responsabilizar a iniciativa privada ou o Poder Público pela supressão do espaço de Lourdes, mas é preciso considerar a ausência do Estado em regular o urbanismo moderno, especialmente na década de 1990. Conforme observa Marcellino (2006, p. 75), a cidade cresceu privatizando espaços, acarretando drástica redução do espaço público e, com

isso, seu uso multifuncional, deixando de ser local de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo.

Neste caso, as marcas da história do Campo do Lazer não figuram no *shopping* como arquitetura ou como decoração (SARLO, 1997, p. 17). Por outro lado, estão gravadas na memória pelos laços de amizade e pela identificação com o espaço, uma vez apropriado. É pouco provável que o novo espaço, em sua relação indiferente com a cidade e mesmo cumprindo seu papel, tenha produzido algum tipo de identificação duradoura em direção à humanização da cidade:

*Eu acho que o Campo do Lazer foi uma grande perda realmente para a sociedade, eu diria assim. Porque ali não existia apenas peteca. Tinha um voleibol legal, um tênis de mesa legal, havia peteca e a própria Secretaria na época, conseguiu algumas salas. Então tinha lá musculação, tinha lá um trabalho de orientação. Era um espaço central, fácil acesso, totalmente gratuito, ninguém pagava nada e que congregava aí a maioria das pessoas que gostavam de esporte. E com a desativação daquilo, praticamente isso foi fragmentado e, que eu saiba, não existe um espaço ou não existiu mais um espaço dessa forma em Belo Horizonte para a prática do esporte. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010)*

A *mancha* desfeita não foi recomposta; antes, foi fragmentada em forma de *estilhaços*<sup>47</sup> espalhados pela cidade. Um pequeno *pedaço* foi cair no terceiro quarteirão, próximo à árvore preservada da Rua Bernardo Guimarães, reconstituindo-se em espaço de encontro por um dos grupos do Campo do Lazer que se encontra até hoje:

*[...] O pessoal do Campo, a maioria, vamos dizer assim, os mais chegados, os amigões, jogam tudo ali no 'Ponto Verde', no Santo Agostinho. [...] Se você for lá, você vê todo mundo do Campo. Todas as quartas e quintas à noite. É um espaço que o Sérgio, como proprietário do restaurante, a gente conseguiu com a Prefeitura, fez uma quadra e tem o restaurante, então... ao lado do CREF, ali.*

*Eu não estou indo lá por causa dessas viagens, mas, assim que parar com essa temporada, pode ir lá e jogar uma petequinha com a gente. Lá*

---

<sup>47</sup> Com base na expressão de Magnani (1984), utilizei esse termo para expressar a reconstituição da mancha dando o sentido de uma explosão de uma bomba que se estilhaça em fragmentos sem direção.

*você vai ver todos aqueles campeões, Alexandre, de vez em quando o Edson vai lá.*

*Porque continua a amizade, não é? O pessoal vai envelhecendo, vai constituindo família, mas aí os filhinhos estão começando a jogar. Então é legal. Não houve muita mudança assim, petequero é tudo a mesma coisa. Quando toma gosto, entendeu, aí vai direto [riso]. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequero – 24/5/2010)*

*O Coutinho, ou os filhos do Coutinho, como a gente falava na época. Tinha muita gente lá que ele treinou para ser árbitro. Ele qualificou uma equipe de arbitragem de peteca. Isso foi dentro do Campo do Lazer com certeza. E os rapazes cresceram, casaram e não sei o quê e um deles tem aquele bar ali embaixo, acho que 'Ponto Verde'. Acho que agora ele vendeu, o que eles fazem associando aí à cerveja? Eles fazem um happy hour. Eles pintaram lá na frente, perto do CREF, uma quadra, eles jogam peteca e já estão no boteco.*

*O dono do boteco mandou pintar porque já era o ponto de encontro para a cerveja. Então realmente, isso confirma. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010).*

## 2.4 O ESPAÇO TRANSFORMADO: A PETECA, O CAMPO DO LAZER E A CIDADE

O percurso feito até aqui no trabalho apresenta a apropriação do Campo do Lazer como um espaço em que a sociabilidade se adensava. Essa apropriação acabou por configurar-se como uma aproximação entre a casa e a rua. As relações desenvolvidas durante a prática caracterizavam a identificação dos usuários do espaço por eles apropriado, ao passo que, quando fora de seus domínios, eram reconhecidos como pertencentes a este ou àquele pedaço. Invariavelmente, carregavam consigo o nome do Campo do Lazer.

Essa sensação de pertencimento sentida confortavelmente pelos praticantes – como em casa – expressava a importância que o espaço de Lourdes passou a ter na vida deles. Lá era a casa do petequero. E a rua, neste caso, vista pelo ângulo do esporte, constituía as outras quadras da cidade, sujeitas a outras normas e regras, mesmo que fossem espaços seguros de convivência.

Como qualquer casa, apresentava suas virtudes e defeitos. A infraestrutura local era deixada de lado por outras vantagens oferecidas pelo espaço. Na verdade, as condições de higiene das instalações do Campo pouco influenciaram a ocupação do terreno. As quadras estavam lá, os praticantes a utilizavam e o espaço adquiria significado como Campo do Lazer: Assim é que as qualificações de perigosa ou segura, limpa ou suja, ordenada ou anárquica, bela ou feia para uma cidade variavam de acordo com os produtores ou consumidores do espaço (PESAVENTO, 1995, p. 283).

No ano do centenário da abolição da escravidão, o prefeito Sérgio Ferrara, na presença de componentes da família real de Portugal, descerrou a placa com o nome de Campo de Lazer Princesa Isabel<sup>48</sup>. Poucos se recordam do fato e sequer passaram a chamá-lo por esse nome, assim como acontece com outros parques da cidade, o mais central deles, o Parque Américo René Gianetti, conhecido simplesmente como Parque Municipal. Evidentemente, o ato teve uma conotação simbólica, mas pode-se dizer que o Campo era Popular do Lazer.

*A principal área de lazer do centro da Cidade, o Parque Municipal – lugar da memória esportiva e do lazer de Belo Horizonte –, já denominado Parque René Gianetti, depois de vários anos de abandono, foi tombado pelo patrimônio do Estado em 1975, por meio de um decreto que protegia seu conjunto paisagístico e arquitetônico. Depois de sofrer drásticas reduções em relação à sua planta original, restava somente a quarta parte desse terreno nesse período. (RODRIGUES, 2006, p. 28)*

O Parque Municipal, que abriga várias expressões de lazer da cidade ao longo do tempo, continua a ser o mais visitado da cidade. Concentra grande número de serviços e é equipado com alamedas, lagos, teatros e galerias de arte, escola, parque de diversões, atividade diversas, como shows, concertos, passeios em charretes e outros. Atende aos moradores do centro da capital e também de outras regiões da cidade, principalmente nos finais de semana. Conta, também, com quadra de tênis, localizada em sua parte central.

---

<sup>48</sup> Decreto nº 5.955, de 10/6/1988. A placa comemorativa foi descerrada com a presença de dom Luiz de Orleans e Bragança, chefe da casa imperial do Brasil, e seu irmão dom Bertrand de Orleans e Bragança, bisnetos da princesa Isabel e herdeiros dinásticos de dom Pedro I e dom Pedro II. (ESTADO DE MINAS, p. 22, 13 mar. 1991)

É um espaço idealizado, nasceu como um parque para ser o ponto de encontro da população da capital e como tal cumpre a sua função. Se é possível a comparação, o Campo do Lazer nasceu como um estádio particular de futebol, portanto como espaço privado. Num segundo momento, reconhecido como Campo do Lazer, teve vida de aproximadamente 14 anos como espaço público para depois dar lugar a um *shopping center*.

Em todos os casos, os lotes, o terreno, o espaço e o lugar adquiriram significados para a população como espaço transformado pela ocupação. Uma vez que o Campo do Lazer viveu sob a tensão de uma decisão judicial, não cabe, neste trabalho, discutir políticas de preservação. O que se coloca em discussão, neste momento, é a questão da preservação de espaços de memória da população, numa época em que o interesse nesse aspecto estava na pauta de discussão dos órgãos públicos. Assim, cumpre o papel de preservação de memória por meio da sua história numa sociedade estigmatizada pela falta de registros e por uma comunidade marcada pela oralidade. (ALBERTI, 2004, p. 25-27)

Trata-se de discutir a manutenção ou a destruição da *obra* que, como construção histórica de pessoas e grupos, comporta a humanização de objetos, apesar da sua representação na memória da cidade e da sua relação com interesses expressos como valor de mercado em razão do progresso ou do consumo. Como lembra Lefebvre (1969, p. 48), ao referir-se às leis de mercado, a cidade continua a ser um objeto; mas não à maneira de um objeto manejável, instrumental.

Neste caso, o sujeito contemporâneo, habitante urbano, está subordinado às regras do jogo capitalista, independentemente da classe social. Nele, as mudanças na ocupação territorial da cidade, principalmente em zonas mais centrais consideradas nobres, privilegiam as classes de alinhadas condições de consumo, que também não detêm o poder de decisão da cidade que habitam. Os espaços públicos vão sendo substituídos por espaços cada vez mais restritos entre regras, normas e possibilidades de acesso. Assim como antes, no urbanismo das cidades, a população continua a ser empurrada em direção à periferia num fenômeno que nem os urbanistas conseguem controlar.

O espaço, considerado como produto, resulta das relações de produção a cargo de um grupo atuante. Os urbanistas parecem ignorar ou desconhecer que eles próprios figuram nas relações de produção, que cumprem ordens. (LEFÈBVRE, 2008, p. 139).

Segundo Lefèbvre (2008, p. 141), historicamente e em escala mundial, grupos dominantes sempre produziram o espaço. Entre várias alternativas, a começar pela especulação imobiliária, o capitalismo não só rege a reorganização completa do espaço, provoca mudanças no relacionamento individual e coletivo dos habitantes com a cidade, portanto, da cidade como espaço social – urbana – como mantém seu poder de decisão e lucro.

No caso do Campo do Lazer, não seria diferente. Afunilando o pensamento em direção à peteca, especificamente sobre a questão da apropriação do espaço por petequeiros, se lá era a casa da peteca (espaço social), por outro lado eles não eram os proprietários da casa (espaço físico). Tinham a casa, mas não tinham o controle dela. Talvez vivessem nessa casa alheios aos *domínios* da cidade, vivendo com portas e janelas abertas, sem impostos e sem aluguel, que um dia seriam cobrados em forma de despejo.

Numa aproximação com a concepção de DaMatta (1983, p. 73), ao referir-se à casa como o local onde se tem maior intimidade entre o controle da casa e o movimento da rua, configurou-se como se a desapropriação desta vez fosse inversa. A revogação da desapropriação em 1993 funcionou dessa forma. A urbanização atingiu a casa, invadiu-a e fez desaparecer o espaço social do Campo do Lazer.

Há que se destacar os interesses e as iniciativas dos gestores da modalidade desde a década anterior em buscar o seu reconhecimento como esporte, em buscar junto ao Poder Público um espaço físico que abrigasse a peteca para funcionar como uma referência cultural na cidade. Com a revogação judicial, como num *jogo* de cabo de guerra, as iniciativas foram arrastadas para o outro lado sem nenhum *lucro*. Houve negociação, acordos, mas a terra cedeu sem que a peteca lograsse qualquer resultado positivo.

O jornal *Estado de Minas* elucida parcialmente o destino de verbas destinadas à área de lazer para a população de Belo Horizonte após a demolição do Campo do Lazer.

Segundo a administradora da Regional Noroeste, Neusa Santos, este recurso será doado pelo Clube Atlético Mineiro, relativo à contrapartida da implantação do *shopping Diamond Mall*, onde um dos pisos que seria destinado à área de lazer para a comunidade, acabou como estacionamento. 'Como o 3º piso não foi convertido em espaço de lazer, o CAM ficou com parte da verba a ser revertida para outra obra da prefeitura, que será utilizada agora', explica. O restante das obras nessa área, que incluem paisagismo e construção da quadra de peteca, ficará a cargo da prefeitura. 'O parque terá três vertentes: esportes, meio ambiente (revegetação de área bem árida) e espaço cultural para convívio da comunidade'. Aponta a administradora. (PARQUE... 1999, p. 30).



FIGURA 15 – Foto atual da parte superior do *Shopping Diamond Mall*.  
Foto do autor.

Nas entrevistas, considerando a demolição do Campo do Lazer, perguntei a um dos colaboradores qual é a falta que o Campo do Lazer faz para a peteca e para o lazer de Belo Horizonte:

Muito. Comecei a jogar na ACM e a maioria dos campeonatos eram realizados no Campo do Lazer. A Copa do Povo, eu tive a oportunidade de jogar lá e a Copa Itaú que começou dessa forma. Alguns campeonatos locais lá e que todo mundo participava, sem faixa etária e eram campeonatos abertos. A gente jogava com muito prazer e foi uma grande pena que aquilo tivesse sido desativado. Na época até, eu participava com o Tote<sup>49</sup> na Federação, e a gente tentou arranjar um espaço ali por perto tipo Parque Municipal, tinha algum espaço. A gente também tentou conseguir alguns lotes a para o 'Parque da Peteca' que era o sonho dele. Infelizmente isso não foi para frente e os espaços centrais eram difíceis, e a gente acabou não tendo essa oportunidade. Então, começou-se a fazer campeonatos só em clubes e de uma certa forma mais limitados e foi perdendo a graça, não é, desses campeonatos grandes e bem organizados.

Tinha a questão do espaço da peteca. O Campo do Lazer era o espaço da peteca. E quando acabou o Campo do Lazer, o Tote que sempre foi um entusiasta da peteca, então ele praticamente começou essa história de peteca aqui, não só como praticante, mas fazendo a peteca, não é. Ele, na época, conversou com vários políticos e tinha de um espaço próximo ali ao Buritis. O pessoal prometeu para ele lá, para que pudesse fazer o espaço da peteca (Rui Carlos Barbosa, petequero – 27/5/2010)

Em busca de mais informações e possíveis fontes, perguntei quem prometeu:

É, a Secretaria de Esportes prometeu e ele correu atrás disso, batalhou, lutou, mas infelizmente o Tote morreu sem ter o espaço da peteca dele. E até hoje a gente não tem esse espaço da peteca. E realmente é uma tristeza, não só com a peteca. Recentemente eu participei com um colega da Federação de Tênis, e ele vem com a mesma ideia de espaço para o tênis. Já procurou em Belo Horizonte, difícil aqui. E recentemente ele esteve comigo lá com o Prefeito em Vespasiano e é possível que saia lá um espaço para fazer... um espaço para o tênis, assim como seria da peteca. Mas, infelizmente, com relação à peteca não foi possível, ou seja, não tivemos esse espaço e a ideia morreu. E, como eu disse, ter um espaço onde todo mundo possa participar, diferente de um clube é o que poderia alavancar mais uma vez a peteca, com certeza. (Rui Carlos Barbosa, petequero – 27/5/2010).

Questionado como seria esse espaço, os colaboradores responderam:

Um parque central. É tanto que quando o Lazer acabou, a gente tentou no Parque Municipal. Ali tem um espaço interessante e ali poderiam ser feitas algumas quadras e substituir o Campo do Lazer. Havia possibilidade disso. Mas na época com uma série de entraves burocráticos, acabou não vingando a ideia. (Rui Carlos Barbosa, petequero – 27/5/2010).

---

<sup>49</sup> Outorgantino Magalhães Dias.

*Olha, foi uma coisa muito boa, pena que acabou. Deveria ter mais Campos de Lazer, não é. Porque ali a gente atendia o povo. Tinha oficinas, atendia a toda uma comunidade, entendeu. Ia gente de todos os bairros e tinha prática de tudo lá. Atendia idoso, o jovem, adolescente. Então nós tínhamos atividade com todo mundo, não é. De vez em quando tinha grandes eventos. Por exemplo, lá até realizou a Copa do Povo, que a gente fazia o evento e reunia 400 bairros de BH, entendeu. Que mais... Ah, tinha encontros. Encontros e dança, tudo administrado pela Secretaria Municipal de Esporte, que hoje eu não estou vendo ela fazer nada.*

*[...] É... Encontro. Tem muitas pessoas que se eu te apresentar vão falar demais. Que agora não tem nem espaço. Muitos, nem clube tinham para frequentar. Um mesmo você conhece. Se você, uma hora que eu encontrar com ele, puder encontrar, ele vai te contar muita coisa boa do Campo. O apelido dele é Barbante. Marco Antônio Borges de Araújo. Ele viaja aí comigo nos eventos. Mas deles é um dos mais revoltados por ter acabado o Campo. Esse aí tem história. Se você um dia puder pegar o depoimento dele. É uma pessoa muito inteligente, entendeu. Percebe as coisas. É apolítico. Só que ele não gosta muito de BH não por causa desses espaços. Então pode ser que ele vai falar alguma coisa. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequeiro – 24/5/2010).*

*Que a Prefeitura autorizou a construção do shopping, mas que a Prefeitura teria um espaço, houve uma mobilização pública de que então o povo ia perder o seu espaço de lazer? E aí o que aconteceu, foi um acordo, aí no caso é a Prefeitura, de que teria um terceiro andar e que a Prefeitura posteriormente, instalaria um espaço público de lazer. Na época se falava em terceiro andar. Hoje está cheio de academias, não é, mas que fosse de acesso público. Então é o acordo com o shopping, os proprietários com a Prefeitura. Aí é uma história comprida. Isso nunca aconteceu. (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010)*

*Até reafirmando a minha fala anterior, o Campo do Lazer sendo suprimido como foi, a promessa foi, eu me lembro muito bem na época, que comissões de petequeiros foram formadas, e o que se ouviu foi que a parte de cima do shopping seria uma réplica do Campo do Lazer. Quer dizer, teríamos em cima do shopping o mesmo número de quadras e a mesma mecânica de facilitação da prática da peteca sem custo nenhum para os praticantes e frequentadores. Isso não ocorreu e como demorou muito tempo aquela obra, essas comissões de desmobilizaram, e isso não foi para frente com uma cobrança. Se não me engano, até um documento foi gerado em cima disso, que eu me lembro muito bem deles falando com firmeza que a promessa do shopping de que a parte de cima fosse uma réplica do Campo do Lazer, que deixasse para eles aquele legado de campo de peteca.*

*É, eu não tive acesso a esse documento. Me disseram que era uma premissa básica para eles até não criarem algum tipo de resistência, não procurarem a justiça para que protelasse a construção do shopping porque isso foi garantido para eles. (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos – 25/6/2010)*

*Tentaram lá em cima, na Afonso Pena, da Prefeitura, diversos torneios lá [fala sobre o Parque das Mangabeiras]. Nunca joguei lá, mas o Lilízio jogou. Eu só ia lá para assistir. Mas não teve aquele crescimento feito a Área do Lazer, não.*

*É, faz falta até hoje. Eu acho que Belo Horizonte precisava de uma área que a pessoa... Que fosse mais fácil para frequentar. Seria um Parque Municipal, essas quadras, não é. Um lugar central. Isso que estou querendo falar, para a pessoa não ter que deslocar, ir lá em cima. Então aquilo foi desmotivando o atleta, não é. Então nós temos que falar que fosse uma área, um parque municipal, uma área aqui dentro, que seria o lugar ideal de Belo Horizonte [fala sobre ter um lugar público para ter a peteca, dentro da área da Contorno. Lugar central]. (Aloísio Brandão, 74 anos, petequero –18/5/2010)*

Em nome do progresso, a cidade vem perdendo espaços de lazer em áreas centrais. Enquanto isso surgiram bairros periféricos com pouca infraestrutura e carentes de praças, de áreas verdes, de espaços de lazer. A transformação do Campo do Lazer em *shopping* alterou a relação do espaço com o bairro, com a população e com a cidade. Nas entrevistas, ficam evidentes as marcas de historicidade (PESAVENTO, 2004, p. 33) deixadas pelo Campo do Lazer com consequências para o lazer da cidade. A luta pela conservação do espaço, a iniciativa de tentar fixar na cidade um espaço para a peteca e o documento não recuperado são as evidências do espaço construído pela população. O fato de a iniciativa privada ter assumido o Espaço de Lourdes mudou a foco de visão sobre o espaço urbano, desta vez enxergado como mercadoria, portanto, como possibilidade de lucro.

## Capítulo 3

### O CAMPO DO LAZER E A DINÂMICA DA PETECA ESPORTE

#### 3.1 O SIGNIFICADO DA COPA ITAÚ DE PETECA

A frequência ao Campo do Lazer crescia com a proximidade da realização dos eventos da SMES, com destaque para a Copa do Povo e para as Copas de peteca, esforço integrado entre prefeitura e iniciativa privada.

No Campo do Lazer, as Copas Itaú de Peteca foram realizadas até 1991 com participação crescente da população. Esse evento de grandes proporções atraía jogadores da capital e de cidades do interior do Estado. O sucesso da Copa provinha tanto do fato de as inscrições serem gratuitas quanto pelo brinde da camisa recebida no momento do primeiro jogo realizado no torneio. Assim como acontece com os eventos atuais de corrida na cidade, a camisa era utilizada nos jogos e depois nas ruas funcionando com sentidos de marketing: ser reconhecido como petequero, estar na moda e divulgar a modalidade com a logomarca do patrocinador ao lado da marca do evento.

As categorias eram definidas segundo faixas etárias e contava ainda com a categoria especial. Os três primeiros colocados em cada categoria recebiam troféus como premiação e a categoria especial<sup>50</sup> tinha, além dos troféus, uma premiação em dinheiro oferecida pelo patrocinador principal e prêmios de copatrocinadores.

As arquibancadas do Campo do Lazer ficavam cheias assim como as grades de isolamento em torno das quadras. Jogos aconteciam os finais de semana e com o passar do tempo estavam classificados os melhores jogadores.

Como qualquer competição, apesar do apelo popular para alteração da forma de disputa, era necessário uma que pudesse ser exequível diante do grande número de inscritos. Isso quer dizer que a eliminatória simples era a melhor

---

<sup>50</sup> A categoria especial era reservada àqueles jogadores que se sentiam em condições de concorrer ao prêmio em dinheiro com chances maiores entre aqueles considerados como os melhores jogadores da cidade, essa categoria não tinha exigência de idade para a participação, bastando ter acima de 18 anos.

maneira de realizar o evento na fase de classificação. Depois, os jogos eram realizados entre as seis melhores equipes de cada categoria até se chegar ao campeão de cada uma delas. Para se ter uma ideia, o início dessa fase contava com 60 equipes ou 180 jogadores, os melhores jogadores de uma jornada iniciada por um contingente que variou entre 1.800 e 5 mil inscritos.

Vale lembrar que, na década de 1980, os recursos da informática não estavam à disposição e o trabalho era realizado sem os recursos tecnológicos de hoje. O apoio técnico era realizado pela SMES, com funcionários preparados para a realização de eventos comunitários. A Copa deu início à realização de eventos de maior expressão com a participação popular.

A respeito da organização das copas, Carlos Rogério Zech Coelho relata como o evento foi se constituindo e crescendo o número de participantes desde o as primeiras edições.

*Não, ele cresceu. Começamos com 1.800, Depois 2 mil e pouco, Três mil e pouco e aí ele deu um 'bum' grande, não é. Lá pelo quarto ou quinto ano ele atingiu esse pico aí que foram cinco mil e poucos participantes, praticantes, não é.*

*Era bastante complicado porque nós não tínhamos programas de computador como temos hoje. Nós chegamos a ter mais de cinco mil inscritos e se faziam as tabelas à mão e cartolina. Então, viravam-se noites fazendo aquelas tabelas para que a gente pudesse estar com aquilo pronto o mais rápido possível. (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos – 25/6/2010).*

*E aí a gente tinha uma equipe contratada ou paga pelo patrocinador para organizar uma Copa de Peteca daquele tamanho. Além da equipe técnica, você tinha que ter um cara que limpa quadra, você tinha que ter um cara, no tempo do mimeógrafo, para rodar boletim. A Grace as vezes ficava até de madrugada lá com o Coutinho e a Gracinha fazendo tabela que tinha que ser divulgada no dia seguinte. Então, você pega tudo isso. Você pega a equipe que estava lá trabalhando lá fim de semana... que a gente trabalhava, quando não era atividade patrocinada, era de graça mesmo, era para trocar por uma folga que gente nunca tinha durante a semana, (Maria Beatriz Miranda, funcionária aposentada da SMES – 13/5/2010).*

*Sim, a Panda. É realização da Panda com o apoio administrativo da secretaria. Toda a parte técnica era dos professores da secretaria. A Panda entrava mais com o patrocínio, não é. Essa parte de produção do evento. Agora, toda a parte técnica, elaboração de tabela, isso era da Secretaria de Esportes. A equipe da secretaria.*

*Deixa eu ver. Bom, escalar arbitragem, coordenar toda essa parte de árbitros, não é. [...] Outra parte que eu mexia lá era o controle daquelas tabelas imensas com 72 pessoas. Controla aquilo, quem vai jogar, quem não pode jogar hoje, vamos jogar que dia, entendeu. Aí tinha a Grace que tomava conta do lançamento, da programação. Então era uma equipe boa de trabalhar. Todos trabalhavam. Todos unidos em prol, pelo sucesso da peteca. Não tinha muita vaidade lá não.*

*Era bastante complicado porque nós não tínhamos programas de computador como temos hoje. Nós chegamos a ter mais de cinco mil inscritos e se faziam as tabelas à mão e cartolina. Então, viravam-se noites fazendo aquelas tabelas para que a gente pudesse estar com aquilo pronto o mais rápido possível.*

*O emparelhamento era feito na cartolina. No primeiro ano a gente pegou como referência um ranking, que era muito amador, da Federação Mineira de Peteca, que o Tote tinha escrito à mão e mesmo com o aconselhamento de alguns jogadores veteranos a gente fez aquele emparelhamento para que as chaves ficassem bem distribuídas. Nós fazíamos as divisões por faixa etária e sexo e com isso a faixa etária masculina começava com 15 (anos), se não me engano era 15 a 19, 20 a 29, 30 a 35 e depois a gente encurtava um pouquinho porque a distância, depois dos 35, as pernas ficam mais pesadas [risos], de 5 em 5 anos, até chegar acima de 65 e nas mulheres íamos até acima de 45, se não me engano. Então nós tínhamos dez categorias, inclusive conseguimos como patrocinador um banco privado, O Banco Itaú, conseguimos prêmio em dinheiro para a peteca, que era um esporte completamente amador na época. Isso fez crescer. Havia um número muito grande de participantes, de praticantes em Minas Gerais. Inclusive as categorias mais novas foram as que mais cresceram. Muito menino começou a ser incentivado a jogar peteca, ia lá para o Campo do Lazer, via aquela grande festa e com isso se empolgava em jogar peteca. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequieiro – 24/5/2010).*

DATA		HORAS		CATEGORIA		DE		LOCAL - CAMPO DO LAZER	
HORA	QUANTO			1º E 2º					
13:00	1	A			09	VITÓRIA CLAUDIA	X	08	PATRICIA ANA CRISTINA
	2	B			05	STELA SABRINA	X	03	IVANA ROSEMARY
	3	G			97	VICTOR IWAN	X	91	IVAN ADALBERTO KLEBER
	4	H			84	AFONSO ANTONIO JOSE	X	82	RENATO DE CIO ARMANDO
14:00	1	E			25	JOSE SERGIO GIOVANNI	X	24	HEGEL RENATO EDUARDO
	2	I			05	HITLER ROMULO ROBERTO	X	02	ANTONIO ANTONIO ALOISIO
	3	D			07	RAQUEL LEDA VERA	X	06	MARIA IVONE LUCIA
	4	J			04	ANTONIO PEDRO ELMON	X	04	FRANCISCO ANTONIO DE CIO
15:00	3	F			57	GERALDO ALEX MARCELO	X	45	ALUISIO DE CIO RANDELETO
	4	C			06	VILMA GRACYMARISA	X	05	CLAUDIA IRENE NAJELA

FIGURA 16 – Tabela de jogos da Copa Itaú de Peteca de 1988, realizada no Campo do Lazer. Fonte: Acervo de Aloísio Brandão.

O evento era reconhecido pela qualidade da organização. O trabalho conjunto entre a empresa organizadora do evento e a SMES surtiu efeito rapidamente com destacado desempenho de ambos. A Panda administrava o evento e cuidava da divulgação em jornais, em emissoras de radio e televisão e também da programação das solenidades e dos jogos, do *layout* do evento destacando as marcas dos patrocinadores e parceiros do evento.

A execução técnica da SMES era feita com muito profissionalismo e competência dos funcionários. A habilidade na preparação do evento até na confecção das tabelas, organização de jogos e da arbitragem, fazia o sucesso do evento. Esse sucesso pôde ser comprovado através do patrocínio do banco Itaú ao evento de 1983 a 1993<sup>51</sup>.

Outros aspectos considerados atraentes eram: a premiação entre troféus e quantias oferecidas em dinheiro pelo evento, que, obviamente, figuravam como estratégias de marketing do evento; a possibilidade de participação popular independentemente de nível técnico em dez categorias separadas por faixas etárias.

<sup>51</sup> Em 1985, o evento foi patrocinado pelo Banco Bamerindus.

Me parece que em termos de Brasil, a Copa Itaú só perdia em número de participantes para a corrida de São Silvestre. Eram muitos participantes e com um detalhe, tinha uma premiação boa em dinheiro e a turma, além do prazer, visava a grana! A grana atraía. Até que, na época, era como a gente arranjava a grana também. Só sei que normalmente a gente ia para as finais de quase toda Copa Itaú. Normalmente, quase toda Copa Itaú eu fui para a final e o objetivo era chegar na final já com o prêmio rachado para garantir uma graninha, entendeu? Primeiro e segundo lugar tinha um valor. E a gente somava esse valor e dividia, independente de quem fosse campeão. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010).

No jogo final, a amizade sobressaía quando o assunto era a premiação em dinheiro. Havia a possibilidade de acordo para que todos pudessem sair ganhando, porém em quadra prevalecia o jogo limpo não havia possibilidade de negociar placar.

Não, aí não. Só mesmo a premiação. Eu sei que uma vez nós fomos para a final com uma turma que grana para eles não era problema, mas eles tinham um nível técnico melhor do que o nosso. Talvez melhor do que o nosso.

O Sócrates e o Serginho Mendes, filho do pessoal da Mendes Júnior<sup>52</sup>, onde grana para eles não era problema. Quando eu e o Adair, que era o meu parceiro na época, falamos em rachar, eles falaram '*Não, não, vão pro jogo! Não tem esse negócio de rachar não!*' Beleza, fomos para o jogo e perdemos. Mas foi bom, sobrou uma graninha também. (Adalberto Conceição Santos, petequero –15/6/2010).

Na memória de Edson Oliveira, a importância da Copa ligada à amizade com um colega do Campo do Lazer, que se tornou amigo de profissão e foi parceiro dele de longos anos na peteca.

*Eu e o Serginho. O Serginho... nós começamos, acho que em 83, eu entrei na Minas Caixa através de um concurso e quando eu fui chamado, fui na seção de recursos humanos para levar a papelada e ele que me atendeu e não sei o que e tal, e eu falando que eu queria uma... não, aí a gente tinha, alguns meses antes, eu conheci o Sérgio, porque eu passei no concurso e fui lá para ver, tinha amizade e tinha uma agência inaugurando perto da casa dele e ele falando que ia para lá, no bairro Santo Antônio, aí eu falei 'tem jeito de lotar lá, que pelo menos já conheço uma 'pessoa na agência?'' e acabou que eu consegui lotar e ia*

---

<sup>52</sup> Grande construtora com sede em Belo Horizonte.

*trabalhar junto, jogamos peteca até 94 quando eu machuquei. Se não tivesse machucado acho que estaríamos jogando até hoje. Porque aí foi uma amizade muito forte, considero hoje o melhor amigo que eu tenho, o primeiro e até hoje. Então, uma história... Esse Campeonato Brasileiro marcou muito porque a gente reverteu e, sempre era difícil. A gente nunca ganhou a Copa Itaú de peteca, mas fomos três vezes vice, mas os anos que o banco não patrocinou, só mudou de banco... Entrou o banco Bamerindus, nós ganhamos. Na verdade, era a mesma coisa, todas as duplas que disputavam a Copa Itaú, que chegavam nas finais, todo mundo estava nessa Copa. E disputamos a final com uma dupla que era difícil de ganhar que era o Lilízio e o Decinho, e ganhamos.*

*Só que, para mim e para ele, nós temos o mesmo pensamento. Pelo menos era assim, eu penso até hoje e acho que ele também pensa... Por que todas as pessoas... 'Vocês foram campeões da Copa Itaú, só mudou o nome!', Não. Não está escrito Copa Itaú. Está escrito Copa Bamerindus. Então essa Copa Itaú também marcou, porque era muito difícil.*

*Uma coisa que marcou também essa Copa Bamerindus é porque ela foi em 85 e eu não tinha dinheiro para fazer cursinho pré-vestibular. Eu lembro que, quando começou a Copa, tinha a premiação. E eu 'com essa premiação eu pago três meses de cursinho'. E aí começou e tal. A Copa Bamerindus era mais ou menos em maio, maio, junho e julho. Não era Junho, julho e agosto. Ela terminou em agosto, final de agosto. E o cursinho começava em primeiro de agosto. Só sei que conseguimos chegar na final. É lógico que eu pedi isso mais do nunca, porque eu pensei na questão financeira 'se eu ganhar, pago três meses de cursinho.' Um mês era tranquilo. E eu já trabalhava no banco, mas o cursinho era bem caro. E a Gente foi Campeão.*

*Eu lembro que eu peguei o cheque no domingo e na segunda feira eu fui lá. Peguei o dinheiro na agência e fui ao cursinho, paguei três meses de cursinho. Já tinha perdido um mês, não é, porque a final foi no final de agosto. Mas isso me marcou porque no ano seguinte eu entrei na Escola de Educação Física. Marca porque foi uma coisa que eu ralei muito de estudar no cursinho pré-vestibular, de fazer os testes físicos que existiam na Educação Física... era divulgado quatro meses antes e eu treinei, o que me ajudou bastante a passar. Então marca porque eu entrei na Escola de Educação Física e hoje é a minha profissão. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010).*

A competição disputada por faixa etária fazia o sucesso da Copa. O evento comportava petequeros de 14 anos em diante até participantes acima de 60 anos. No caso da Aloísio Brandão, enquanto seu filho era vitorioso na categoria mais concorrida, na faixa de 20 a 30 anos de idade, ele vencia com colegas da sua faixa de disputa<sup>53</sup>.

<sup>53</sup> A empresa organizadora do evento não possui registro do número de participantes das edições da Copa Itaú. Como orientação, ver ANEXO 4 – Quadro de inscrições da Copa Bamerindus de Peteca de 1985.

*A minha mulher é que ajunta esses 'trem'. Eu tenho aqui coisas aqui, quando eu fui campeão brasileiro... na Copa Itaú isso aqui [mostra foto], na primeira Copa Itaú, foi eu e o Tonhão e aquele que era dentista, que já morreu; o cara de uma educação, nunca vi um cara tão educado na minha vida. Isso aqui foi na Área do Lazer! [mostra foto do Campo do Lazer] Qual é o nome do nosso amigo aqui meu Deus. A gente vai ficando velho, na hora que quer o negócio...*

*Pode ir me perguntando que eu vou pegar aqui. [pegando fotos numa pasta]. Tem minha foto aqui do Futebol. Essa aqui é do Lilízio [filho] na Copa Itaú de Peteca. Você lembra deles? Engraçado, tenho até duas fotos dessas aqui. Eu tenho muita coisa interessante. Eles filmavam lá. Até o placar eles filmavam.*

*A Copa Itaú era a mais importante, porque além dela ser importante, era bem divulgado, muito divulgado e tinha prêmios em dinheiro, que cativava mais ainda os atletas. É o que falta hoje na peteca: o incentivo. A Copa Itaú, o banco Itaú lançou isso e dava prêmio em dinheiro. Inclusive, eu ganhei também.*

*Depois Itaú acabou e foi Bamerindus quis suprir a Copa Itaú, mas não foram muito... não foi assim tão bem idealizado igual a Copa Itaú, porque a Copa Itaú punha dinheiro e pagava. Inclusive esse rapaz, o Sérgio Bruno, a Panda ganhou muito dinheiro, iniciou a vida foi ali com aquela companhia que eu acho que tem até hoje. Ele iniciou ali, ali.*

*Era na Área do Lazer, onde era o campo do Atlético, onde é o shopping hoje. Ali era, mais ou menos três mil pessoas assistindo o torneio de peteca. Formava as quadras de peteca de asfalto e é isso e aquilo. Fazia diversas quadras, eram diversas equipes. Não me lembro, acho que tinha 4 mil inscritos no torneio da Copa Itaú, muita gente, mas muita gente mesmo. Então isso eram os torneios mais importantes. Era a Copa Itaú. (Aloísio Brandão, 74 anos, petequero – 8/5/2010).*

O prazer da prática em torneios era sentido por aqueles que não tinham interesses maiores pela premiação em dinheiro. É interessante notar que, com a copa organizada em dez categorias, eram produzidas dez equipes campeãs a cada ano. Muitas se repetiam, entretanto, cada uma ocupava lugar de destaque em sua própria faixa etária. Assistia-se mais às categorias mais competitivas, que imprimiam maior velocidade à peteca, por isso eram mais valorizadas. Mas, sendo um esporte de participação<sup>54</sup>, era também um esporte de anônimos.

<sup>54</sup> Especificamente a Lei n. 9.615/98, Lei Pelé, regularizou o esporte no País, caracterizando-o como educacional, de rendimento e *de participação* como aquele praticado de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e da educação, bem como na preservação do meio ambiente.

Principalmente para o grande público e para o praticante interessado na atividade e em aproveitar as possibilidades que a cidade lhe oferecia – consumir a cidade –, a peteca não formou ícones no esporte.

*E uma passagem até interessante, que a gente começou a jogar e em pouco tempo, acho que em três anos mais ou menos, a gente fez até para entusiasmo da torcida, até do Dr. Pedro, dentista, uma semifinal com o Botrel e o Paulista, que eram os melhores petequeiros da nossa faixa na época, e perdemos no vai a um de terceiro set, com peteca duvidosa, muito interessante.*

*E o pessoal juntou lá, em volta da quadra, eu e João Lúcio, extremamente determinado. Acho que o pessoal não nos conhecia. Então grandes recordações e esse João Lúcio foi um amigo e depois ele foi mais lá para o Minas, eu vim para cá [PIC], a gente parou de jogar junto.*

*Naquela época eu estava começando. Foi Itaú e a gente fez uma semifinal com eles, um jogasso! Uma coisa que até hoje ficou marcado.*

*Eu me lembro na época, porque foi quando a peteca começou realmente a difundir em Belo Horizonte. Começou a angariar muitas pessoas. E a Copa Itaú em princípio, não só valorizava quem praticava, por exemplo, fazendo um evento bem organizado e, além disso, gratificando aqueles que jogavam de alguma forma. E vários amigos, eu tive a oportunidade de participar disso, os vencedores tinham viagens, boas viagens com hospedagem.*

*Então, quem praticava, praticava com prazer e com a possibilidade de ir ganhando, ter algum prêmio. Eu me lembro de que uma das Itaú chegou a ter 10 mil participantes. Então aí você imagina, eram três mil duplas. Eram trios, 3 mil... Trios, 3 mil equipes participando. É muita gente. E isso aí dava um prazer muito grande. Eu acho que a peteca deslançou nessa época, exatamente por isso. Campeonatos em locais de fácil acesso e que todo mundo via, gostava e participava. (Rui Carlos Barbosa, petequeiro – 27/5/2010).*

A Copa Itaú passou a ser o evento mais importante para os petequeiros. O campeonato mineiro e o brasileiro eram significantes, no entanto ganhar uma Itaú era sinal de prestígio na modalidade. Havia maior significado em se ganhar um torneio tão concorrido e com tantos participantes. Os melhores jogadores estavam em Belo Horizonte ou em cidades mineiras, e a Copa os atraía. As matérias de jornais e televisões circulavam pelo Estado e cumpriam o papel de divulgação interessada pelo patrocinador, difundindo sua marca.

*Nós tínhamos desenvolvido junto com o patrocinador uma campanha de mídia. Fizemos um acordo com os Diários Associados, em que todos os resultados e a tabela eram divulgados no caderno de esportes do Estado de Minas, era mais de oitenta por cento de leitores na época. A própria TV Globo dava muita notícia sobre a peteca. Conseguimos matérias nacionais na Veja por ser um esporte completamente diferente de qualquer um praticado no Brasil. Com isso São Paulo tem hoje jogador de peteca, Brasília, você deve ter isso no seu estudo, e a peteca é eminentemente mineira, não é. Com isso ela é bem característica aqui e a Veja se interessou, fez duas matérias nacionais. Uma falando do tamanho do evento e outra falando que a seleção de vôlei quando veio aqui... o meu irmão Hélder jogava com eles na época, eu joguei também, Bernard, Bernardinho, Renan, também jogavam peteca nos intervalos. Com isso a Veja fez uma matéria que eu me lembro muito bem, que era uma foto do Renan e Bernard jogando peteca aqui em Belo Horizonte.*

*Era muito importante. Como eu citei, o Estado de Minas era um grande apoiador do evento, registrava com fotos, os atletas tinham foto, a abertura que era uma grande festa que a gente fazia era às vezes registrada até na primeira página do jornal, e isso dava uma dimensão muito grande para o evento. A gente hoje conhece que existe uma divisão de mercado em que a Globo e o Estado de Minas brigam palmo a palmo. Com isso, eles não tem muita afinidade. Naquela época não existia isso e a Globo cobria também. A Globo dava flashes e fazia matérias importantes, então a mídia, com certeza, entendeu o tamanho que o evento tomou, com mais de cinco mil participantes e dava uma cobertura importantíssima<sup>55</sup>.*

*[...] E nada mais que ferramenta foi a Panda, porque a comunidade estava ali, ela aceitou a peteca como um grande eixo de comunicação, de integração, como te falei de classes sociais, entre idades, entre família. Então, a Panda foi uma ferramenta, conseguiu trazer quem patrocinasse, que evidentemente trazia a mídia junto e com isso a peteca tomou um impulso muito grande naquela época. Toda a cidade falava na Copa Itaú de Peteca. Todo mundo ou participava, ou tinha um parente que participava, ou um amigo que participava. O Campo do Lazer ficava no fim de semana completamente tomado de pessoas. Era realmente uma grande festa na cidade. (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos – 25/6/2010)*

A organização da competição divulgava a tabela de jogos no jornal na semana anterior aos jogos. Diante disso, provavelmente, as vendas do jornal cresciam durante o período, o que também projetava a marca do patrocinador interessado em *emineirar* a empresa.

---

<sup>55</sup> Os arquivos da Rede Globo e da Rede Minas foram pesquisados, mas não foram encontradas fontes sobre a Copa Itaú para a pesquisa. Na Rede Minas, foi encontrada uma gravação de jogos do 1º Campeonato Brasileiro, realizado no PIC em 1987. A TV Alterosa não abre arquivos para pesquisa a não se por via judicial. Foi encontrada uma reportagem da revista *Veja*, incluída nas referências.

A peteca ganhava força no interior e equipes começavam a disputar finais contra equipes da capital. Dessa forma, a realização anual de torneios criava fazia com que as pessoas se preparassem para a próxima edição. Como a peteca circulava pelas conversas do belo-horizontino, a propaganda boca a boca era a mais eficaz na divulgação da modalidade. Durante os dois meses de realização do evento, a peteca ganhava projeção no maior jornal do Estado. Convém salientar, no entanto, que grande parte da divulgação era feita por meio de matérias pagas pelo patrocinador.

Considerando o ciclo de vida do produto, conforme as leis de mercado, a Copa cresceu, estabilizou-se, amadurecendo durante os anos de sua realização. Contando com número acima de 5 mil participantes durante alguns anos, o evento começou a declinar com sua realização fora dos muros do Campo do Lazer. A Copa realizada no Parque das Mangabeiras obteve grande sucesso, contou com a competente organização, mas não produziu o efeito esperado. Mesmo com o grande número de inscritos e as arquibancadas cheias<sup>56</sup>, o evento dava sinais de necessidade de reformulação. Diante disso, o evento da peteca mudou de casa em 1994, saindo do Parque das Mangabeiras para estacionamentos de *shoppings centers* da cidade:

*[...] Mas infelizmente, até por questões de organização, eu achei que as empresas que detinham a organização, com o tempo, começaram a desviar um pouco o recurso destinado para o campeonato ou em prol de quem participava, para manter a empresa ao longo do ano. E com isso os estímulos foram sendo reduzidos. Os campeonatos começaram a ter certa dificuldade e na realidade as pessoas não ganhavam quase que nada a não ser o prazer de jogar e muitos começaram a parar de praticar esse tipo de esporte. E depois assim em lugares mais abertos. E com o tempo esses campeonatos ficaram mais limitados, os campeonatos grandes acabaram praticamente e hoje o que a gente vê são campeonatos realizados em clubes. O Campeonato Mineiro que também é realizado em clube, não é aberto, o acesso então é difícil e a gente notou uma redução realmente importante no número de praticantes de peteca.*

*A meu ver, para que ela se retomasse fosse necessário um campeonato aberto. Um campeonato num espaço, tipo um Campo do Lazer ou coisa*

---

<sup>56</sup> Não existem registros sobre o número de inscritos nas copas realizadas no Parque das Mangabeiras. Em entrevista gravada com um dos diretores da Panda, obtive a informação de 5 mil participantes. (Luiz Eymard Zech Coelho, 1992, diretor da Panda Promoções e Eventos)

*parecida. E que pudesse ali levar todo mundo que gosta e que pudesse praticar dessa forma, não é. Ou seja, vender a ideia para todo mundo e começar de novo. Porque senão nós vamos ter uma dificuldade realmente.* (Rui Carlos Barbosa, petequeiro – 27/5/2010).

*A questão nessa época foi exatamente pelo motivo de começarem um movimento de obras, que o Campo do Lazer estava, já tinha sido repassado para a iniciativa privada. Então com isso a prefeitura não mais administrava o Campo do Lazer e nos ofereceu a realização do evento no Parque das Mangabeiras. Nós fizemos lá, evidentemente não tinha a mesma localização, a mesma infraestrutura, não foi o grande sucesso que foi até a época do Campo do Lazer.* (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos – 25/6/2010).

Reconhecendo-se o Campo do Lazer como a casa da peteca, admite-se uma relação simbiótica entre atividade e espaço durante o tempo em que o bairro de Lourdes abrigou a modalidade. São necessárias algumas considerações que não podem ser tomadas como coincidências. Refiro-me às relações da peteca e do Campo do Lazer com a cidade durante o tempo de vida desse Campo. Apoio-me em Velho (1995, p. 229), quando diz que a interação intensa e permanente entre atores variados, circulando entre mundos e domínios, num espaço social e geograficamente delimitado, é um dos traços essenciais do *estilo de vida urbano* moderno-contemporâneo.

São duas dimensões a considerar mediante a percepção da unidade do tempo, entendido aqui no sentido de tempo histórico, como um período de grandes mudanças sociais ocorrido nas décadas de 1980 e 1990.

– Espaço: um local privado de grande valor imobiliário, sujeito a interesses de econômicos por sua localização central. A especulação imobiliária, iniciada antes da década de 1970 e intensificada nas décadas seguintes, utilizou a atrativa quadra verde para sua expansão em vendas de prédios com área de lazer.

– Atividade: uma prática esportiva de lazer que provocou a identificação da comunidade com o local e a apropriação de seus espaços por grupos de prática. O Campo do Lazer, desde sua inauguração, abrigou uma prática de lazer que tomou corpo e teve seu espaço apropriado por comunidades esportivas. Dessa

forma, foi um dos responsáveis pela popularização da modalidade, assim como sua difusão para outras localidades.

A ocupação da cidade e o consumo imobiliário acabaram por provocar a supressão do *pedaço* que abrigava a peteca para a construção de um *shopping Center*, fazendo ressurgir a *mancha* num espaço semiprivado.

A ausência de um local público que congregasse petequeros pode ter sido uma das causas para a falta de articulação entre o setor público e o privado na realização de eventos. A parceria entre a Panda e o SMES teve fim quando os torneios passaram a ser realizados em estacionamentos de *shoppings centers*.

Diante disso, esse esporte iniciou um processo de estagnação ou mesmo regressão. Anos após a demolição do Campo do Lazer e o término das copas de participação popular, a crítica de Edson Oliveira passou recair sobre a falta de planejamento dos órgãos de gestão esportiva e a ausência de programas de desenvolvimento do esporte, que destaca a questão da dependência exacerbada da peteca a um evento promovido pela iniciativa privada:

*Na época, eu considerava uma prática, mas eu acho que eu vou ouvir muita gente falar que não é esporte, que isso é uma prática. Mas isso é... Que se pudesse resgatar, isso seria muito bom, mesmo eu não praticando. Eu não sinto falta de jogar porque eu joguei muito, graças a Deus, antes de eu machucar era de segunda a segunda. Tiveram alguns meses que eu e mais alguns literalmente deixamos de jogar porque a gente estava 'enfadado' de jogar de segunda a segunda... mas aí a gente deu um prazo e voltou com energia total, pique total. Não é porque hoje eu não pratico, mas se falasse assim 'você gostaria de contribuir para o futuro, para que a peteca voltasse a ser bastante praticada nos clubes em Belo Horizonte?', porque se os clubes... Aí tem criar mecanismos, tem que criar estratégias para você fazer, para voltar do jeito que era antes. Se criasse de repente, se voltasse uma Copa, não é. Aí vem a questão de uma premiação muito boa, vou te falar que... Não só em um ano, por vários e vários anos, a gente resgataria e com essas adaptações para favorecer a criança a praticar, ajudá-la a praticar porque é impraticável do jeito que é hoje, eu gostaria muito que isso acontecesse. Não é porque eu não estou praticando que eu vou deixar... é porque eu gosto muito, eu joguei bastante e defendo a peteca quando fala: 'Ah, é um esporte fácil de praticar. Então entra lá e pratica, vamos ver se é'. Eu gostaria que ela fosse... valorizada, sim, porque se está assim hoje é porque não teve o devido valor, não pelas pessoas que praticam. Aí a gente cai naquela coisa, a parcela pública tem uma grande culpa aí. Porque a iniciativa privada, eu sempre falo, ela faz porque tem a questão financeira. Tem pessoas na iniciativa privada que querem fazer, sempre vão fazer. E na iniciativa pública é o que a gente sempre fala: tem que ter vontade política para se fazer uma coisa. Se é*

*um esporte mineiro, porque não dar o devido valor e fazer com que seja praticado... Era um público grande na Copa Itaú de peteca, principalmente nas semifinais e finais você via bastante gente. Seria interessante se naquela época tivesse filmado...*

*Se der o devido valor e montar estratégias contínuas, não pode fazer... Vamos fazer para esse ano e no ano que vem, não. É contínua, anos para frente. Dá para ter o valor... que achava que ainda era muito pouco, mas que poderia voltar bem mais do que era antes. (Edson Rodrigues de Oliveira, petequero – 9/6/2010).*

A crítica de João Batista Coutinho como funcionário da PBH em relação às políticas públicas para o incentivo de esporte na cidade revela, também, falta de planejamento e de articulação entre as esferas política e executiva da Prefeitura. A mudança de secretários fez com que projetos do Campo do Lazer fossem cancelados e passassem a atender a outros tipos de interesse no espaço de Lourdes em seus últimos anos:

*Só está apoiando eventos, entendeu? Você pode publicar que eles têm que escutar. Isso é muito da administração, entendeu. Então quando houve uma mudança de administração, então parece que não houve interesse. Depois a equipe saiu, não é. Porque entra um administrador e ele vai querer trabalhar com a sua equipe. Então eles já foram para outro lado. Vamos dizer que eles queriam lá a música, não é. O Eduardo Lima ou o que entrou no lugar do Piazza, ele gostava mais de música. Então gostava mais de festivais de música, entendeu. Teve uma falta de interesse do administrador. E, ao mesmo tempo, todo mundo saiu. Aquela equipe, coesa que tinha, que gostava de fazer as coisas, saiu. Aí entram outros, não sei se gostam de trabalhar ou se não tem motivação. Então é isso. (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequero – 24/5/2010).*

Outro fato a destacar refere-se à falta de incentivo à prática de peteca em escolas, que, na visão do empresário do setor de equipamentos esportivos, produziria em longo prazo um número maior de praticantes adultos e de atletas para a modalidade:

*Eu acredito que quem começou a jogar peteca foi adulto. Muitas vezes aquela renovação naquela época é o que está fazendo falta hoje. Se naquela época, na década de 80, tivesse com crianças de 7, 8, 9 anos jogando, logicamente 10 anos depois estariam com 16, não é, provavelmente você estaria ensinando pessoas de 7, 8, 9, 10 anos. Então, é um processo que deveria ter trabalhado. A cada 10 anos você tem que estar formando. Porque naquela época chegou todo mundo no*

*mesmo patamar, onde foi um número de atletas muito grande. Mas se tivesse implantado naquela época, logicamente poderia estar 10 vezes maior.*

*Eu acho que o trabalho deveria ser feito desde a década de 80. Não só em torneios, mas uma preparação com crianças. Meu ponto de vista é esse. Porque os torneios, muitas vezes estão trazendo as pessoas adultas e talvez os familiares, talvez não seja suficiente. A gente teria que trabalhar com as crianças nas escolas.*

*Você faz o Mineiro, nível excelente, hotel cinco estrelas, você vê alimentação muito boa, você vê jogos que não existiam naquela época. Você vê as quadras hoje com o piso muito mais adequado. Você vê os materiais nos torneios, todos os materiais novos, peteca, rede, pega ladrão. Então houve uma evolução em termos de quadra, de material esportivo, até o próprio jogo. Houve tudo de melhor, só não houve a renovação que poderia ter existido. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

*Como eu te disse, eu vejo hoje como observador. A gente não organiza mais eventos de peteca. Os comentários que a gente escuta de pessoas como o Cichinho, lá do Minas mesmo, 'Ah diminuiu muito o número de pessoas que jogam peteca'. Então, o que a gente vê hoje como observador é que decresceu de jovens. Com isso você não consegue formar a base. A turma que vai parando lá em cima, vai diminuindo o número de praticantes. (Carlos Rogério Zech Coelho, diretor da Panda Promoções e Eventos – 25/6/2010).*

A série de depoimentos revela a complexidade do lazer na cidade e, neste caso, do lazer da cidade. Não é possível dissociar as ações e as práticas cotidianas do contexto urbano das relações entre o Poder Público e a iniciativa privada das relações de mercado que regulam desde a ocupação do solo até a relação entre os atores da cidade e, também, de suas identidades, necessidades e desejos na vida urbana.

### 3.2 O MERCADO DO ESPORTE: TRABALHO, COMPRA E VENDA DE PETECAS

Em diversos estudos, as relações do lazer com o mercado são abordadas, tratando diretamente de temas complexos envolvendo a sociedade de consumo e, conseqüentemente, as relações do indivíduo com a cidade. Conforme observam

Parker (1978), Marcellino (1996), Werneck, Stoppa e Isayama (2001), enquanto para uns uma atividade é lazer, para outros é trabalho.

A difusão da peteca na cidade e pelas cidades não poderia ocorrer se não fosse acompanhada por equipamentos, iniciativas de organização e divulgação, enfim, de pessoas que trabalhassem para o lazer da cidade. Se a peteca estava presente em clubes, parques, residências e condomínios, era necessário um mercado que a comportasse, assim como realizasse seus eventos.

Como dito, a peteca, construída a princípio de materiais encontrados na natureza, passou a ser fabricada artesanalmente de couro ou pelica, com enchimento de pano ou estopa. Diante da fragilidade, o objeto foi reestilizado para suportar sucessivas batidas sem se fragmentar. Com isso, a forma atual da peteca foi uma evolução dessa forma básica proposta a partir da década de 1950.

Existem relatos da sua confecção artesanal (RODRIGUES, 1997, p. 597) por um funcionário do Minas antes do início da produção. O senhor Outorgantino Magalhães Dias (Tote), por muitos considerado o idealizador da peteca moderna, reformava as petecas utilizadas para depois retorná-las ao jogo, aumentando a vida útil do objeto brincante.

*Aí papai ia jogar peteca com um colega dele e a peteca em um instantinho abria. É outro, inclusive um fator que eu vou te contar mais à frente, que papai também teve diferencial. Então o primeiro diferencial do papai foi exatamente o seguinte, ele aproveitou, ele precisava de estar jogando a peteca no sábado, por pra ele... porque papai vivia muito bem socialmente, papai não era uma pessoa formada, ele tinha 4º ano de grupo e começou a trabalhar de garoto, 8 anos de idade. E ele tinha um dom muito fácil que era a sociabilidade, ele era um cara altamente comunicativo. Então, ele... quando ele encontrou uma peteca ele praticamente viu que ali era, já que ele não jogava mais futebol, que era uma modalidade esportiva que ele estaria novamente convivendo com várias pessoas. O que aconteceu? Ele pegou uma peteca lá no Minas, e levou para casa para reformar. Aí é que começou toda a história... (Udmar Michelletti Dias, petequero, filho de Outorgantino Magalhães Dias – 9/5/2009).*

Na década de 1970, num indício de proliferação da modalidade, Belo Horizonte já contava com outras fábricas além da Petote (Petecas Tote), de propriedade do presidente da Federação Mineira de Peteca (FEMPE), para suprir a necessidade dos clubes se estabeleceram a Peturco e a Peteca Toque.

*É, de fato eu já lá nas minhas origens lá no interior de Minas no Vale do Jequitinhonha a gente tinha uma peteca similar a essa aqui. [hum...] Parecida com essa peteca aqui [hum...]. Não é? Um fundo de areia, penas de galinhas, não é?... e então praticava-se essa peteca no fundo de quintal, nas ruas ali a meninada jogando essa peteca...*

*É, eu era criança [hum, hum]. Passa, evidentemente, que aí um bom interstício de tempo para retomar a prática da peteca, aí já na adolescência, ou mais já chegando na fase adulta, já uma peteca que tinha essas características já era uma peteca mais elaborada, você já não tinha o fundo de areia ela não era cheia de areia, está entendendo? Era uma peteca mais macia, era feita de pelica e tal, não é? As penas diferentes essa coisa toda. E acompanhei a busca de um padrão de peteca que chegasse ao atual.*

*Eu jogava aqui em Belo Horizonte a gente jogava em algumas áreas de recreação, inclusive parques, Parque Municipal, em... áreas de recreação, às vezes, em lotes vazios, onde a gente improvisava redes para praticar, e posteriormente em clubes que foram pioneiros na peteca em Belo Horizonte como é o caso do late, como é o caso do Campestre, não é?*

*Então houve sempre uma identificação onde tinha, ou aparecia e a peteca não era fácil de encontrar em Belo Horizonte porque na realidade quem mais fazia ou quem era conhecido ou que era conhecido de todos os petequeiros aqui era exatamente o Outorgantino, o Tote, que tinha uma fabriqueta no fundo de casa. Ele produzia peteca e era uma dificuldade pra comprar peteca do Tote porque ele não produzia em escala e quando fazia peteca em maior número era para atender aos amigos, ao pessoal da roda dele. Como ele era membro do conselho do Cruzeiro, as petecas preferencialmente destinadas ao Cruzeiro, e a gente que era do Atlético [riso], e ele sabia que a gente era do Atlético, porque já naquela época eu já estava jogando peteca no Labareda e eu fui responsável pela introdução da peteca no Labareda. (Inimá Rodrigues de Souza, 68 anos, ex-presidente da FEMPE, petequeiro – 21/12/2008).*

*Quer dizer, começou com uma coincidência, ele levou uma peteca para reformar. E lembro até hoje: ele levou a peteca lá para casa, reformou a 'bichinha' toda, desentortou daqui, desentortou... lavou a peteca. E a partir daí ele foi aprimorando a forma de reformar peteca, e a partir daí ele criou uma fabriquinha de peteca. [...] Se ele fosse aí, aos sessenta e poucos anos, criar uma fábrica realmente industrial de peteca não ia atender o objetivo dele que era lazer e realmente estar vivendo sua vida dentro de uma modalidade esportiva. Da reforma da peteca ele criou essa fábrica. Ele começou a produzir a peteca para levar para jogar com a turma do Minas, olha que coisa mais interessante. Então quando se fala [palavra não audível] da peteca é 'Não deixe a peteca cair' eu acho que o mais interessante é nesse momento quando ele não deixou a peteca cair. Como não tinha ninguém que fabricasse ele começou a fabricar. (Udmar Michelletti Dias, petequeiro, filho de Outorgantino Magalhães Dias – 9/5/2009)*



FIGURA 17 – Fotos das petecas e suas datas aproximadas: peteca de palha de milho (1948), peteca de pelica (1950) e peteca produzida por Tote, provavelmente na década de 1950.

Fonte: Acervo de Cícero Cerqueira Pereira Júnior. Fotos do autor.

Os irmãos gêmeos Lúcio Mário e Mário Lúcio Mesquita, vindos da cidade de Araújos-MG, no final da infância, começaram a trabalhar numa fábrica de peteca ainda adolescentes, conforme relato de Lúcio Mário:

*Nós viemos de família humilde do interior. Aos 14 anos, começamos a trabalhar numa fábrica de peteca, e de lá, com 19 anos nós montamos nossa empresa. A empresa chamava Peturco, peteca do Turco. E lá aprendemos a trabalhar, nós fomos conhecendo, desenvolvendo e a partir daí nós criamos a Pequita. Pequita vem da peteca 'Mesquita'. Originou-se do nome Pequita.*

*Na realidade nós começamos, eu comecei antes, é que meu pai mexia com supermercado. Depois que ele vendeu o supermercado, eu tinha 13 anos, e com 14 anos nós iniciamos a trabalhar com peteca... É, em 1977, nós iniciamos. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

Esses irmãos assumiram a fábrica em 1983 e passaram a produzir maior número de petecas. Como ainda acontece, o processo contava com a utilização de algumas máquinas e, principalmente, com a habilidade humana em juntar as peças e costurá-las para que a peteca ficasse em condições de ser utilizada. Uma máquina, ainda hoje empregada, fazia o corte da borracha da câmara de ar de pneu de carro:

*Inicialmente nós compramos uma máquina. Antigamente a peteca era feita artesanal. Nós compramos uma máquina que chama 'Prensa Excêntrica', fizemos as matrizes, buscamos as penas no sul e como a peteca era feita artesanalmente, então nós fabricávamos com tesouras e outras mais manuais. A gente buscava numa granja que hoje deixou de existir. Chama, na realidade não é bem no sul. É no sul de São Paulo, a 'Granja Barra Azul'. É peru de granja, como se fosse frango branco de granja, peru de granja também. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita – Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

À frente da empresa buscaram o aumento de vendas, pois havia grande procura pela peteca no mercado de Belo Horizonte e em outras cidades<sup>57</sup>:

*Nós começamos a divulgar e a vender em BH e também a gente contratou alguns representantes, onde os representantes colocavam a mercadoria no carro e tiravam os pedidos. Aí a gente despachava via correio ou transportadora e muitas vezes o representante entregava na pronta entrega. Nós passamos a visitar o cliente e o cliente passou a nos conhecer. Logicamente quem procurava por peteca, ia a lojas de esportes, encontrava os nossos produtos e comprava os nossos produtos, a peteca. (Lúcio Mário Mesquita, 14/5/2010 proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010)*

Adalberto Santos, após seu desligamento das atividades da assembléia legislativa começou a trabalhar com a venda de petecas. Inicialmente com a peteca fabricada por Mário Gomes, aliou, em 1986, a prática esportiva com a profissão de vendedor e depois de representante da Pequita. Mário Gomes morava a menos de 100 metros da Campo do Lazer, numa casa de extenso terreno, equipada com quadra de peteca.

*Ao lado do Campo do Lazer tinha uma fábrica de peteca do Mário Gomes, chamava Toque, Peteca Toque, na Bernardo Guimarães, no quarteirão de baixo, do Mário Gomes, chamava Peteca Toque. Ele tinha até uma quadra na casa dele. Era bom jogador de peteca lá do Clube Quinze Veranistas. Eu devo muito ao Mário, porque com essa fábrica de peteca dele... O Mário, ele começou a fabricar peteca para o consumo dele, talvez pela quadra dele e para os amigos dele. Só que na época do Campo do Lazer, eu comecei a pegar algumas petecas com ele para vender. Eu colocava no carro e saía vendendo pelo interior.*

*Aí eu pegava as petecas e o Mário foi aumentando a produção dele. E eu vendia a produção do Mário toda. Ele não dava conta de fabricar para eu vender. Eu saía pelo interior com essas petecas dele e ele foi aumentando a produção. E por mais que ele aumentava, eu vendia as*

---

<sup>57</sup> Não existem registros de produção da peteca brasileira em outros Estados.

*petecas dele por todo o canto. Em Montes Claros, Janaúba, todo lugar... Triângulo [Mineiro] e nisso eu fui implantando a peteca também entendeu. Colocando a peteca, clubes, associações de bairro, lojas, ia vendendo a peteca dele.*

*Vendia fácil, vendia fácil. A peteca, naquela época, tinha muito praticante. No interior, o pessoal foi pegando o gosto pela peteca e eu te falo que tinha rua em Montes Claros, por exemplo, que o pessoal não tinha rede, esticava uma faixa dessas de propaganda na rua, de um poste ao outro, marcava a rua ali e você passava no bairro, tinha cinco, seis quadras na rua fechada com o pessoal jogando peteca. E a peteca... Nisso ela foi engrenando, muito praticante e eu só vendendo peteca. Depois o Mário não deu sequência na fábrica dele... Ele tinha uma condição financeira muito boa. Depois eu acho que ele cansou de fabricar, parou com a produção dele e eu já tinha meus clientes que precisavam da peteca e passou a ser o meu trabalho, minha fonte de renda, porque era como eu ganhava o meu dinheiro [...]. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/06/2010)*

Numa época anterior às facilidades da distribuição atual, as vendas eram feitas diretamente para o cliente.

*Eu vendia uma média de 700 a 1000 petecas por mês nessa época. Que era um número, para quem vendia à pronta entrega, igual eu fazia, que eu pegava, levava e entregava. É totalmente diferente de hoje. Hoje eu não carrego peteca. Eu tiro pedido, hoje a venda é muito maior. Hoje você vende para pessoa jurídica. Antes eu vendia só para pessoa física, sem nota. Cinco ali, dez ali, três ali, uma vez numa rua que eu passava, entendeu. Era um volume alto levando em consideração que era só para pessoa física, era um volume alto. Totalmente diferente do que é hoje. Hoje você vende para pessoa jurídica, compra uma caixa fechada. Naquela época ninguém comprava caixa e só vendia para associação de bairro, pessoas físicas mesmo, armazéns, nem loja grande não era, porque loja queria nota. Eu não tinha nota. Vendia a varejinho mesmo. Eu não era representante da Toque. Eu pegava a produção dele todinha, colocava no carro, colocava um preço em cima e vendia no interior, entendeu. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010)*

As vendas realizadas pelo interior de Minas passaram a ser feitas em outros estados com vendas crescentes:

*[...] aí eu passei a pegar as petecas da Pequita. E nisso eu iniciei na Pequita. Depois eu peguei as petecas da Pequita e depois eu passei a ser representante da Pequita, a vender todos os produtos da Pequita. É o que eu faço hoje. Hoje eu sou promotor de vendas da Pequita. Eu vendo os produtos da Pequita, onde eu viajo e faço todo o interior de Minas, Brasília, Distrito Federal, agora Rio de Janeiro. Estou sempre na estrada com produto deles. É o produto que eu vendo hoje. (Adalberto Conceição Santos, petequero – 15/6/2010)*



FIGURA 18 – Foto da casa de Mário Gomes, onde eram produzidas as petecas Toque, a um quarteirão do extinto Campo do Lazer. A seta da primeira foto indica a área de lazer ao fundo da casa com quadra peteca e piscina na década de 1990. É possível identificar outras quadras de peteca no mesmo quarteirão.

Fonte: Foto de foto cedida pelo Colégio Santo Agostinho.

A seta da segunda foto indica a construção de um prédio residencial no mesmo local, em 2010. À esquerda da foto é possível identificar uma das entradas do *shopping*.

Fotos do autor.

Lúcio Mário não possui registro das vendas realizadas nas décadas de 1980 e 1990. Ele estima que elas se aproximavam de 10 mil petecas por mês na década de 1980 e que atingiram a marca de 18 mil petecas na década seguinte:

*Quando eu comecei a fabricar peteca, a peteca era uma febre. Qualquer lugar que eu fosse com uma caixa de peteca, 100 petecas, 200 petecas... Até o número de pedidos de peteca daquela época... Você tinha pedido de 5 mil petecas. Hoje o pedido grande que tem aí é de 500 petecas. Na década de... A de 5 mil foi uma loja de esportes, foi a Loja Ranieri. Você vê o número de petequeros que ia buscar peteca. Que existia um grande número de petequeros. Eles não procuravam a fábrica direto. Eles procuravam a loja de esportes. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos –14/05/2010).*

As vendas da última década do século XX foram as maiores de sua empresa. A partir de 2000, o fabricante relata que houve evolução na produção da peteca, tornando-a mais estável e resistente. O desgaste da peteca foi reduzido e

ela passou a suportar um número maior de partidas. A versão apresentada pelo entrevistado no que concerne à diminuição das vendas é de que a redução de prática, e com isso de consumo, deveu-se à interrupção dos praticantes mais velhos, às lesões provocadas pelo jogo e à falta de incentivo às gerações mais novas:

*Eu acho que o jogo de peteca se tornou mais dinâmico. Acho que peteca dura mais, ela é mais duradoura, o fato dela ter produtos melhores melhorou da década de 80 para cá. Nós não perdemos, ela houve uma melhora no desgaste. Nós começamos a vender menos. Não foi pelo fato, que a mudança da regra passou para o ataque. Eu acho que isso não influenciou não. Eu acho que a influência foi a própria peteca. Teve uma febre da peteca, não é. Depois as pessoas foram envelhecendo, outras machucando. Eu acho que poderia ter havido uma renovação de crianças, para hoje estar no pico [...].*

*[...] Houve evolução na peteca também. Antigamente, as penas eram piores, há um suporte que prende a pena na peteca, também era de rolha. A borracha, a borracha era a mesma, mas muitas vezes ela danificava mais rápido. Hoje a peteca dura mais.*

*Antigamente na gente usava uma alça mais fina. Hoje é uma alça mais grossa. O suporte que nós fizemos protege bem a parte da base da peteca, coisa que no passado não protegia, não é. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

De acordo com as fontes orais e com o que foi exposto até aqui, é possível que todos esses fatores tenham influenciado para a queda no consumo. Diante das informações obtidas pode-se afirmar que houve uma desaceleração da prática com o término da realização dos eventos de participação popular, o que, somado aos fatores já mencionados, compõem uma série de motivos que justificam essa atual situação da modalidade.

Ainda abordando a questão tecnológica, apesar da queda de vendas, o entrevistado valorizou a realização dos eventos realizados atualmente numa comparação com os do passado.

*É, mas hoje só se fabrica 8.000 petecas. Além dos eventos terem valorizado muito, os eventos muito organizados, a peteca é muito mais bem divulgada do que no passado. Houve uma queda no esporte na década de 2.000 para cá.*

*Apesar de quê teve uma evolução. Vê que hoje os jogos de peteca, tanto no feminino como no masculino, o jogo é totalmente ataque, um jogo de mando, é um jogo que dá gosto ver. No passado, o pessoal passava muito a peteca. Hoje quem vê o jogo da peteca, 'puxa, não imaginava que fosse dessa forma'. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

A valorização atual a que se refere o entrevistado está relacionada com as questões de distribuição do objeto da peteca. Está mais acessível sua compra, até mesmo via eletrônica. O foco volta-se para a expressão utilizada ao término da fala: *não imaginava que fosse dessa forma*. O mineiro, acostumado com a peteca de lazer, sequer conhece as regras, o sistema de jogo e de contagem da peteca de rendimento.

*[...] eu como promotor de venda, já tenho meus clientes. Muitos pedidos são feitos direto. Eles ligam direto para a fábrica. Então eles ligam direto e eu vejo a venda e normalmente eu não olho os itens, se foi rede, se foi peteca, você entendeu? Isso teria que fazer um levantamento. Eu não tenho como te responder essa pergunta não. Eu vendo, como sou o único representante, a produção toda. Não digo toda porque tem muito cliente lá que eu não visito em outros estados, que não são clientes meus.*

*Porque, o que acontece, veja bem, meu trabalho é o seguinte: meu trabalho é divulgar e vender o meu produto, no caso, a Pequita. Então a partir do momento que eu abri, eu volto neles, eu estou sempre dando assistência para ele, mas se uma hora ele precisar e ligar direto, como foi um cliente que eu abri, eu ganho comissão, entendeu?*

*Então eu não sei te especificar a quantidade de peteca. Teria que fazer um levantamento. Não sei ao certo. (Adalberto Conceição Santos, 15/06/2010, petequeiro)*

Da mesma forma, a peteca de rendimento, provavelmente, tem pouco impacto no consumo da peteca objeto, uma vez que o volume de praticantes da elite é limitado. Aparentemente a maior demanda provém da peteca praticada cotidianamente no Estado, em outros Estados brasileiros e das exportações atuais.

*Nós temos por volta de 3000 clubes no Brasil, 3000, mas aí vai entrar quadras particulares, entra clubes, aí onde se joga peteca. Mas deve estar por volta aí de 2000 clubes. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).*

A atuação de empresas relacionadas com o lazer não fica restrita a produzir e comercializar um específico produto. O mercado do lazer absorve grande contingente de trabalhadores em todas as suas instâncias e movimentando grandes cifras. No caso da empresa do entrevistado, houve diversificação na produção de produtos esportivos tendo como ponto de partida a peteca, que hoje é produzida em diferentes formatos.

*De lá para cá, além de fabricar peteca, nós fabricamos produtos vinculados à peteca, que seriam as redes esportivas, os postes para peteca, a peteca padrão, blusas e acessórios. Depois disso, nós viemos também com complemento da linha, houve procura de outros esportes, nós desenvolvemos produtos para todas as modalidades esportivas. Mas ela significa muito para a minha empresa ainda. Apesar dela ter caído no faturamento da minha empresa, 33% se dá ao esporte peteca. (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/05/2010).*

Nas últimas décadas, a peteca rompeu fronteiras e passou a ser praticada em 11 países das Américas e da Europa<sup>58</sup>, com destaque para a França, que realiza torneios com a participação de jogadores brasileiros convidados.

O entrevistado destaca o desenvolvimento comercial da economia globalizada na qual a mídia atua de forma facilitadora na divulgação de produtos. O lazer figura então como um componente da economia com parcela de contribuição no mercado regional, nacional e internacional, atuando na divulgação, produção, comercialização de bens e serviços.

*É, eu já exporto peteca há treze ou quatorze anos. Na realidade a 1ª exportação foi em 1995. Exportei para o Líbano. Nós fabricamos aquela peteca diferente, um modelo mais usado em praia, mas nada impede de ser jogado em outro local. Nós vendemos 5 mil petecas para lá. Daí passamos a divulgar a peteca no exterior, não é. Aí nós passamos a vender para a Itália, Espanha, Portugal, México, Canadá, Estados Unidos, Suécia, França, meu principal cliente é a França. Eu já cheguei a mandar 16 mil petecas no ano retrasado para a França. Mas o*

---

<sup>58</sup> França, Espanha, Itália, Portugal, Alemanha, Canadá, Colômbia, Bolívia, Estados Unidos, Inglaterra, Líbano. (Informação de Lúcio Mário Mesquita, fabricante de Peteca, proprietário da Pequita Produtos Esportivos)

*consumo médio é de 10 mil petecas anuais.* (Lúcio Mário Mesquita, proprietário da Pequita Produtos Esportivos – 14/5/2010).

A difusão da peteca fez crescer a necessidade de pessoas qualificadas para conduzir os jogos em torneios e campeonatos. O Campeonato Mineiro era mais disputado que o Brasileiro, porque difundia o esporte por Minas Gerais. Com isso foram realizados cursos de arbitragem em diferentes cidades do Estado.

Nós demos algum curso para ele no interior. Divinópolis, Lavras, Curvelo, vários cursos, não é, que ele promoveu, então eu organizava para ele<sup>59</sup>.

*Média de trinta. Trinta árbitros. Então isso deu para formar, eu lembro na época, cento e vinte pessoas. Alguns continuam e outros pararam, mas tem... nessas regiões. Uberlândia, nós fomos também. Até que, foi quando a Itaú começou lá com a gente. A peteca ainda não era esse mundo que é. Hoje não, hoje lá é a Meca da peteca. Hoje lá se pratica mais peteca. Lá eles respiram peteca [risos]. Bom demais lá. E o apoio. Você chega lá, falou que é petequero, você é muito bem recebido.* (João Batista da Silva Coutinho, funcionário aposentado da SMES, petequero – 24/5/2010).

O desenvolvimento regional do esporte deu-se pela extensão de domínios da capital, influenciando modos de vida nas cidades. Ao mesmo tempo, concretizava-se o incentivo pela realização dos campeonatos mineiros promovidos pela FEMPE nas cidades consideradas polos regionais do Estado.

---

<sup>59</sup> O entrevistado se refere a Inimá Rodrigues quando era presidente da FEMPE, na década de 1990.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperar a memória da peteca é recuperar histórias e marcas deixadas pela vivência do lazer em um tempo histórico recente. Apesar de o recorte representar 14 anos de história da modalidade, os eventos anteriores foram determinantes para sua elucidação, uma vez que formaram um conjunto de encontros: uma expressão de lazer nascida na cidade, um espaço físico da cidade que a abrigou e a própria cidade entre suas contradições, facilidades e complexidades da vida urbana.

Não tive a pretensão de esgotar o assunto ou abordar todos os aspectos da história da peteca, mas reconstruir parte da sua história para trazer à discussão, por meio da História Oral, questões referentes à memória e à identidade da peteca e sobre um espaço urbano apropriado por uma comunidade de praticantes, portanto, transformado em espaço social significativa para a modalidade.

A escassez de referências escritas sobre a história da peteca me levou a indagar questões da sua constituição que, acredito, tenham clareado o caminho percorrido pela modalidade em busca de consolidação como expressão de lazer ou como esporte de rendimento.

Ao finalizar este trabalho, considero que o exercício de escuta e de investimento na investigação das narrativas possibilitaram a organização de informações sobre uma específica expressão de lazer, mas também revelaram demandas comunitárias voltadas para a busca de espaços na cidade de significação social e para o consumo da cidade como direito pleno.

As histórias contadas pelo grupo de petequeros entrevistados constituem impressões, interpretações individuais da realidade a partir de um tema e foram organizadas para a construção deste trabalho. Ao mesmo tempo foram capazes de reconstituir a memória coletiva da peteca por meio dos relatos de interações,

de amizades, de tensões e disputas e de relacionamento com o espaço urbano de Belo Horizonte.

Muitas histórias de vida se confundem – ou ainda se fundem – com a prática do esporte, numa evidência da sua presença marcante no lazer urbano. É essa memória coletiva registrada que pode servir como instrumento de reflexão para o lazer de Belo Horizonte, bem como fonte de informações para futuras pesquisas. As entrevistas adquiriram a condição de documento e o registro delas exprime uma versão do passado abordando temas diversos.

A pesquisa em História Oral demonstra ser, sobretudo, uma possibilidade de registro de memórias de acontecimentos significativos sobre temas complexos, políticos, como também do passado cotidiano de lutas, conquistas, contradições e perdas. No caso da história recente da peteca, histórias de quem viveu aquele momento histórico com olhares diferentes, segundo profissões, ciclos de vida, envolvimento com a modalidade, ordenados pelo que cada entrevistado pôde lembrar.

Em busca de conclusões específicas e transitórias sobre a peteca como expressão cultural de lazer na dinâmica urbana, destaco a complexidade do seu relacionamento com a cultura. Tendo vivido uma fase de brinquedo popular, foi transformado pelas elites, para depois retornar para o povo com novos significados e com novos valores incorporados pela cidade e seus usos. Sua difusão como prática elitista encontrou, na peculiar dinâmica urbana de Belo Horizonte, o retorno para popular por meio do Campo do Lazer.

Como esporte, pelos relatos constatou-se seu fortalecimento como expressão de lazer: sua pouca organização, o reduzido controle e o relativo profissionalismo de seus órgãos normativos, sua não dominância pela cultura do treinamento esportivo e sua não incorporação ao sistema escolar como esporte. Dessa forma, pode-se afirmar que a peteca é uma prática corporal ainda não domesticada pela cultura do movimento e de todo o seu aparato científico.

A pouca regulamentação e sistematização da modalidade pode ter contribuído para a conservação das suas características lúdicas, que, por sua vez,

estimularam os relatos de aproximação, amizades e companheirismo na modalidade.

Por meio dos relatos foram evidenciadas as experiências bem-sucedidas entre o Poder Público e as iniciativas privadas relacionadas com a promoção do esporte na cidade. Entretanto, fica a crítica quanto à dependência do esporte, em todas as suas manifestações, de investimento exclusivo da iniciativa privada, mediante a falta de políticas públicas específicas para o lazer na cidade.

Em relação ao mercado esportivo, o consumo discreto e marginal da peteca, aparentemente, limitou seu desenvolvimento e tornou mais lenta sua expansão para outros territórios. Como produto, despertou o interesse da mídia por meio de eventos capazes de mobilizar grandes quantidades de público quando foram realizados. A construção de quadras de peteca em prédios, condomínios, casas e clubes de Belo Horizonte e no interior foram significativas para o desenvolvimento do esporte em solo mineiro.

Apesar de ser uma prática popular antiga, a peteca é considerada uma modalidade esportiva recente desde a sua oficialização em 1985, que, com todas as suas modificações, conserva a característica de promover o encontro de pessoas, de celebrar amizades e estabelecer identidades na cidade.

## REFERÊNCIAS

A PETECA toma conta de Belo Horizonte. *Revista Veja*, São Paulo, n. 784, p. 81, 14 set. 1983.

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, V. *Ouvir contar*: textos em história oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

ANDRADE, C. D. Triste horizonte. In: \_\_\_\_\_. *Discurso da primavera e alguns sonhos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. JORNAL ESTADO DE MINAS. Área era destinada ao Paço Municipal. Seção Descobrimo a Cidade. Belo Horizonte, (s/d).

BARBOSA. Rui Carlos. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

BEAUMORD, Vera Lúcia. Belo Horizonte, 2009 CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010. Entrevista concedida a Ana Paula Guimarães e a Renato Machado dos Santos.

BELO HORIZONTE. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. *Planta cadastral da cidade de Belo Horizonte*. Montagem em Eucatex, 1942.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *IQVU 1994-variável esportes*. Belo Horizonte, 1994. SMP/PBH/DITSMPI.

BLOCH, M. *Apologia da história ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, Aloísio. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CHACHAM, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas: a Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996. p. 183-237.

COELHO, Carlos Rogério Zech. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Goiânia, out. 1997. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10. *Anais...*, Goiânia, out. 1997. v. III.

COUTINHO, João Batista da Silva. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

CUNHA, A. G. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

DAIUTO, M. *Pequenos esportes*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1961.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: uma sociologia do dilema brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DIAS, Udmir Michelletti. Belo Horizonte. Centro de Memória do Esporte e do Lazer/EEFFTO/UFMG, 2010. Entrevista concedida a Ana Paula Guimarães e Renato Machado dos Santos. (Depoimento em 2009)

FERREIRA. A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES. C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES. C. L. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. *Revista Itinerarium*, v. 1, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium>. Acesso em 4 out. 2009.

GONZÁLEZ, F. J. Esportivização. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER. P. E. (Org.) *Dicionário crítico de educação física*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 170-174.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HOBBSAWM, E. *Sobre história*. São Paulo: Campanha das Letras, 1998.

JULIÃO, L. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1992.

JULIÃO, L. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996. p. 49-118.

INAUGURAÇÃO do Estádio de Lourdes. *Revista Grandes Clubes Brasileiros:- Atlético*, Guanabara, n. 3, p. 74- 76, 1971.

LEFÈBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEFÈBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.

LOYOLA, H. *Pequenos esportes*. São Paulo: Cia Brasil Editora, [s.d.].

MACHADO, C. G. *Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MACHADO, L. M. *Lourdes. Belo Horizonte: conceito: a cidade de cada um*. Coleção BH, 2008.

MAGNANI, J. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J. C. *Lazer: Um campo interdisciplinar de pesquisa*. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, 2000a. p. 19-33.

MAGNANI, J. C. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000b.

MAGNANI, J. C. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, J. C.; TORRES, L. L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 15-53.

MARCELLINO, N. C. *A cidade como espaço de lazer*. In: MARCELLINO, N. C. *et al. Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana*. Curitiba; Opus, 2007. p 15-28.

MARCELLINO, N. C. Espaço urbano e transversalidade. In: CARVALHO, J. E. (Org.). *Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias*. Curitiba: Champagnat, 2006. p.71-79.

MARCHI JUNIOR, W. *Sacando o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*. 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

MEIRELLES, R. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MEIRELLES, R. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MELO, V. A. *Lazer, cidade, comunidade*. Brasília: Unisesi, 2005.

MESQUITA, Lúcio Mário. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIRANDA, Maria Beatriz Hauck Magalhães. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

MONTE-MÓR, R. L. *O que é o urbano, no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG; Cedeplar, 2006. 14p.

MONTE-MÓR, R. L.; PAULA, J. A. *Formação histórica: três momentos da história de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Cedeplar Face; UFMG, 2007.

NEVES, O. R. *Faria tudo novamente*. Belo Horizonte: Escritório de Histórias, 2007.

O JOGO da peteca: pratiquemos um esporte que é genuinamente brasileiro. *Revista Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 39, 1937.

OLIVEIRA, Edson Rodrigues de. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

PADILHA, V. A indústria cultural e a indústria do lazer: uma abordagem crítica da cultura e do lazer nas sociedades capitalistas globalizadas. In: MULLER, A.; COSTA, L. (Org.). *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 109-131.

PARKER, S. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA JÚNIOR, C. *Peteca: esporte ou recreação?* 2. ed. Ouro Preto: MEE/INDESP, 1996.

PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO. S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

PESAVENTO. S. J. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: NUEVO MUNDO MUNDOS NUEVOS. Coloquios, 2004. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index229.html>. Acesso em 23 ago. 2009.

PETECA em expansão: oficializada como esporte, a peteca ganha adeptos. *Revista Afinal*, p. 45, 1º de out. 1985.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Disponível em [portalpbh.pbh.gov.br/](http://portalpbh.pbh.gov.br/). Acesso em: 29 ago. 2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Revista *SMES*, Belo Horizonte, [s.n.], 36 p. 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Boletim *SMES*, Belo Horizonte, [s.n.], 54 p. 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO BRILHANTE. *Ofício n. 06/86*. Solicitação, 1985, Rio Brilhante-MS.

RODRIGUES, M. A. *Constituição do sentido moderno de esporte: pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

RODRIGUES, M. A. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RODRIGUES, M. A. *Lazer em Belo Horizonte-MG*. In: COSTA, Lamartine da (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Confef, 2006.

RODRIGUES, M. A. *Trilhas históricas da peteca mineira*. In: ENAREL, 9. A diversidade cultural no lazer-Coletânea. 1997, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte:Centro de Estudos do Lazer e Recreação,1997. p. 593-606.

ROSSI, V. S.; ZAMBONI, E. (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas: Alínea, 2005.

SALLES, J. G.; MOTTA, I.; PEREIRA JÚNIOR, C. Peteca. In: COSTA, Lamartine da (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Confef, 2006.

SANTOS, Adalberto Conceição Santos. Belo Horizonte, 2010. Gravação digital. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos.

SARLO, B. *Cenas da Vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

SENNET, R. La ville à vue d'oeil. Paris : Plon, 1992, *apud* PESAVENTO. S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

SILVA, L. R. *Doce dossiê de BH*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1992.

SILVA. K. V.; SILVA. M. H. Dicionário de conceitos históricos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 202-205.

SIQUEIRA, M; FARIA, M. A. *Belo Horizonte: o fértil solo humano*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

SOUZA, Inimá Rodrigues de. Belo Horizonte. Centro de Memória do Esporte e do Lazer/EEFFTO/UFMG, 2010. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos, Ana Paula Guimarães Almeida e Gabriela Fischer. (Depoimento em 2008).

SOUZA, Inimá Rodrigues de. Uberlândia. Centro de Memória do Esporte e do Lazer/EEFFTO/UFMG, 2010. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos (Depoimento em 2009).

TÁVOLA, A. *Arte de ser*. Rio de Janeiro: Consultor, 1994.

TEIXEIRA, Carlos Rogério. Belo Horizonte. Centro de Memória do Esporte e do Lazer/EEFFTO/UFMG, 2010. Entrevista concedida a Renato Machado dos Santos. Depoimento em 2009.

TEIXEIRA, J. G.; SOUZA, J. M. Espaço e sociedade da Grande BH. In: MENDONÇA, J. G.; GODINHO, M. H. (Org.). *População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO G. Estilo de vida urbano e modernidade. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16 p. 227-234, 1995.

VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 33-41.

WERNECK, C. L.; ISAYAMA, H. F. Lazer, cultura, indústria cultural e consumo. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. STOPPA, E. *Lazer e mercado*. Campinas: Papirus, 2001.

WERNECK, H. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores de Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

## JORNAIS

ALÇAPÕES que deixam saudade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1. ago. 2007, Caderno Esportes, p. 34.

BOA Forma atrai turistas. *O Petequeiro*, Belo Horizonte, ano 1, n. 0, p. 6, set. 1984.

CAMPO do Lazer tem nome de princesa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 22, 13 mar. 1991.

DEMOLIÇÃO do Campo do Atlético vai apagar 68 anos de história. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 29 abr. 1994, Caderno Minas, p. 14.

ESTÁDIO teve inauguração solene em maio de 1929. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 30, 13 mar. 1994.

PARQUE começa a sair do papel. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 set. 1999, Caderno Urbanismo, p. 30.

## DECRETOS

BRASIL. Resolução CND n. 15/85, 30 de outubro de 1985. Reconhece a peteca como modalidade esportiva e dá outras providências. *Diário Oficial*, Brasília, seção 1, 15825, 30 out. 1985.

MINAS GERAIS. Apelação n. 63.312 – Deram provimento à primeira apelação e negaram provimento à segunda. O relator é vogal, ao passo que o revisor desprovia a primeira e provia a segunda. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 ago. 1984.

MINAS GERAIS. Decreto n. 1.918, de 6 de novembro de 1970. Declara de utilidade pública o quarteirão 13 da 9ª Seção Urbana e contém outras disposições. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 21, 7 nov. 1970.

MINAS GERAIS. Decreto n. 5.955, de 10 de junho de 1988. Dá denominação de Princesa Isabel ao Campo do Lazer, localizado na Av. Olegário Maciel. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 jun. 1988.

MINAS GERAIS. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Lei n. 4.449, de 7 de maio de 1986. Institui o Dia Municipal da Peteca. Belo Horizonte, 7 maio 1986.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

## Linha do tempo do campo do lazer e da peteca

*Linha do tempo do espaço de Lourdes*

1929 – Inauguração do Estádio Presidente Antônio Carlos com o jogo Atlético (4) e Corinthians (2), em 30 de maio, após 3 anos de construção em terreno trocado com a PBH. O terreno original situa-se na Av. Augusto de Lima, onde está hoje o Centro de Convenções Minas Centro.

Presidente do CAM – Leandro de Moura Costa.

1933 – Inauguração da iluminação noturna.

1935 – 1º jogo internacional entre Atlético (3) e Vitória de Setubal de Portugal (1).

1946 – 1º de agosto: Atlético e Cruzeiro se tornam proprietários através do recebimento das escrituras de doação pela prefeitura.

Década de 1950 – Início da decadência com a inauguração do Estádio Independência.

1965 – Inauguração do Mineirão. Intensificação da decadência.

1970 – Desapropriação pela PBH em 6/11/1970 – valor: CR\$ 3.440 milhões.

1974 – Área foi escolhida para nova sede da Prefeitura.

1978 – O clube passa a reivindicar a reincorporação do estádio ao seu patrimônio.

1980 – Inauguração do Campo do Lazer.

1981 – Realização da Copa Bamerindus de Peteca

1983 – Criação da SMES e realização da 3ª Copa Itaú de Peteca.

1984 – 10 de agosto: anulação da desapropriação pela 3ª Câmara Cível do TJ.

1988 – Batizado como campo do Lazer Princesa Isabel. Decreto n. 5.955 em 10/6/88, por ocasião do centenário da abolição da escravatura no Brasil. Prefeito Sergio Ferrara.

1991 – Realização da última Copa Itaú de Peteca no Campo do Lazer.

1993 – Revogação da desapropriação do Estádio Antônio Carlos.

1994 – Início da demolição final.

#### *Linha do tempo peteca*

1500 – Chegada dos portugueses ao Brasil. Índios jogavam peteca. Brinquedo de hábitos recreativos dos indígenas brasileiros.

#### *Linha do tempo peteca – Rio de Janeiro (1920-1940)*

1920 – Olimpíada de Antuérpia. Nadadores cariocas jogavam peteca na Vila Olímpica em momentos de lazer entre as competições.

Invenção do jogo parecido com o vôlei e o Tênis, com 5 jogadores, quadra de 43 m x 10 m e redes de 1 m de altura separadas por uma zona neutra de 3 m.

1932 – Peteca de salão com 6 jogadores e quadra de 18 m x 9 m. João Perrenoud Teixeira de Souza (RJ).

1936 – introdução do jogo na Alemanha por Karlhans Khron, após visita ao Rio de Janeiro, batizado como “Indiaca”.

#### *Linha do tempo peteca – Belo Horizonte (1940-1980)*

Início dos anos 40 – Praticada por remadores no late Golf Clube. Quadra de 15 m x 7,5 m, rede de vôlei e piso de cerâmica. Remador incentivador: Enéas Nóbrega de Assis Fonseca.

1954 – Rompimento da barragem da Pampulha. Migração dos jogadores para o MTC dando impulso à difusão do esporte em clubes.

Início dos anos 70 – Criação da FECEMG.

1975 – Criação da FEMPE – Outorgantino Magalhães Dias (Tote) em 14 de junho de 1975.

1975 – Livro: peteca: esporte ou recreação? De Cícero Cerqueira Pereira Júnior, reeditado em 1996 pelo Indesp.

1977 – O Conselho Nacional de Desportos-CND, por meio do Decreto n. 80.228, considera a peteca uma atividade física genuinamente brasileira.

1978 – O Mobral edita o livreto Vamos jogar Peteca, elaborado por técnicos do centro Cultural e do Grupo Executivo da Campanha Esporte para Todos – GECET, do Ministério da Educação – supervisão da Prof<sup>a</sup>. Maria Luiza Gonçalves Cavalcanti. Posteriormente, a Secretaria de Educação Física e Desporto do MEC colaborou com a divulgação do esporte em todo o território brasileiro via Campanha Esporte para Todos.

#### *Linha do tempo peteca – Belo Horizonte (1980-1990)*

1985 – Oficialização como esporte pelo CND, em 27 de agosto de 1985, deliberação 15/85.

1986 – Em 1º de abril, a CBDT nomeou o esportista Walter José dos Santos para dirigir o Departamento de Peteca, bem como codificar as regras e regulamentos. Neste mesmo ano, em 6 de novembro, realiza-se em Belo Horizonte-MG a primeira reunião especialmente convocada para o estudo de providências, na qual estiveram presentes representantes de várias entidades incentivadoras da modalidade: Outorgantino Magalhães Dias (FEMPE), Walter José dos Santos (CBDT), Waldemar Aluysio Pereira (AABB), José Ely Rasuck (Minas Tennis Clube), Eneid das Graças de Souza (ACM), Marcílio Menezes (Cruzeiro E. Clube) entre outros.

1986 – Lei n. 4.449, de 7/5/86. Institui o “Dia Municipal da Peteca”, a ser comemorado no 2º sábado do mês de junho. Neste ano dia 14 de junho.

1987 – 1º Campeonato Brasileiro de Peteca em Belo Horizonte, realizado no PIC em 31/7, 1º e 2/8/87.

#### *Linha do tempo peteca – Belo Horizonte (1990-2000)*

1990 – Data estimada: criação das regras de ataque (vantagem) com 20 pontos, 20 minutos de jogo e rally de 1 minuto.

1991 – Realização do 1º Campeonato Brasileiro de Interclubes de Seleções Estaduais.

1992 – Realização da Copa Itaú de Peteca no Parque das Mangabeiras.

1993 – 1ª Copa Itaú de Peteca de Uberlândia, organizada pelo Praia Clube.

1994 – As copas de peteca passam a ser realizadas em estacionamentos de *shopping centers* com outros patrocinadores.

1994 – O Campeonato Mineiro de 1994, promovido pela Federação Mineira de Peteca – FEMPE, reuniu cerca de 1.200 atletas, representantes de 48 cidades. Os Jogos do Interior de Minas também demonstram a expansão da peteca no Estado.

1996 – A peteca passa a fazer parte do programa dos Jogos Universitários Brasileiros – JUBs, realizado em Florianópolis-SC.

1997 – Realização da Liga Brasileira de Peteca com jogos em Belo Horizonte, São Paulo, Goiânia e Brasília.

1999 – Realização da última copa de participação popular no estacionamento do Minas Shopping.

2000 – Criação da Confederação Brasileira de Peteca (CBP).

## ANEXO 2

## Entrevista com Adalberto Conceição Santos

RS – Marrom, para a gente poder começar essa entrevista, eu queria lhe perguntar o que é ser um petequeiro?

*AS – Ser um petequeiro é ter uma atividade física com prazer, é você escolher um esporte e praticar em nível de competição. É petequeiro. Petequeiro é aquele que pratica a peteca em nível de competição. Agora, eu diria que a peteca se divide em recreação e competição e petequeiro, eu acho que é aquele que pratica a peteca em nível de competição.*

RS – E como você define aquele que pratica a peteca como lazer? Aquele que tem o seu grupo, que vai ao clube ao final de semana jogar peteca, mesmo que ele não participe de competições?

*AS – Jogador de peteca, não é petequeiro. Ele entra para brincar, para... justamente o que eu faço hoje. Hoje eu sou um jogador de peteca porque eu pratico a peteca em nível de recreação.*

RS – Qual é a importância da peteca na sua vida?

*AS – A peteca é minha atividade física, é onde eu fiz os meus melhores amigos. e eu diria mais que... eu brinco com os caras que eu falo assim com eles. A peteca é a minha profissão, eu vendo, eu trabalho com a peteca. Além de ter a parte da recreação, você sabe, eu sou representante da Pequita. A peteca é meu dia a dia, faz parte da minha recreação, do meu trabalho e tudo.*

RS – Como foi a sua aproximação com a peteca? E com o trabalho através da peteca?

*AS – Bom, a peteca eu iniciei em 1973 com os engenheiros, lá em Monte Claros. Os engenheiros da Coteminas foram para Montes claros e levaram a peteca.*

RS – Você é de lá?

*AS – Sou de lá e eu via a peteca como um jogador de futebol sempre via. Com um pé atrás e outros na frente, achando que aquilo era uma coisa... você entendeu. Meio estranho para um homem praticar. Aí um dia não deu quorum no futebol, eu entrei numa quadra para jogar peteca e nunca mais voltei para o futebol.*

RS – Olha só...

*AS – Iniciei e nessa aí se vão 37 anos.*

RS – Trinta e sete anos jogando peteca e você começou jogando em Montes Claros... Quanto anos você tinha?

AS – *Tinha 73. Tinha 19 anos quando iniciei. Aí fiquei em Montes Claros jogando lá com o pessoal e em 1980 eu vim para BH. Aqui chegando, sem acesso a clube nenhum, não era sócio de clube nenhum, fui para o Campo do Lazer em 1980. Foi justamente quando o Campo do Lazer iniciou. Eu fui um dos primeiros lá naquele lugar.*

RS – É mesmo?

AS – *É, aí cheguei no Campo do Lazer. Eu já tinha um nível técnico bom. Eu achava que era um bom jogador, mas quando eu cheguei aqui eu vi que eu não jogava nada...*

RS – É mesmo...

AS – *É... Era um passador de peteca. É diferente você jogar e passar, não é Renato. Na hora que a peteca sai de lá você já sabe o que vai fazer com ela. E o passador não, a peteca vem, ele dá um tapa e fica torcendo para ela ir dentro. É totalmente diferente, existe o jogador e o passador de peteca. Aí cheguei e fui lá ao Campo do Lazer, que apesar de um lugar de portão aberto, tinha excelentes jogadores. Pessoal que era sócio de clubes, mas que tinha o Campo do Lazer como o local da peteca. Era o local que não tinha controle de portaria, era aberto, mas muito bem frequentado. Pessoal que era sócio de vários clubes e até o Minas, que por sinal era ali do lado e que fazia a opção de ir para o Campo do Lazer, por causa do nível técnico, do ambiente. E nessa aí eu iniciei aqui em Belo Horizonte.*

RS – E você jogava dia de semana e fim de semana?

AS – *É, jogava na época dia de semana e aos finais de semana também.*

RS – Conte-me um pouco disso aí, em dia de semana, que horário você ia?

AS – *No Campo do Lazer é o seguinte: quando eu cheguei em BH, eu vim trabalhar com um deputado aqui, que era de Montes Claros. Aí eu fui para a Assembleia (Legislativa) e era ali perto. Então eu fazia o meu horário que dava para eu ir brincar uma peteca lá no Campo do Lazer. Eu jogava durante a semana nos horários que eu podia e final de semana era o dia inteiro. Sábado e domingo eu ia para lá e ficava lá o dia inteiro brincando com a turma. Não tinha um bebedouro, a higiene do banheiro era mínima. Tinha um tanque lá com água, mas era onde a gente queria... era onde a gente gostava de ir. Era o Campo do Lazer. Era uma época boa, eu tenho saudade daquela época lá.*

RS – Mas o que valia a pena lá então, já que as condições eram básicas?

AS – *Era a turma, os amigos, a resenha durante e após os jogos, as brincadeiras, o ambiente. Não a infraestrutura, porque a infraestrutura era fraca, porque aquele pessoal de rua, eles iam para lá tomar banho. Eles utilizavam o Campo do Lazer como um...*

RS – Um apoio...

AS – *É, como um apoio, então eles faziam parte daquele ambiente também. Alguns queriam e entravam na quadra para jogar peteca descalços, outros iam só para assistir. Mas como era um ambiente que pertencia a todos, era uma farra só. Não incomodava não. Na época a gente nem percebia. Esse lado não interferia em nada no que a gente queria. Condições de higiene, isso sempre foi ruim, mas a gente tinha maior prazer em ir para lá.*

RS – Aí você jogou lá, foi conhecendo o pessoal, achou que jogava...

AS – *É, achei que jogava. Logo depois o deputado que eu trabalhava com ele perdeu a eleição. Eu era do recrutamento amplo, era funcionário dele, da equipe dele, ele perdeu a eleição e eu perdi o meu emprego. Aí foi quando apareceu em 1982 o Parque das Mangabeiras. E lá tinha várias quadras de peteca, o que eles fizeram? Pegaram, recrutaram aquele pessoal do Campo do Lazer que tinha um nível técnico bom para ser monitor lá no Mangabeiras. Fui eu, o Porcão, o Serginho, o Gilson Skaskauskas. Em 1982, na inauguração do Parque das Mangabeiras, nós fomos todos lá para cima (escrever sobre a posição geográfica de serviços, ônibus e acesso ao parque) e lá ficamos até cada um engrenar na sua vida.*

RS – Certo. Então você trabalhava no Parque das Mangabeiras, mas não deixou de frequentar o Campo do Lazer?

AS – *Não, não deixei de frequentar o Campo do Lazer. O Campo do Lazer era parte integrante... a gente saía do Parque das Mangabeiras com vinte quadras disponíveis que tinha lá e descia para jogar no Campo do Lazer, a turma toda.*

RS – Interessante esse deslocamento dentro da cidade para vocês voltarem ao Campo do Lazer. Por que lá realmente tinha a turma, não é?

AS – *Tinha a turma. Várias pessoas que estavam no Parque das Mangabeiras que faziam parte da turma e as outras que não eram, mas que estavam lá.*

RS – E a partir daí você começou a disputar os campeonatos?

AS – *É, naquela época tinha vários eventos, Copa Itaú e esses campeonatos. Na época que a peteca era muito praticada, ela tinha o nível técnico bom, porque tinha muito petequero, bastante petequero mesmo. Me parece que em termos de Brasil, a Copa Itaú só perdia em número de participantes para a corrida de São Silvestre. Eram muitos participantes e com um detalhe, tinha uma premiação boa em dinheiro e a turma, além do prazer, visava a grana!*

RS – Isso atraía, não é?

AS – *Atraía, a grana atraía. Até que, na época, era como a gente arranjava a grana também. Só sei que normalmente a gente ia para as finais de quase toda Copa Itaú. Normalmente, quase toda Copa Itaú eu fui para a final e o objetivo era chegar na final já com o prêmio rachado para garantir uma graninha, entendeu?*

RS – Ah, vocês já combinavam?

AS – *Combinávamos. Primeiro e segundo lugar tinha um valor. E a gente somava esse valor e dividia, independente de quem fosse campeão.*

RS – Mas na quadra o pau quebrava? Quem ganhasse... Não tinha combinação não?

AS – *Não, aí não. Só mesmo a premiação. Eu sei que uma vez nós fomos para a final com uma turma que grana para eles não era problema, mas eles tinham um nível técnico melhor do que o nosso. Talvez melhor do que o nosso.*

RS – Quem eram?

AS – *O Sócrates e o Serginho Mendes, filho do pessoal da Mendes Júnior, onde grana para eles não era problema. Quando eu e o Adair, que era o meu parceiro na época, falamos em rachar, eles falaram Não, não, vão pro jogo! Não tem esse negócio de rachar não! Beleza, fomos para o jogo e perdemos. Mas foi bom, sobrou uma graninha também.*

RS – Interessante isso. Quantas Copas Itaú você jogou?

AS – *Eu joguei todas [risos]. Eu não sei quantas foram. Eu joguei todas.*

RS – E ganhou quantas?

AS – *Ganhei três.*

RS – Bacana.

AS – *Parece que eu ganhei três. Tem a Copa Chevrolet, que eu ganhei também, que depois substituiu a Copa Itaú. Não logo depois da Itaú veio a Copa Bamerindus. Eu ganhei com o Clebinho. Depois veio a Copa Chevrolet ou Kaiser, eu não lembro.*

RS – Foi a Kaiser primeiro.

AS – *Foi a Kaiser? Que eu ganhei também.*

RS – Teve um ano que foi Brahma...

AS – *Brahma eu perdi a final com o Maurício Campolina. Eu perdi para o Vâner e o Geraldo Esquerdo. Depois veio a Copa Chevrolet, que eu ganhei com o Mayrink. E foram essas Copas aí. Mas durante essas Copas, a Copa Chevrolet foram duas ou três... eu ganhei uma perdi duas...é foram vários eventos aí, mas com a regularidade desses grandes campeonatos, talvez um ou dois eu não cheguei na final. Disputei todas as finais da época. E com um detalhe. A turma nossa no Campo do Lazer, o tênis era colado com pneu de bicicleta. Que era asfalto, o tênis gastava rápido e a gente fazia uma sobre-sola nele com pneu de bicicleta. Cortava o formato do pneu de bicicleta e colava por baixo do tênis.*

RS – Durava mais...

AS – *Durava mais. Aquilo pesava um quilo em cada pé. Totalmente diferente do que é hoje não é.*

RS – Mas você encarava o pessoal dos outros tênis de igual para igual?

AS – *De igual para igual. Dentro da quadra era normal. A gente era adaptado ao Campo do Lazer. Ali parece que... a gente sentia mais confiança jogando ali. Parece que quando a gente saía dali o nível técnico da gente caía. Vai para um clube sabe... não era a mesma coisa.*

RS – Você acha que tinha alguma coisa no Campo do Lazer?

AS – *É, eu lembro que os torneios do Henrique Bertholino, eu me considerava um bom jogador mas nunca passei para... nunca disputei uma final. Acho que dava uma... Eu acho que o CL era parte integrante nossa, a gente gostava mais de jogar no Lazer. Lá que era a casa da gente, onde estava todo mundo ali, um torcendo pelo outro... era mais seguro jogar lá.*

RS – Acho que você matou uma pergunta minha, mas eu vou fazer assim mesmo. Era melhor jogar os torneios no Campo do Lazer ou nos estacionamentos de shopping?

AS – *No Campo do Lazer sem sombra de dúvida. A peteca se divide em duas fases, em antes e depois do Campo do Lazer. Antes do Campo do Lazer, durante o Campo do Lazer a peteca foi uma. Depois do Campo do Lazer a peteca, na minha opinião teve uma queda vertiginosa.*

RS – A que você atribui essa atração tão grande do Campo do Lazer para a população de petequeros de Belo Horizonte, para o grupo de petequeros de Belo Horizonte?

AS – *Porque naquela época era o seguinte. Naquela época, não era fácil ser sócio de clube. Clube era para quem tinha um poder aquisitivo maior... para você frequentar um clube. E lá não. Lá era aberto e o pessoal que gostava do esporte e que queria praticar tinha que ir para o Campo do Lazer, tinha que ir para lá. Então esse pessoal que gostava, que jogava lá, adquiriu um nível muito alto, o que ele*

*fez. Atraiu aqueles bons jogadores de peteca de clubes, igual eu falei, do Minas, do PIC...*

RS – Fez o movimento inverso não é?

*AS – O inverso, é. Ao invés do pessoal sair do CL para ir para os clubes, o pessoal dos clubes que ia para o CL. Primeiro que as grandes competições eram lá também. Era o local das competições. E segundo, por causa do nível técnico mesmo. O nível técnico lá era muito bom. Era aberto, não tinha horário, abria as sete horas da manhã, não fechava. Sentava o pau direto, feriado, final de semana... você não tinha nada para fazer, você ia para o CL divertir, jogar peteca de sete as sete [risos].*

RS – Muito bem. Eu perdi aqui, agora, mas me conte, a partir como você foi aproximando da peteca como um trabalho?

*AS – Bom, como trabalho, foi o seguinte: eu em 1986... ao lado do Campo do Lazer tinha uma fábrica de peteca do Mário Gomes, chamava Toque, Peteca Toque.*

RS – Do lado do Campo do Lazer?

*AS – É, na Bernardo Guimarães, no quarteirão de baixo, do Mário Gomes, chamava Peteca Toque. Ele tinha até uma quadra na casa dele.*

RS – E é vivo ainda esse Mario Gomes?

*AS – Mário Gomes é vivo ainda. Ele estava meio adoentado, acho que fez uma safena, era bom jogador de peteca lá do Clube Quinze Veranistas. Quem... eu devo muito ao Mário, porque com essa fábrica de peteca dele... o Mário, ele começou a fabricar peteca para o consumo dele, talvez pela quadra dele e para os amigos dele. Só que na época do Campo do Lazer, eu comecei a pegar algumas petecas com ele para vender. Eu colocava no carro e saía vendendo pelo interior.*

RS – Na época você tinha perdido seu emprego da Assembleia?

*AS – Tinha. Aí eu pegava as petecas do Mário e o Mário foi aumentando a produção dele. E eu vendia a produção do Mário toda. Ele não dava conta de fabricar para eu vender. Eu saía pelo interior com essas petecas dele e ele foi aumentando a produção. E por mais que ele aumentava, eu vendia as petecas dele por todo o canto. Em Montes Claros, Janaúba, todo lugar... Triângulo (mineiro) e nisso eu fui implantando a peteca também entendeu. Colocando a peteca.*

RS – Você vendia as petecas para clubes e no interior...

*AS – Clubes, associações de bairro, lojas, ia vendendo a peteca dele.*

RS – E onde você chegava, você vendia fácil?

AS – *Vendia fácil, vendia fácil. A peteca, naquela época, tinha muito praticante. No interior, o pessoal foi pegando o gosto pela peteca e eu te falo que tinha rua em Montes Claros, por exemplo, que o pessoal não tinha rede, esticava uma faixa dessas de propaganda na rua, de um poste ao outro, marcava a rua ali e você passava no bairro, tinha cinco, seis quadras na rua fechada com o pessoal jogando peteca. E a peteca... Nisso ela foi engrenando, muito praticante e eu só vendendo peteca. Depois o Mário não deu sequência na fábrica dele...*

RS – O que ele fez, ele vendeu?

AS – *Não, o Mário não vendeu. É aquilo que eu te falei, ele tinha uma condição financeira muito boa. Depois eu acho que ele cansou de fabricar, parou com a produção dele e eu já tinha meus clientes que precisavam da peteca e passou a ser o meu trabalho, minha fonte de renda, porque era como eu ganhava o meu dinheiro, aí eu passei a pegar as petecas da Pequita. E nisso eu iniciei na Pequita. Depois eu peguei as petecas e depois eu passei a ser representante da Pequita, a vender todos os produtos da Pequita. É o que eu faço hoje. Hoje eu sou promotor de vendas da Pequita. Eu vendo os produtos da Pequita, onde eu viajo e faço todo o interior de Minas, Brasília, Distrito Federal, agora Rio de Janeiro. Estou sempre na estrada com produto deles. É o produto que eu vendo hoje.*

RS – E naquela época do Campo do Lazer, você tem uma dimensão de quantas petecas você vendia por mês?

AS – *Tenho, tenho. Renato, eu vendia uma média de 700 a 1.000 petecas por mês nessa época. Que era um número, para quem vendia à pronta entrega, igual eu fazia, que eu pegava, levava e entregava. É totalmente diferente de hoje. Hoje eu não carrego peteca. Eu tiro pedido, hoje a venda é muito maior. Hoje você vende para pessoa jurídica. Antes eu vendia só para pessoa física, sem nota. Cinco ali, dez ali, três ali, uma vez numa rua que eu passava, entendeu. Era um volume alto levando em consideração que era só para pessoa física, era um volume alto. Totalmente diferente do que é hoje. Hoje você vende para pessoa jurídica, compra uma caixa fechada. Naquela época ninguém comprava caixa e só vendia para associação de bairro, pessoas físicas mesmo, armarinhos, nem loja grande não era, porque loja queria nota. Eu não tinha nota. Vendia a varejinho mesmo. Eu não era representante da Toque. Eu pegava a produção dele todinha, colocava no carro, colocava um preço em cima e vendia no interior, entendeu.*

RS – E hoje você vende mais ou menos quantas petecas por mês?

AS – *Oh Renato, é difícil eu te falar, porque, o que acontece, eu como promotor de venda, já tenho meus clientes. Muitos pedidos são feitos direto. Eles ligam direto para a fábrica. Então eles ligam direto e eu vejo a venda e normalmente eu não olho os itens, se foi rede, se foi peteca, você entendeu? Isso teria que fazer um levantamento. Eu não tenho como te responder essa pergunta não. Eu vendo,*

*como sou o único representante, a produção toda. Não digo toda porque tem muito cliente lá que eu não visito em outros estados, que não são clientes meus.*

RS – Então quando o pedido é feito direto, o seu trabalho é mais de relação com o comprador... de dar assistência...

AS – *Porque, o que acontece, veja bem, meu trabalho é o seguinte: meu trabalho é divulgar e vender o meu produto, no caso, a Pequita. Então a partir do momento que eu abri, eu volto neles, eu estou sempre dando assistência para ele, mas se uma hora ele precisar e ligar direto, como foi um cliente que eu abri, eu ganho comissão, entendeu?*

RS – Claro.

AS – *Então eu não sei te especificar a quantidade de peteca. Teria que fazer um levantamento. Não sei ao certo.*

RS – Marrom, lá pelo final dos anos oitenta, os campeonatos aconteciam e aí houve o interesse em mudar a regra e colocar a regra de ataque, que você joga atualmente. Sobre as regras de ataque, qual foi o efeito da regra de ataque no jogo de peteca?

AS – *Foi a melhor coisa que aconteceu Renato. Vou te falar por que: a peteca para se jogar era bom, mas para assistir era horrível. O campeonato não tinha tempo. Era partida de vinte pontos e a peteca é um esporte onde defender é mais fácil do que atacar. Então se você erra é ponto do adversário, o que acontecia, todo mundo ficava jogando no erro do outro. Você só tinha um fundamento na época, só a defesa. Aí com essa mudança da regra você precisou dos dois fundamentos, ataque e defesa. Você teria que ter uma boa defesa e um bom ataque para se ganhar não é? Agora, o tempo também foi importante porque não tinha condição. Não podia fazer campeonato porque tinha tempo de jogo lá de começar em um dia e no outro dia continuar, porque acabava a luz natural, lá não tinha luz, não era iluminado e o jogo não acabava e ia para o outro dia e ficava aquela...e agora, com essa mudança o esporte, a peteca antes, eu achava antes que era recreação. Hoje ela é esporte com a mudança da regra. Aqueles que adaptaram, evoluíram e aqueles que não adaptaram pararam. Eram vários que tinham só um fundamento, só a defesa. Não achavam que... podiam jogar com as duas mãos [gesto de mãos unidas] bater com as duas mãos na peteca, o cara não treinava as duas mãos. Então esses que não adaptaram às novas regras pararam e os outros...*

RS – Você pode lembrar alguns nomes desses?

AS – *O Sócrates foi um. Foi o melhor jogador e foi o primeiro a parar quando mudou a regra, porque só sabia defender entendeu? Foi um que nunca mais jogou e antes era o melhor, porque tinha um fundamento... Ele era determinado a não errar. Ele jogava partida de oito horas de peteca. Ele tinha um condicionamento físico bom. Então ele ficava na quadra o dia inteiro se fosse preciso. Ele ganhava*

*no cansaço do adversário. Aí era uma maratona. Depois não. Depois passou a ser corrida de cem metros e ele parou [risos]. Explosão, ele parou e não quis mais saber.*

RS – Muda tudo não?

AS – *Mudou...*

RS – Mas as pessoas continuam a jogar peteca sem ser no cronômetro...

AS – *É recreação. Peteca de final de semana, para brincar mesmo. Em vários lugares não se usa o cronômetro. Mas é porque o objetivo já não mais a competição. O objetivo aí é recreação, é reunir os amigos, dar uma suadinha bater papo, rir, e é a peteca que hoje eu faço, que eu gosto de fazer. Essa peteca sem compromisso, de estar no meio dos amigos, de recreação mesmo, sem competição.*

RS – Você tocou em um ponto importante que é a questão do contato com os amigos. No seu caso específico, o que você pode relatar sobre essa questão de formação de grupo, de ter uma amizade mais sólida...

AS – *Os meus melhores amigos. É aquilo que eu te falei, eles são do meio da peteca. A turma que eu conheço é praticamente todo mundo do meio da peteca.*

RS – E você é famoso no meio da peteca não é Marrom?

AS – *Famoso talvez por participar de todos os eventos, estar no meio. Os meus melhores amigos, o Geraldo Esquerdo que é um cara que é meu irmão. É o cara que eu mais gosto na peteca. Que a gente continua com o nosso relacionamento de anos, desde a época do Campo do Lazer, o Edson, o Serginho. São vários amigos que eu estava até te falando aí. Há pouco tempo encontramos, depois de vinte anos, vinte e tantos anos encontramos para brincar uma peteca igual a essa que eu te falei, sem tempo, sem clima de competição, mesmo para rever os amigos para...*

RS – Para celebrar...

AS – *Para celebrar. Dar um flashback.*

RS – Conte-me um pouquinho, se não lhe incomodar, sobre sua parada da peteca como competição.

AS – *Bom, a parada da peteca foi em 2006, numa seletiva do Campeonato mineiro ao qual eu era o campeão mineiro e brasileiro. Eu fui fazer uma seletiva em Betim e cheguei em Betim e tive uma parada cardíaca. Quebraram meu GPS, como diz o outro [risos]. Acordei trinta dias depois sem saber onde estava, de nada...*

RS – Você ficou trinta dias apagado?

AS – *Estive no CTI por trinta e oito dias. Totalmente sem lembrar de nada. depois que você vai tentando sintonizar de novo, mas foi uma passagem complicada, essa fase do meu problema lá. Graças a Deus, por causa da peteca mesmo, esse problema que eu tive... era um problema que eu tinha, um problema congênito...*

RS – Qual era o problema?

AS – *Coarctação da aorta.*

RS – Desculpe, qual é o nome?

AS – *Coarctação da aorta. Eu acho que é um estreitamento da válvula. Um nome assim, uma expressão médica [interrupção da entrevista].*

Continuação da entrevista

RS – Mas era um estreitamento da válvula.

AS – *É, para você ter uma ideia, eu nasci com esse problema. Os médicos questionam como eu conseguia ter aquele desempenho sendo que eu tinha um problema de coração. Mas eu era um cara que sempre pratiquei esporte, nunca tive vício. Normalmente, quando acontece isso que aconteceu comigo, o cara morre e volta mesmo. E eu morri e depois voltei.*

RS – Você dormiu um pouco mais, não é Marrom?

AS – *É, eu dormi e depois voltei. E depois de muito sofrimento, muito tratamento, estou aí de novo brincando com meus amigos, você entendeu e foi uma fase que passou e que se aprende também e toca e vida e faz parte. Normalmente você vê aí casos semelhantes ao meu, jogadores de futebol que caem no campo e realmente vão embora. Eu fiquei, acho que Deus tem alguma coisa guardada para mim, para eu fazer aqui ainda e eu estou aí. Engraçado, você falou em um negócio aí que muita coisa que eu te falei aqui Renato, eu estou ... eu tenho muita coisa para falar da peteca... muita história mesmo...*

RS – Você pode ficar a vontade...

AS – *O antes, durante e eu lembro que a minha recuperação [emoção]... tudo o que aconteceu, o antes, durante... eu tenho algumas coisas que eu estou escrevendo, que por sinal antes chamava Do Pódio ao CTI que seria o nome do livro que eu vou escrever...hoje eu até mudei o nome do livro, é Do CTI ao Pódio, eu fui campeão depois do meu problema entendeu?*

RS – Claro...

AS – *E muita coisa aí eu vou contar para frente, em outras entrevistas aí ou para frente você vai ficar sabendo. Não vou contar tudo também não, senão você não vai comprar o meu livro [risos].*

RS – Mas eu vou querer ler esse livro e você pode saber que eu vou ser um dos primeiros a comprar.

AS – *É, os campeonatos, o meu trabalho com a peteca, os amigos que eu fiz, as namoradas que você arranja nos eventos.*

RS – Então me conte só um desses aí, sobre as namoradas...

AS – *As namoradas, acho que todas eu conheci no meio da peteca. Por incrível que pareça conheci na peteca. Então, as mães dos meus filhos... foi toda uma vida em torno desse esporte...*

RS – Você teve quantas esposas?

AS – *Casado oficialmente, eu tive uma, a mãe do Pedro. O Bruno, o outro filho, com a Márcia, que é irmã de um petequeiro, o Danilo.*

RS – Ah é? Não sabia...

AS – *A irmã do Danilo e tenho uma namorada atual que é Campeã brasileira de peteca, de Brasília, a Virgínia...*

RS – Olha só...

AS – *É minha namorada atual. Então quase todas são do meio da peteca. Acho que na época da peteca, você está ali, naquele meio, com as pessoas que praticam esporte também. É um ambiente de mais contato, de aproximação. As pessoas te olham assim na quadra com aquele desempenho de atleta, de...*

RS – Vira vitrine, não é?

AS – *Normalmente, associam aquele desempenho na quadra a aquele outro. Normalmente até se decepcionam [risos]. Se não tivessem decepcionadas, teriam continuado não é [risos]..., mas é mais ou menos isso aí cara, faz parte, é legal para caramba. Minha vida é isso aí que eu te falei. Meus amigos, meu trabalho, minhas namoradas, minhas esposas que me deram agora o que eu mais curto na vida hoje, são meu filhos, você entendeu. É isso aí. Jogador de peteca é isso aí. Como eu viajo no estado todo, todo lugar tem peteca. Minhas namoradas surgiram foi na peteca. Normalmente, em todo lugar tem uma namoradinha [riso]. Você tem que arrumar alguém do meio ali. A peteca faz parte as duas coisas.*

RS – Tem que dar um tapa na peteca de vez em quando...

AS – *Também, também, com certeza [risos].*

RS – Eu vou lhe fazer uma pergunta, parece que é repetitiva, mas não é. O que a peteca trouxe para a sua vida?

AS – *É como eu te falei, a peteca para mim é tudo. É minha atividade física como recreação, é meu esporte, é a hora que eu bato papo com meus amigos, que eu vejo os meus amigos, é meu trabalho, trabalho com peteca, eu sou representante do maior fabricante de peteca do estado...*

RS – Talvez do Brasil...

AS – *Do mundo, não é [risos]. E hoje Renato, eu diria que a coisa que me dá mais prazer são meus filhos, o Pedro, de dezesseis anos e o Bruno, de nove anos, que já vão para quadra comigo para rebater uma peteca, você entendeu. Que também não é o esporte que eles preferem, mas por saber que o pai gosta, eles já entram na quadra, já brincam comigo. Meu sonho era um dia disputar um campeonato ao lado de um deles, coisa que vejo pouca possibilidade, por eles não gostarem tanto e por eu hoje, não estar mais em condição de competição.*

RS – Mas isso pode mudar, não é? Eles vão crescendo, quem sabe?

AS – *Eu brinco com o Geraldo. Eu e o Geraldo somos assim... ele foi o meu melhor parceiro de quadra. Foi o Geraldo. E como nós casamos na mesma época, a gente falava: É Geraldo, nossos filhos vão crescer juntos e nós vamos ficar na arquibancada torcendo para eles e eles vão ser os melhores. Eles vão ganhar e nós vamos estar ali tomando uma cervejinha, torcendo para eles. Ele brincava comigo, falava assim: É Marrom, mas até lá acho que nosso coração não vai aguentar não. Como, de fato, o meu pifou antes [risos]. Antes da competição. Hoje é que eu não iria aguentar mesmo os meus baixinhos lá. Mas é isso, não é o esporte favorito deles não. Ainda bem, porque a emoção ia ser forte demais.*

RS – Marrom, eu queria agradecer esta oportunidade de poder escutá-lo...

AS – *Foi um prazer...*

RS – E quero que você saiba que a sua entrevista acrescentou demais para o trabalho e que também para o desenvolvimento da peteca. Obrigado, de coração!

AS – *Falou Renato.*

## ANEXO 3

## Resolução CND15/85, que reconhece a peteca como modalidade esportiva

QUARTA-FEIRA, 30 OUT 1985

OFICIAL SEÇÃO I 15825

**CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS**  
RESOLUÇÃO CND nº 15/85

RECONHECE A PETECA COMO MODALIDADE DESPORTIVA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, no uso das atribuições que são conferidas pela Lei nº 6.251, de 1975 e pelo Decreto nº 80.228, de 1977, e CONSIDERANDO a solicitação formulada pelas Federações Mineira e Brasileira de Peteca; CONSIDERANDO que a Peteca é uma atividade física genuinamente brasileira e amplamente difundida; CONSIDERANDO que a Peteca somente pode ser reconhecida como desporto quando praticado pelas entidades desportivas; CONSIDERANDO que o reconhecimento da Peteca como modalidade desportiva representa mais uma manifestação de Identificação Cultural na busca da Cultura Desportiva Brasileira; **R E S O L V E**

1 - Reconhecer a Peteca como modalidade desportiva, sob a direção das federações no âmbito estadual e da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres, no âmbito nacional. 2 - Determinar que as entidades dirigentes e associações praticantes observem as regras desportivas atualmente em vigor nas Federações Mineira e Brasileira de Peteca. 3 - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação. SALA DAS SESSÕES, 27 de agosto de 1985. as.) MANOEL JOSÉ GOMES TUBINO - Presidente do CND.

RESOLUÇÃO CND nº 16/85

ACOLHE OS GRUPOS DESPORTIVOS ESPONTÂNEOS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 6.251, de 08.10.75 e o Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977. CONSIDERANDO que o surgimento de grupos desportivos espontâneos expressa uma manifestação cultural do povo brasileiro e uma realidade que vem ocorrendo, há muito tempo no País; CONSIDERANDO que dos municípios existentes no território brasileiro, incluídas as capitais, apenas 27%, aproximadamente, participa dos desportos oficialmente praticados; CONSIDERANDO que é dever do Estado oferecer a oportunidade da prática desportiva a todos e que, uma das formas de expressão desse dever, é a possibilidade de participação no desporto, reconhecido como oficial. **R E S O L V E:** Art. 1º - Permitir, para o desenvolvimento dos desportos, que os grupos Desportivos Espontâneos, originados em núcleos comunitários, objetivando a prática dos desportos sem se constituírem formalmente como Associações Desportivas, possam participar em competições organizadas e dirigidas por entidades do sistema desportivo nacional. Art. 2º - Autorizar as Entidades de Direção Nacional, Estadual e Municipal a permitir, em caráter transitório, experimental pelo prazo de 1 ano, a participação dos grupos Desportivos Espontâneos, definido no artigo 1º, nas competições organizadas e promovidas por elas e suas filiadas, com condições que vierem a estabelecer. § 1º - A participação de que trata o presente artigo não implicará em filiação ou vinculação dos grupos às entidades dirigentes; § 2º - Para os grupos previstos neste artigo não será exigido o alvará desportivo, e tão somente um registro especial e específico na respectiva entidade dirigente para os fins da presente Resolução. Art. 3º - As autorizações para a participação dos Grupos Desportivos Espontâneos serão sempre para cada competição, sem deixar a estes grupos direito ao processo de decisão das entidades de direção ou a qualquer tipo de voto. Art. 4º - Desde que permitida a autorização prevista no art. 2º recomendar às entidades dirigentes dos desportos, a criação de mecanismos que possibilitem, de forma efetiva, o acesso dos Grupos Desportivos Espontâneos às competições por elas organizadas e promovidas. Art. 5º - Não poderão participar dos grupos atletas federados; Art. 6º - Esta resolução não habilita aos grupos a obtenção de recursos públicos. Art. 7º - A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação. SALA DAS SESSÕES, 07 de outubro de 1985. as.) MANOEL JOSÉ GOMES TUBINO - Presidente do CND.

## ANEXO 4

Tabela de inscritos da Copa Bamerindus – 1985

FEMININO		MASCULINO	
Cat. A: 1965>1970 15 a 20 anos	32 equipes 75 atletas	Cat. E: 1967>1971 14 a 18 nos	172 equipes 424 atletas
Cat. B: 1955>1964 21 a 30 anos	23 equipes 59 atletas	Cat. F: 1960>1966 19 a 25 anos	336 equipes 859 atletas
Cat. C: 1945>1954 31 a 40 anos	11 equipes 27 atletas	Cat. G: 1950>1959 26 a 35 anos	130 equipes 344 atletas
Cat. D: até 1944 Acima de 40 anos	09 equipes 23 atletas	Cat. H: 1940>1949 36 a 45 anos	51 equipes 129 atletas
<b>Número de participante inscritos: 2.025</b> <b>Número de equipes inscritas:</b> <b>819</b>		Cat. I: 1930>1939 46 a 55 anos	22 equipes 64 atletas
		Cat. J: até 1929 Acima de 56 anos	09 equipes 21 atletas

Fonte: Revista SMES, 1985, p.18.

## ANEXO 5

Ofício da Prefeitura de Rio Brilhante-MS solicitando informações sobre o jogo de peteca.

  
 PREFEITURA MUNICIPAL  
 RIO BRILHANTE — MATO GROSSO DO SUL

Ofício nº 06/86-SAD. Em Rio Brilhante-MS., 15 de janeiro de 1986

DD: Chefe do Serviço de Atividades Desportivas da Prefeitura Municipal

AD: Sr. Presidente da Federação Mineira de Peteca.  
Belo Horizonte -MG.

ASSUNTO : Solicitação (Faz).



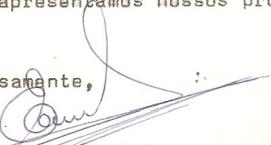
Sr. Presidente,

Com este, solicitamos os préstimos de V.Sa., no sentido de divulgar a prática da PETECA em nosso município, gostaríamos de receber uma cópia do REGULAMENTO do jogo de PETECA, bem como outras informações necessárias para a prática do referido esporte.

Deixando-nos a inteira disposição de V.Sa., em nosso município e Estado, aproveitamos para agradecer a valiosa colaboração, e atenção para com o desporto de Mato Grosso do Sul.

Na oportunidade, apresentamos nossos protestos da mais alta estima e consideração.

Atenciosamente,

  
 Edson Moreira da Silva -  
 Chefe do Serviço de Atividades Desportivas  
 Prefeitura Municipal de Rio Brilhante -MS.

Prefeitura Municipal  
 Fone: (067) 452-7391 e 452-7390  
 Rua: Mal. Deodoro nº 350 -Centro  
 79.130 -Rio Brilhante - M.S.

Fonte: Arquivo da FEMPE.